



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MARTA ALVES LEMOS

FILOSOFIA E FEMINISMOS:

Debates feministas no ensino de Filosofia, a luz do conceito de “mulher” em Simone
de Beauvoir

Recife
2020

MARTA ALVES LEMOS

FILOSOFIA E FEMINISMOS:

Debates feministas no ensino de Filosofia, a luz do conceito de “mulher” em Simone de Beauvoir

Trabalho Dissertativo apresentado à banca de qualificação no Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Recife

2020

MARTA ALVES LEMOS

FILOSOFIA E FEMINISMOS:

Debates feministas no ensino de Filosofia, a luz do conceito de “mulher” em Simone de Beauvoir

Trabalho Dissertativo apresentado à banca de qualificação no Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em:___/03/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Joana Tolentino Batista – Avaliadora Externa
Colégio Pedro II, campus Tijuca II

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos – Orientador
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Vieira Ramos – Avaliador Interno
Universidade Federal de Pernambuco

Aos meus pais
Aos meus filhos
A todas e todos
Que me possibilitam
Estar sendo – mulher.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Esméria Lemos, mulher sábia. Cujas circunstâncias de vida, a fez cultivar a força, a liberdade, e construir conhecimento para reexistir; que mesmo sem saber o significado da palavra feminista ergueu a voz protestou a nosso favor, para que não fôssemos privadas de acesso a qualquer espaço por sermos mulheres.

Ao meu pai Manoel Lemos, que na humildade e simplicidade, ensinou-me a enxergar e acreditar na bondade que existe no humano e dele não desistir.

Aos meus filhos Filipe, Thiago e Matheus, amores da minha vida, que sem direito de escolha abdicaram da mãe por longos períodos.

Às minhas irmãs: Euzita, Elenilda, Elenilza, Mardjane e Marcy, que pelas singularidades e modos de tornar-se mulher, também fui me tecendo; e aos meus irmãos: Evódio, Márcio e Marcijânio, porque sendo quem são, ajudaram-me a ser quem sou.

Àquilo que não vejo e nem posso comprovar, mas sinto em minha existência que está por perto, ajudando a traçar e iluminar o meu caminho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Junot Matos, pela liberdade me dada de pesquisa e escrita, pelos olhares a mais, que me direcionaram a novos ângulos; também, pela simplicidade e paixão pela ensinagem que nos instiga.

À Profa. Dra. Joana Tolentino pela conexão no primeiro encontro (virtual), por ter aceito participar da banca, como examinadora externa, partilhando energia e valiosa contribuição para prosseguimento da pesquisa e escrita.

Ao prof. Dr. Sérgio Ramos, pelo êxtase nas aulas e contribuições para o delinear do objeto de pesquisa, bem como pelas inquietações provocadas na qualificação.

Ao amigo Gildimar, companheiro que me levou a um futuro impensado.

À Edlânia, Elanio, Ginaldo, Ilda e Wagner, companheiros de jornada, de noites mal dormidas, das risadas e silêncios que aliviaram o cansaço fazendo 430 km entre o lar e a universidade parecerem “bem ali”.

Ao Programa de Mestrado Profissional (PROF-FILO) e aos professores do Mestrado Profissional, núcleo Recife pela experiência partilhada, em especial ao Prof. Dr. Alfredo Moraes, pelas inquietações provocadas.

Às contribuintes que através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) possibilitaram a concessão de bolsa, durante o curso do mestrado.

Às minhas alunas e alunos com quem aprendo e me renovo, que recarregam minhas energias nos encontros do cotidiano educativo.

À menina e à adolescente que me acompanham a cada dia nos encontros e desencontros de tornar-me mulher.

A partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente. (BEAUVOIR, Simone, vol. I p.260)

RESUMO

O escopo desta pesquisa é refletir sobre a inserção do tema feminismo, no ensino de Filosofia, na educação básica – nível médio. Situamos pesquisa e intervenção no conceito de “mulher” em Simone de Beauvoir, na obra *O segundo Sexo* (2019). Refletimos sobre a sala de aula como um espaço possível de ampliação de percepções dos modos de ser mulher, por meio da discussão dos feminismos. Expomos também como presenças e ausências de certas narrativas legitimam discursos sexistas, estabelecendo lugares e interdições à construção do conhecimento. Ao desenvolver o conceito de “*outro*”, Beauvoir faz uma análise existencialista das bases que justificam a condição histórica da mulher, sociedades patriarcais, que apoiando-se em narrativas, códigos de conduta e costumes “naturalizam” papéis e comportamentos como femininos, delimitando espaços de atuação da mulher. Ao afirmar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a filósofa apresenta como as experiências vividas, de acordo com o contexto histórico-social, definem de maneira singular a condição da mulher. Dessa forma, embora existam situações que nos diferenciam enquanto mulher, o patriarcado aproxima as experiências das mulheres mesmo em diferentes contextos. Discutimos como algumas mulheres, apesar de estarem ligadas ao discurso e às regras do sistema patriarcal, na busca da liberdade, de pôr-se como um, são consideradas transgressoras, pelas resistências ao modelo patriarcal, sendo postas à margem da sociedade, julgadas e repudiadas. Como proposta de intervenção do Mestrado Profissional em Filosofia – Núcleo UFPE – realizamos as atividades com alunas e alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor Mileno Ferreira da Silva, pelo Google Sala de Aula. A intervenção foi desenvolvida a partir da metodologia de pesquisa ação. Aplicamos **de** formulário, buscando identificar como alunas e alunos compreendem comportamentos “masculinos” e “femininos”, bem como perceber situações do cotidiano que perpetuam o primado patriarcal. A partir dos dados coletados, elaboramos atividades que tencionassem suas ideias, a partir de reflexões fundamentadas na obra *O segundo Sexo* de Beauvoir. As atividades realizadas indicam possibilidades e contribuições para o ensino de Filosofia, na rede pública do estado de Alagoas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Ensino. Feminismo. Simone de Beauvoir.

ABSTRACT

The scope of this research aims to reflect on the insertion of the theme feminisms in the teaching of philosophy, in the basic education - high school. Herein, we assess research and intervention in the concept of “woman” from Simone de Beauvoir’s book “The Second Sex” (2019). Additionally, we reflected about the classroom being a space for expanding perceptions of the ways of being a woman, through the discussion of feminisms. We also expose how presences and absences of given narratives legitimize sexist discourses, establishing places and prohibitions on the construction of the knowledge. Interestingly, when developing the concept of “other”, Beauvoir makes an existential analysis of the bases that justify the historical condition of women, patriarchal societies, which based on narratives, codes of conduct, and customs, softens roles and behaviors on feminine, and, consequently, they delimit women's spaces. Notably, when she attests that “one is not born a woman, one becomes a woman”, the philosopher presents how the lived experiences, according to the historical-social context, define in a unique way the condition of the woman. Therefore, although there are situations that differentiate us as a woman, patriarchy brings women's experiences together even in different contexts. Considering that, we discussed how some women, despite being linked to the discourse and the rules of the patriarchal system, in the search for freedom, to put themselves as one, are considered transgressors, due to resistance to the patriarchal model, being put on the margins of society, judged and repudiated . As an intervention proposal for the Professional Master's in Philosophy - UFPE Nucleus - we carry out some activities with high school students, from the State School Professor Mileno Ferreira da Silva, using the Google Classroom. The intervention was developed from the action research methodology. We applied a form, seeking to identify how students understand “male” and “female” behaviors, as well as perceiving everyday situations that perpetuate the patriarchal primacy. Based on the data collected, we elaborated activities that intended their ideas, based on reflections from the Beauvoir’s book “The second sex”. Finally, the activities carried out indicate possibilities and contributions to the teaching of philosophy, in the public network of the state of Alagoas.

KEYWORDS: Philosophy. Teaching. Feminisms. Simone de Beauvoir.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 -	Limitação de ações de acordo com o sexo.....	73
Gráfico 02 -	Caracterização do ambiente familiar: responsáveis, renda e delimitação de normas.....	75
Gráfico 03 -	Atividades realizadas de acordo com o sexo.....	76
Gráfico 04 -	Traços de personalidade considerados mais comuns a cada sexo de acordo com respondentes.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ENSINO DE FILOSOFIA E FEMINISMOS.....	23
2.1	PICHAÇÃO DE MULHERES E FEMINISMOS COMO DESCRENDENCIAMENTO DE SUAS IDEIAS.....	28
3	NEM SANTA, NEM PUTA: A MULHER EM BEAUVOIR.....	33
3.1	CAROLINA MARIA DE JESUS – “MAMÃE, QUERO SER HOMEM!”.....	43
3.2	MARIA MARIÁ – RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO.....	47
3.3	HILDA HILST – A OBSCENA CONSCIÊNCIA.....	52
3.4	LEILA DINIZ – SER MULHER, SENDO MÃE.....	56
3.5	A SI MESMA ENQUANTO UM – A MULHER EM BEAUVOIR.....	60
4	FILOSOFIA E FEMINISMOS – ANÁLISE DE UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL.....	65
4.1	PESQUISA SOBRE A COMPREENSÃO DE ALUNAS E ALUNOS ACERCA DE COMPORTAMENTOS “MASCULINOS” E “FEMININOS”....	71
4.2	NEM SERVA, NEM OBJETO: A MULHER EM SIMONE DE BEAUVOIR.....	84
4.3	CULTURA E NATUREZA: CONSTITUIÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE FEMININO E MASCULINO.....	89
5	SEM ENCERRAR.....	95
	REFERÊNCIAS.....	99
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO FILOSOFIA E FEMINISMOS.....	103
	ANEXO A – IMAGEM UTILIZADA NA AULA FILOSOFIA E FEMINISMOS: PESQUISA SOBRE A COMPREENSÃO DE ALUNAS E ALUNOS ACERCA DE COMPORTAMENTOS “MASCULINOS” E “FEMININOS”.....	108

ANEXO B – CONVITE PARA A AULA: NEM SERVA, NEM OBJETO: A 109
MULHER EM SIMONE DE BEAUVOIR.....

1 INTRODUÇÃO

Desejei que meu sangue circulasse nessa narrativa; desejei lançar-me nela, viva ainda, e me pôr em questão, antes que todas as questões estivessem extintas. Talvez seja cedo; mas amanhã certamente será tarde demais. (BEAUVOIR, 2018. p.09)

Quando iniciei a pesquisa a respeito dos feminismos, um questionamento suscitado, como pesquisadora, foi descobrir em que momento se deu a opção por adentrar ao estudo dos feminismos como tema nas aulas de Filosofia. Por que feminismos? Sendo mulher, seria possível manter a neutralidade da pesquisa?

Entender o cerne das inquietudes iniciais pareceu importante, pois pensava que essa compreensão apontaria para as leituras necessárias, para autoras que ajudariam a responder as indagações provocadas na percepção de ser mulher, pesquisando sobre elas – as mulheres que contribuíram para pensar a condição da mulher, e para elas – professoras e alunas, que estão na instituição de ensino/escola.

Sobre elas, porque a investigação acerca dos feminismos se dá, principalmente, a partir da histórica luta das mulheres por igualdade de condições de viver; para elas que estão nas instituições de ensino/escola, pois em se tratando de um mestrado profissional, a pesquisa deve reverberar na atuação docente, retornando ao contexto da aula. Acreditando:

no potencial das aulas de Filosofia para propor fissuras e transgressões no modelo universal, no caminho da diversidade, de pensamentos plurais, situados, abertos ao diálogo, à escuta, à diferença cognitiva, epistêmica, existencial. (TOLENTINO, Joana 2018, p. 84).

Sem definir o momento exato dessa escolha, foi possível demarcar o momento de catarse que levou a percepção de que não seria tão simples, ou talvez nem possível separar o sujeito que pesquisa do objeto de pesquisa, que haveria uma coimplicação entre sujeito e objeto.

De forma rotineira, alunas e alunos do Prof-filo fomos recebidas com alegria pelo coordenador do curso. No entanto, no início do segundo semestre, fui aclamada na recepção com um “olha a nossa feminista”! Faltam-me palavras para descrever, o que naquele momento se passou, mas de certo não era um sentimento confortável,

sentia-me perturbada de tal forma, que foi custoso ter atenção para a aula daquele dia.

Feminista, eu? O que significaria exatamente ser uma feminista? Como e quando teria me tornado feminista? As primeiras sensações remetiam à negação contundente dessa palavra.

Essa perturbação, talvez tenha delineado rumos outros à pesquisa. Porque passei a pensar que o objeto de estudo estaria intrinsecamente relacionado com as vivências de ser mulher e de todos os papéis ocupados nessa existência.

Não raras vezes, a leitura tornou-se incômoda, até mesmo angustiante ao descortinar explicações para as dores de ser filha e não filho, mulher e as dificuldades em se amar¹, de ser professora feminista, mestranda e mãe solo² de três crianças num período de pandemia³.

Era assustador o conjunto de emoções que os textos da filósofa suscitavam para perguntas que nem tínhamos elaborado, mas que se apresentavam nas inquietações em relação à forma que percebo o mundo e me apreendo como mulher, de como essa percepção vai se constituindo enquanto “verdades”.

A inquietude e o incômodo foram companheiros de pesquisa, sobretudo, ao principiar o questionamento dessas “verdades” abalizadas por questões biológicas, deterministas, que naturalizam a submissão e opressão feminina.

Amiúde, deparava-me com situações narradas pela filósofa que se aproximavam de experiências vividas como mulher, que até então não tinham explicações. Considerei, pois, importante trazer algumas narrativas dessas experiências que foram me construindo como feminista, mesmo que inconscientemente, bem como delineando metodologia, pesquisa e escrita.

Crescemos ouvindo nos cochichos da família, sobre pessoas abandonadas pelo pai. Não entendíamos, na infância, o significado de tal abandono, uma vez

¹ Sobre essa construção de amor próprio e a relação com o cuidar-se publicamos na Antologia ser mulher arte organizada pela Revista Feminina de Arte Contemporânea: Ser MulherArte com o objetivo de valorizar e dar visibilidade às diversas formas de expressão artística feminina. A primeira edição da antologia teve como tema “Porque Somos Mulheres” apresenta, através da poesia, a mulher e seu universo, as sensações, dores, prazeres e (in) submissões. Tiveram seus textos publicados 149 autoras (iniciantes, experientes, renomadas, conhecidas ou não). Textos vindos da Alemanha, Itália, Portugal, e de vários Estados do Brasil, dentre às quais tive a honra de estar com o texto: Para sempre, e sempre (p. 100).

² Mãe solo: termo utilizado para dizer que a mãe é a única responsável pelo filho, sendo o genitor uma pessoa ausente na vida dos filhos.

³ Referimo-nos a pandemia do COVID-19 eclodida no ano de 2020 no mundo inteiro.

houve a aceitação de outros filhos com a mesma companheira. O que seria diferente nesses recém-nascidos entregues para avós criarem? Por que o pai não os aceitava?

Eram meninas, o pai não as quis porque nasceram do sexo feminino, não queria ser pai de mulher. Descoberto o motivo da rejeição, faltava-nos ainda entender as bases dessa atitude, que principiou a partir das leituras que fizemos de Beauvoir (2019). Uma provável resposta se apresenta a partir da compreensão da sujeição da mulher como patrimônio masculino e não como sucessora deste,

Pelo fato de nada possuir, a mulher não é elevada à dignidade de pessoa; ela própria faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido. No regime estritamente patriarcal, o pai pode condenar à morte, já ao nascerem, os filhos ou as filhas; mas, no primeiro caso, a sociedade restringe, o mais das vezes, seu poder: todo recém-nascido masculino normalmente constituído tem o direito de viver, ao passo que o costume de abandonar as meninas é muito comum. Entre os árabes havia infanticídios em massa: mal nasciam, eram as meninas jogadas em fossos. Aceitar a criança do sexo feminino era um ato de livre generosidade por parte do pai; a mulher só entra nessas sociedades por uma espécie de graça que lhe é outorgada e não por legitimidade como o homem. (2019, vol. I, p. 118)

Pela nossa percepção, esse seria um dos fundamentos para a atitude machista, que também desencadeia a posse obsessiva sexual do masculino sobre o feminino, que não permite a muitos homens entregar a filha a outro homem, sendo mais simples não a tomar como filha desde o princípio. A respeito disso, ouvi certa vez o conselho de um homem a outro: “Não tenha filhas, para não passar pelos constrangimentos que eu passei⁴”.

Observando a vida de muitas mulheres a nossa volta, constatamos que independente da condição econômica, de status social, de posicionamento em profissões de mando, em relação ao marido, namorado ou companheiro, as dores e inquietações se assemelhavam. Haveria um ponto comum na experiência de ser mulher? Beauvoir (2019, vol. II), ao procurar descrever como a mulher faz o aprendizado de sua condição, apresenta como toda existência feminina, mesmo que singular ostentando um fundo comum.

⁴ Referia-se aos “constrangimentos” do momento de conceder a filha em casamento.

Se época e contexto histórico não são os mesmos apresentados pela filósofa, a situação das mulheres ainda se apresenta como um legado da construção do prestígio viril.

Assim, estudar Beauvoir, como ela apresenta as opressões, fugas, desejos e tantas outras questões que engendram a situação da mulher no mundo, bem como buscar a compreensão do conceito de mulher que ela nos apresenta, está sendo uma aventura de compreender-me, de perceber as alunas, as inquietações singulares de sua existência.

Começamos a compreender que o conceito de ser mulher nesta sociedade, destina-lhe a desempenhar papéis “tecidos” pelo macho. A assunção desses papéis na organização da vida cotidiana, baseada na dominação masculina e sujeição feminina nos inquietou para compreender a condição das alunas, investigando as contribuições que a Filosofia pode oferecer para essa compreensão. Mais especificamente, como poderíamos proporcionar o encontro entre feminismos e Filosofia, de modo que esta apoie discussões sobre a condição da mulher na sociedade.

Considerando que a aprendizagem do que é ser mulher perpassa diversos espaços de socialização, dentre estes a escola que pode confirmar ou problematizar comportamentos tidos como “naturais”, como inserir o tema feminismos na aula de Filosofia, incitando a reflexão acerca dos papéis e comportamentos naturalizados pelo discurso patriarcal?

Pela percepção dessas experiências como tessitura patriarcal para a mulher e por isso concatenadas a perguntas elaboradas pela filósofa Simone de Beauvoir, como: o que é uma mulher? Haveria relação entre ter nascido num corpo de mulher e as experiências que nos foram proporcionadas? Por ser mulher que possibilidades nos foram oferecidas exatamente, e quais nos foram recusadas? Que destinos podem esperar nossas irmãs mais jovens e em que sentido convém orientá-las? (2019, vol., I).

Quais seriam, então, as circunstâncias que restringem a liberdade da mulher, e quais ela pode superar? Com aporte existencialista, Beauvoir (2019) busca respostas para as conjunturas que representam dramas e conflitos singulares na situação da mulher enquanto mulher.

Como a mulher poderia encontrar a independência num mundo que a percebe como incapaz, frágil, incompleta sem um homem? Já na adolescência “ela adivinha

uma dependência que a destina ao homem, ao filho, ao túmulo” (BEAUVOIR, 2019, p. 54). Um ciclo de vida que a destina como corpo para servir, para agradar. Sendo para gestar ou cuidar, sendo esposa ou amante, sempre um corpo objeto para o outro, nunca para si.

Essa dependência é apresentada pela filósofa, como circunstancial, ou seja, são as situações que vão traçando o maior ou menor grau de restrição da liberdade da mulher no seio da sociedade patriarcal. A educação que recebe ratifica esse lugar de dependência, uma vez que a incita a desenvolver traços de personalidade volvidos à passividade como ser frágil, tolerante, paciente, sensível e gentil (BEAUVOIR, 2019, vol. II).

A pedagogia tem se reportado às concepções de que a educação pode ser uma estratégia de construção escolar de autonomia no processo de formação do sujeito, tal pressuposto implica em pensar uma constituição de seres autônomos, independentes dos cerceamentos da cultura e jogo de poder. Entretanto, a cultura que ainda persiste foi constituída por princípios patriarcais e elitista, pois continua delegando à mulher um papel secundário e dependente.

Enquanto professora de Filosofia, no Ensino Médio, da rede estadual de educação do Estado de Alagoas, situamo-nos a partir do contexto da sala de aula na qual atuamos para desenvolvimento da presente pesquisa, pois foi esse espaço que fez suscitar as inquietações apresentadas no nosso objeto de estudo.

Pareceu-nos muitas vezes que as alunas percebiam a Filosofia como algo que não lhes pertencia, como um “produto” de homens e para homens. Aliada a essa preocupação, observamos uma crescente demanda de situações que perpassam a questão de poder masculino e subserviência feminina no cotidiano das alunas – papéis de cuidadora, ajudante, abnegação de si em benefício do outro, trabalho infantil doméstico, gravidez na adolescência. Mulheres inseridas sempre em relações de poder patriarcal: “pai, irmão, marido, namorado”⁵.

Nossas pesquisas iniciais sobre feminismos mostraram que a abrangência do tema é bem maior do que podemos efetivar, dado a limitação de tempo que o curso demanda. As questões dessa temática perpassam tantos pontos quantas podem ser as problemáticas da existência humana: direitos e liberdades, raça e classe,

⁵ Não estamos tecendo quaisquer críticas das relações de parentesco ou familiares, mas apresentando como as mulheres inseridas nas relações de poder patriarcal, nos papéis de filhas, irmãs, esposas, namoradas, estão em condição subserviente para cuidar, obedecer, comportar-se, sempre para o outro, nunca para si mesmas.

estereótipos de gênero e beleza, feminização da pobreza e feminicídio são apenas alguns exemplos que podem ser tratados ao se falar sobre feminismos.

Assumimos assim tratarmos de feminismos, pelas muitas demandas singulares, mas também plurais de modos de ser e existir, os contextos sociais, econômicos e culturais que vão demandar discussões situadas em diferentes conjunturas.

Compreendemos que há uma gama de outros temas que poderiam ser trazidos a discussão, como por exemplo as contribuições de Judith Butler (SANTOS, Magda Guadalupe dos, 2019) sobre o lugar das mulheres na sociedade e as questões de gênero na cultura. Consideramos todos de igual importância nos estudos feministas, enquanto luta pela pluralidade de modos de ser, estar e relacionar-se no e com o mundo.

No entanto, em virtude da abrangência do tema e da necessidade de delimitar um espaço de estudo e intervenção possível para este momento, situaremos nossa pesquisa no conceito “mulher” a partir da obra *O segundo sexo* (2019, vol. I e II), de Simone de Beauvoir, refletindo sobre a sala de aula como um espaço possível de reflexões das possibilidades de ser no mundo.

Embora a obra já tenha mais de 70 anos, parece ainda restringir-se ao espaço acadêmico, visto que em 2015, a inclusão da célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, numa das questões do ENEM daquele ano, causou enorme agitação. A questão também provocou diversos discursos de ódio contra os direitos humanos, especialmente no que se refere aos direitos das mulheres.

O estranhamento à questão acendeu discussões exaltadas nas escolas, na sociedade, através das redes sociais e até mesmo em pronunciamentos de parlamentares que se opunham à discussão acerca da igualdade de gênero, demonstrando o quanto o texto da filósofa ainda é pouco conhecido, e talvez por isso, também mal interpretado. A opção pela obra de Beauvoir deu-se ainda por acreditarmos que a filósofa foi um marco para a entrada das mulheres no mundo da Filosofia.

De acordo com Sylvie Chaperon (1999), ao publicar *O Segundo Sexo* em 1949, Beauvoir suscitou um conjunto de discussões, tanto em defesa quanto de acusação. Essas últimas, mais voltadas para a repreensão da mulher Beauvoir, que sobre as ideias da filósofa. O debate mobilizou intelectuais de grande prestígio

naquela época. Para ela “jamais uma obra escrita por uma mulher, para mulheres suscitara tamanho debate”. Acrescenta que:

a suposta e subjugada identidade feminina ainda se filtrava apenas sob a ótica de algumas ciências, como a Biologia, a Psicanálise, a História, mas a Filosofia lhe recusava a dignidade conceitual. Era possível ler algo sobre a mulher e o feminino de uma perspectiva científica, mas não filosófica! (CHAPERON, 1999, p.37).

Para Máriam Martínez-Bascuñán “Beauvoir começou sua grande obra a partir de espaços filosóficos praticamente desabitados e com temas que, até hoje, se desprezavam decididamente como alheios ao político” (2019, p. 01). Também, de acordo com Magda Guadalupe Santos “antes de Beauvoir, feminismos e Filosofia não pareciam poder caminhar juntos, pois se revelavam saberes situados em bases cognitivas distintas” (2014, p.341).

Chaperon (1999), Martínez-Bascuñán (2019) e Santos (2010, 2014, 2019) acreditam que foi a partir de Beauvoir, que temas tidos como “privados” a exemplo de corpo, sexualidade e a condição de mulher, ganharam espaço de debate na esfera pública, demarcando o encontro entre feminismos e Filosofia. Santos afirma que foi também a partir de suas obras que “novos campos de conhecimento e saberes se abriram” (2014, p. 339). Destarte, podem “ser assumidas como um projeto pedagógico de reeducação da cultura ocidental, em bases progressivamente feministas” (2010, p.118).

Antes de Beauvoir, muitas outras filósofas defenderam os direitos das mulheres. No entanto, contextos históricos sociais levaram ao silenciamento e até mesmo a invisibilização dessas mulheres. Vozes e histórias silenciadas, muitas vezes, pelo descredenciamento de suas ideias.

Nesse sentido, a pesquisa e a escrita, embora tratada com a metodologia necessária para a produção do conhecimento acadêmico, guarda relação com a existência da pesquisadora enquanto mulher nordestina, mãe e professora e se insere em espaço e luta pelos direitos das mulheres. E por ser coerente com essa existência, faço a opção de uma escrita feminista, fazendo referência às filósofas e outras mulheres por seu primeiro nome na primeira citação, ou nos casos de referência entre parênteses seu primeiro nome será incluído após o patronímico, doravante, seguindo as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Objetamos ainda, ao uso do masculino genérico, visto que este

reforça o poder patriarcal instituído, naturalizando as formas de se pensar o homem e a mulher. De acordo com Juliana Pacheco, a “aparente neutralidade que tal termo apresenta, não tem um caráter ingênuo, de fato serve para estabelecer relações de poder entre homens e mulheres” (2015, p. 16).

Bell Hooks faz uma crítica a essa linguagem sexista, apontando como pensadores políticos, aqueles cujas obras contribuíram significativamente nas discussões contra o racismo, as desigualdades de classe e lutaram contra a opressão. No entanto, não incluíram em suas pesquisas e escrita a situação das mulheres: “eles falam contra a opressão, mas o modo como definem a libertação dá a entender que apenas os ‘homens’ oprimidos necessitam de liberdade” (HOOKS, 2019c, p. 75).

Considerando tal fato, este texto terá uma linguagem feminina, não como anulação do masculino, mas como demarcação de um lugar que se fala, como espaço de visibilidade ao que foi produzido na Filosofia por mulheres sobre mulheres.

No primeiro capítulo: **Ensino de Filosofia e feminismos**, não estamos a listar mulheres que fizeram e fazem Filosofia ou ser historicista das lutas feministas, mas a questionar narrativas que estabelecem lugares e interdições à construção do conhecimento.

Apresentamos no referido capítulo, de quais feminismos falamos e de suas relações e entrelaçamentos com a Filosofia, especialmente com o ensino de Filosofia.

Expomos também como dadas práticas e narrativas filosóficas legitimam discursos sexistas, que desqualificam mulheres e feminismos levando ao silenciamento ou anulação de suas ideias. Também, como esses e outros processos tornaram tão difícil às mulheres se identificarem como feministas.

No segundo capítulo: **Nem santa, nem puta: a mulher em Beauvoir**, buscamos proporcionar a partir de Beauvoir (2019), relacionando-a as pesquisas de Gerda Lerner (2019) e Heleieth Saffioti (1987), como a mulher sempre esteve, aos olhos dos homens em polos extremos de uma realidade humana, como é, a partir da relação que ela tem como o homem, que ela é ou não valorada.

Quando no título do referido capítulo, dizemos “nem santa, nem puta” nos referimos a esses extremos opostos que sob os princípios patriarcais não se encontram, assim como é sob a injunção do patriarcado que a mulher, a partir de

determinadas situações é nomeada pelas suas relações com o macho, ora como santa, ora como puta. Nesse sentido, alienadas de si mesmas, como se na “santa” não habitasse desejos carnis ou na “puta” não residisse anseios sagrados.

Para isso, apresentamos quatro brasileiras, que a despeito de diferenças geográficas, de raça, classe social, educação formal ou informal recebida, foram criticadas por não serem verdadeiras “mulheres”, pois, ousadamente, arquitetaram cada uma a sua própria maneira de ser mulher. São elas: Carolina Maria de Jesus (escritora, mineira, 1914 -1977); Maria Mariá de Castro Sarmiento (professora, alagoana, 1917-1993); Hilda Hilst (escritora, paulista, 1930 – 2004) e Leila Diniz (atriz, carioca, 1945 – 1972).

Mulheres que viveram e experienciaram diferentes condições de existência, no entanto, tão semelhantes enquanto busca e constituição de si mesmas, por isso próximas – no destino traçado, nas evasões de tipos, em suas existências femininas singulares. Entendemos que suas histórias aproximam-se de nossa compreensão sobre o conceito de mulher proposto pela filósofa: compreensão de si mesma enquanto Um: “um ser em si, um valor completo” (BEAUVOIR, 2019, vol. I. p. 296).

No terceiro capítulo: **Filosofia e feminismos – análise de uma intervenção possível** apresentamos o contexto e a realização das atividades de intervenção, que foram pautadas na metodologia da pesquisa-ação, estabelecendo um diálogo entre o que foi coletado/realizado com o conceito de mulher em Beauvoir (2019 vol. I e II).

A intervenção foi realizada com estudantes do Ensino Médio, na Escola Estadual Professor Mileno Ferreira da Silva, na cidade de Santana do Ipanema – AL. durante as aulas de Filosofia, pela plataforma do google-meet. A ação foi desenvolvida a partir das seguintes atividades:

1ª Atividade: Filosofia e feminismos – pesquisa sobre a compreensão de alunas e alunos acerca de comportamentos “masculinos” e “femininos” foi realizada objetivando Identificar como elas e eles compreendem esses comportamentos, buscando perceber situações presentes em seu cotidiano que perpetuam o primado patriarcal.

2ª Atividade: Nem serva, nem objeto – a mulher em Simone de Beauvoir buscamos suscitar reflexões a luz do conceito de mulher em Beauvoir (2019), acerca das funções atribuídas de acordo com o sexo que perpetuam as desigualdades de gênero. Dessa forma, embora existam situações que nos diferenciem enquanto mulher, existe um lugar comum de aproximação entre todas as mulheres: o

patriarcado que prima pela submissão da fêmea ao macho, engendrando dependências e inferioridade.

3ª Atividade: Cultura e natureza – constituição de estereótipos de feminino/ masculino propusemos, nesta ação, a discussão sobre os modos de ser e estar no mundo nas relações homem/mulher, buscando auxiliar alunas e alunos na compreensão de identidades femininas enquanto constructo cultural. Também, que a naturalização de comportamentos e modos de ser “mulher”, que condicionam sua existência, correlacionam-se a formas de ser “homem”, também construídas.

Buscando tensionar as ideias das alunas e alunos acerca dos feminismos, nas três atividades abordamos situações que possibilitassem o debate sobre (pre)conceitos acerca das lutas feministas, bem como da apreensão destas como lutas pela igualdade.

Entendemos que a metodologia aqui realizada, assim como sua análise é apenas uma das possibilidades dentre tantas outras, que muitas outras pode ser pesquisadas/realizadas/ditas a partir de outras circunstâncias e lugares. O que apresentamos aqui é parte de um lugar, de circunstâncias, de um momento e de estudantes singulares. Por isso, é apenas uma explicitação de uma forma de trabalho e de pensar os feminismos na Filosofia.

2 ENSINO DE FILOSOFIA E FEMINISMOS

A inquietação primeva, cremos, para a docente que assume a responsabilidade de colocar-se como ensinante de Filosofia, é responder para si: qual o sentido deve ter a Filosofia para estudantes do ensino médio?

Para Beauvoir (2019, vol. II), assim como a arte e a literatura, a Filosofia se constitui como tentativas de fundar de novo o mundo, a partir da liberdade humana de criar. Dentre os viventes, apenas aquele que denominamos de humano pode exercer essa liberdade. Através desse poder criador se faz a história, assim como a partir do olhar que já se tem do passado e da análise do presente se projeta o olhar para o futuro, abalizando as necessidades de mudança de modos de ser e relacionar-se com a vida.

Mudança positivamente transformadora, pois se faz a partir da reflexão constante daquilo que nos incomoda, da inquietação e transformação nos modos de perceber a si mesmo, o outro e o mundo. Pensar este, que se pretende como um dos fatores fundantes “de um novo projeto de humanidade, comprometido com o resgate da dignidade, da vida social de qualidade, do direito de ir e vir, da conquista de uma cidadania crítica, criativa, solidária” (MATOS, 2014, p. 10).

Ora esse pensar sobre si, sobre o outro não se faz de forma assistemática, fora do conhecimento da realidade, do contexto histórico e social ao qual fazemos parte. Demanda conhecer também as bases culturais, os valores, as ideias e o conhecimento sobre os quais a sociedade se assenta, bem como foram produzidos, a quem beneficiam e o que podemos fazer a partir deles.

De acordo com a Base Nacional Curricular para o Ensino Médio (BNCC), na qual a disciplina de Filosofia está integrada na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ela tem por objetivo abordar “circunstâncias da vida cotidiana que permitam desnaturalizar condutas, relativizar costumes, perceber a desigualdade e o preconceito presente em atitudes, gestos e silenciamentos” (BRASIL, 2019, p. 564).

Neste sentido, podemos dizer que o ensino de Filosofia não consiste em apresentar conhecimentos da tradição histórico-filosófica sem discutir como, e a partir de que, tal conhecimento foi produzido. Visa muito mais em contribuir para que alunas e alunos pensem sobre o presente, sobre o que acontece dentro do contexto em que estão inseridas, como podem impulsionar ações e transformações.

Refletindo sobre o papel do ensino de Filosofia para o nível médio, Matos afirma que: “Cabe à Filosofia oferecer uma visão de mundo mais consistente; permitindo uma análise mais profunda das relações e fenômenos que se dão no interior da sociedade e uma participação mais dinâmica na vida social e política” (2014. p. 11).

Portanto, podemos inferir que esse ensino trata de auxiliar no desenvolvimento da capacidade de conhecer a si e o outro a partir de diferentes olhares, múltiplos pontos de vista, transformando esse conhecimento em formas de dialogar e conviver com o outro. Em se tratando de “oferecer uma visão mais consistente do mundo”, pensamos que, para efetivar essa consistência no olhar o mundo, é preciso ir além do que está posto, do que está aparente, considerando também o que não é dito, por silenciamento ou interdição.

Em suas memórias, a filósofa Beauvoir aponta como seu olhar sobre si mesma e sobre o mundo, foi sendo afetado pelas circunstâncias do seu presente, bem como a partir do diálogo que mantinha com outros filósofos e não filósofos (2018a, 2018b, 2018c).

Na elaboração de seus conceitos filosóficos, Beauvoir, demonstra que suas inquietações eram voltadas aos fenômenos existenciais, aliadas à análise das circunstâncias em que estava inserida e dos acontecimentos de seu tempo. No entanto, “percebia a verdade do mundo como algo fixo” (2018a. p. 487), desconsiderava em parte a relação entre sua existência e a existência das outras pessoas. Foram as brechas que se abriram em sua experiência, que a levou a olhar adiante do conhecimento que já possuía, procurando definir sua relação com outras pessoas e assumindo-se como sujeito que a partir de suas relações transforma e também é transformado “Achei que queiramos ou não, agimos nos destinos estranhos e devemos assumir essa responsabilidade” (Ibidem, p. 494).

Ela passara, quando criança pela I Guerra Mundial. Já formada em Filosofia, olhava agora para os horrores da II Guerra Mundial, que imprimiu em seu pensamento um olhar mais atento ao mundo, assim como a si mesma em relação às outras pessoas. Até então, ela considerava que sozinha, construiria seu próprio futuro, não considerando a situação e as interferências de outros, mesmo que desconhecidos como fatores delineadores da existência. Refletindo como as experiências desses períodos provocaram mudanças em sua forma de olhar e compreender o mundo, Beauvoir afirma que:

A guerra mudara minhas relações com tudo... não reconheci mais os lugares, as gentes, nem a mim mesma. Eu pensara que a verdade do mundo era fixa: ela permanecia ainda semiatolada num mineral que os anos iriam desgastar ou que a revolução subitamente pulverizaria. Que mal entendido! Eu não vivera um fragmento de eternidade, mas um período transitório: o pré-guerra. A terra revelava-me outra face: desencadeavam-se a violência e a injustiça, a estupidez, o escândalo, o horror; a vitória mesma não ia inverter o tempo e ressuscitar uma ordem provisoriamente transtornada... E a História, arrastava, de cambulhada, momentos gloriosos e um amontoado de dores sem remédio (2018a. p. 487, 488).

Assim como a filósofa, outros filósofos foram afetados pelas vivências de histórias, política e cultura de sua época. Tecendo uma crítica sobre a construção do cânone da Filosofia, Joana Tolentino apresenta alguns filósofos que foram influenciados e produziram importantes conhecimentos para o saber filosófico. Com isso, afirma o valor de tomar a prática filosófica para pensar a respeito das “questões que nos afetam hoje – que tecem o amanhã e que estão entrelaçadas com o que vivenciamos ontem, com a nossa história, sociocultural e também pessoal” (2019, p.93).

A humanidade já passou por intensas mudanças em sua história, na forma como as pessoas se relacionam, se movimentam, se comunicam. Cada período e cada mudança que afeta a vida e as relações demandam um pensar contextualizado. Embora o que já foi produzido em todas as áreas de conhecimento não deva ser ignorado, diante de novos fenômenos o que já foi pensado e produzido poderá não mais responder as lacunas que se abrem, demandando, inclusive, questionar o próprio conhecimento que já fora produzido.

Em se tratando da Filosofia, em específico, já foi demonstrado que tem sido sexista e excludente ao privilegiar a fala do masculino em detrimento do feminino⁶. Vários foram os filósofos que auxiliaram na construção da ideia do “ser mulher” como o “outro”, o desprezível, o inessencial, quando menos preconceituoso: o mal

⁶ PACHECO, Juliana (2015, 2016). GARCIA, Dantielli Assumpção. PEINHOPF, Anna Deyse Rafaela (2020). Outras referências são citadas ao longo do texto. Chamamos a atenção para a produção, dentro do Prof-filo para dois trabalhos apresentados em 2019, que também demonstram a invisibilidade das mulheres nos livros didáticos de Filosofia: MARIZ, Ana Paula Medeiros de. **A invisibilidade da mulher na Filosofia** – uma análise a partir de sua ausência nos livros didáticos do ensino médio. Caicó, 2019. ARAÚJO, Iron Mendes de. **Em busca das mulheres na Filosofia: a participação das filósofas nos livros didáticos de Filosofia do programa nacional do livro didático** – 2018. Recife, 2019.

necessário⁷. Na Grécia antiga, “ela não tem sequer a liberdade de se indignar” (BEAUVOIR, 1999, p. 127), apesar dessa situação, muitas foram as filósofas da antiguidade, a luta pelo direito de ser tratada como uma semelhante ao homem, já estava presente nos protestos de Safo, Aspásia, Frineia e outras que, fugindo ao destino imposto para a mulher, são rechaçadas da sociedade⁸ (BEAUVOIR, 1999).

Como os valores que determinam o comportamento feminino chegaram até nós constituindo-se como verdades inquestionáveis? Por certo, não foi a Filosofia que “inventou” a inferioridade da mulher. No entanto, talvez caiba a Filosofia, contribuir na discussão do ser mulher enquanto constructo cultural, oferecendo subsídios para a ruptura com o senso comum.

De acordo com Beauvoir, essa ruptura não é possível sem a compreensão dos “problemas que se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, esforcem-se por forjar um futuro novo” (2019, p.11).

Talvez possa parecer uma forma de exclusão do homem, discutir na aula de Filosofia, acerca do que é ser mulher. No entanto, de acordo com Beauvoir “assim como o antissemitismo não é problema judeu; é nosso problema, o problema da mulher sempre foi um problema de homens” (2019, p. 186). Portanto, não é possível discutir um problema que afeta as relações a partir de apenas um sujeito destas.

Também para Lola Aronovich (2019), ao conhecerem a história das mulheres, a vida dos alunos e dos homens também pode mudar, ao compreenderem que não foram as lutas feministas que criaram o conceito de “sexo oposto” e sim o patriarcado.

Mais recentemente, bell hooks em “o feminismo é para todo mundo” (2019) e Márcia Tiburi em “Feminismo em comum; para todas, todos e todes” (2019), reafirmam os feminismos como luta pelo viver bem de mulheres e homens.

Na perspectiva de Beauvoir, trata-se da luta pela liberdade e possibilidades da mulher pensar a si a partir e para si; e não a partir do outro ou tendo sua existência justificada para o outro; liberdade que ao fazê-la sujeito singular, poderá engendrar relações também singulares. Não anulando os afetos, o erotismo, as sensações que podem existir dentro das relações.

⁷Cf. FERREIRA, M. L. R. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

⁸ Além das filósofas que são mencionadas por Beauvoir, pode-se verificar uma relação e história de mais de 60 filósofas que viveram entre os séculos XII a.C. e XIV d.C em: MÉNAGE, Gilles. **Historia da las Mujeres Filósofas**. Barcelona: Herder Editorial, 2009.

Libertar a mulher é recusar encerrá-la nas relações que mantém com o homem, mas não as negar; ainda que ela se ponha para si, não deixará de existir *também* para ele: reconhecendo-se mutuamente como sujeito, cada um permanecerá entretanto um *outro* para o outro; a reciprocidade de suas relações não suprimirá os milagres que engendram a divisão dos seres humanos em duas categorias separadas: o desejo, a posse, o amor, o sonho, a aventura; e as palavras que nos comovem: dar, conquistar, unir-se conservarão seus sentidos (BEAUVOIR, 2019, p. 556).

Nessa perspectiva, os feminismos não seriam uma negação do homem, mas a afirmação da existência da mulher para si mesma, onde esta se projete num vir a ser para si mesma, pois a história tem demonstrado que a existência das mulheres tem sido traçada e justificada pelo homem e para ele.

Hooks (2019) chama a atenção para o contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, através do qual, muitos filósofos e filósofas aceitam a “noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente” (2019, p.253). Seria essa cisão possível, considerando o espaço de ensinagem, onde circulam afetos, emoções, aversão e aceitação? Nesse espaço que deve ser de descobertas, de contestações, de construção de sentido do que se sente, do que se vive, é possível separar os saberes e dos desejos?

É preciso assumirmos, que o ensino de Filosofia trata de auxiliar no desenvolvimento da capacidade de conhecer a si e o outro, de compreender as manifestações da existência e de provocar mudanças com vistas às relações mais recíprocas. Que “para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade” (BEAUVOIR, 1970b, p. 500). Portanto, sendo nosso campo e objeto de estudo, constituído e entrelaçado de relações, não consideramos a discussão sobre feminismos como exclusão do masculino.

Assim como a Filosofia, que se pretende como um pensar contínuo a questionar as problemáticas do seu tempo, sem desconsiderar o que por ela já foi produzido, os feminismos tratam de questionar a condição dos corpos femininos, pelas demandas de cada tempo, lugar e circunstâncias.

O voto feminino, a luta pela igualdade salarial, pelo direito ao corpo, as reivindicações de mulheres silenciadas pelo racismo ou classicismo, ou ainda por opressões que se inteseccionam; são lugares para se pensar as condições que se colocam sobre o corpo feminino nas sociedades patriarcais. Portanto “não é difícil compreender que não se pode falar em feminismo no singular” (SAFFIOTE, 1987, p. 112).

Feminismos que se colocam como campo teórico reflexivo, questionador das normas que estabelecem “a ordem”, que determinam os padrões de normalidade, os conhecimentos a serem validados ou não. Constituindo-se assim:

como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como “marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas (LOURO, Guacira, 2002, p.14).

Feminismos também como ação, como prática política, que compreende que as histórias individuais refletem experiências coletivas, as lutas feministas podem provocar fissuras no pensar a partir de muitas experiências, de múltiplos olhares. Trazendo à discussão outras vozes que historicamente também foram silenciadas ou consideradas transgressoras. Saffioti observa que como a mulher:

[...] o índio, o negro, o homossexual, o bissexual; constituem contingentes que, por definição, não podem aspirar a posições de mando. Cabe também lembrar que, na medida em que o macho poderoso é branco, heterossexual e adulto, tampouco podem aspirar aquelas posições as crianças, os jovens e os velhos, ainda que possam ser homens (1987 p. 96)

Assim, os feminismos se interconectam e se fazem nos contextos e pelas demandas exigidas. Dentre essas: indagar também acerca da produção e hierarquia do conhecimento. De como o conhecimento produzido pelas mulheres foi silenciado, mas também como foram “pichadas”, levando ao descredenciamento de suas ideias.

2.1 PICHANÇA DE MULHERES E FEMINISMOS COMO DESCRENDENCIAMENTO DE SUAS IDEIAS⁹

Contamos na introdução desta escrita como nos causou inquietação e desconforto ser chamada de feminista, e que as primeiras sensações dessa

⁹ Embora a pichação seja entendida por alguns como forma de protestar contra desigualdades sociais, por aqueles que tem poucos ou nenhum canal de expressão; também é compreendida como agressão, geralmente feita em espaços públicos e sem prévio consentimento de quem é responsável pelo espaço, encobrendo ou desqualificando o que está por baixo da pichação. No uso popular, pichar também significa falar mal de alguém com a finalidade de caluniar, difamar e desacreditar. Nesse sentido, mantivemos o termo, pois compreendemos que os corpos das mulheres aqui citadas foram afetados, como se fossem públicos, como se não lhes pertencessem, assim como o que foi usado para acusação, se configura como agressão e distorção das suas ideias para desacreditá-las.

“nomeação” remetiam a um sentimento de negação. Ao longo da pesquisa, fomos nos deparando com outras mulheres que experienciaram semelhantes sensações.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, narra que aos 14 anos, quando ao argumentar com um colega sobre suas posições acerca de determinada obra, ouviu do amigo que ela era uma feminista. Admite, que na época não conhecia o significado da palavra, mas percebeu que não era um elogio “pelo tom de voz dele, era como se dissesse você apoia o terrorismo” (2015, p.12).

Conta ainda que, no lançamento de seu livro *Hibisco Roxo*, foi interpelada por um jornalista nigeriano, e a aconselhou a nunca se intitular feminista, “já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido” (Idem, p. 13).

Hooks, também mostra como em todos os lugares que se apresenta como escritora e teórica feminista, a tendência é ouvir sobre “a maldade” dos feminismos, de como as feministas odeiam os homens, que são contra a natureza e Deus. Ela apresenta ainda como “a grande maioria das mulheres que tem se beneficiado de algum modo das reformas sociais promovidas pelos feminismos não quer ser vista como feminista” (2019b. p. 53).

Chaperon apresenta como as críticas suscitadas pela publicação da obra *O Segundo Sexo* em 1949, na França, assumiram discursos hostis a favor da moralidade e utilizaram a “invectiva e a injúria, a ironia e o sarcasmo”, em lugar de debater a tese defendida por Beauvoir, acusada de ter escrito uma obra pornográfica, obscena e libertina. Também a acusaram de:

Inventar, fantasiar, de delirar. Reprovaram-me tantas coisas: Tudo! Em primeiro lugar minha indecência [...] Era de se pensar que Freud e a psicanálise nunca tivessem existido. Insatisfeita, frígida, priápica, ninfomaniaca, lésbica, cem vezes abortada, fui tudo, até mesmo mãe clandestina (BEAUVOIR, 2018b. 190-191).

Para Chaperon, a recusa de falar sobre as ideias presentes na obra e a amplitude da controvérsia não derivaram do fato de que o livro abordasse ou não a sexualidade, mas de que uma mulher o tenha feito, “sem complexos nem meias palavras”:

Em conjunto, recusam que uma palavra crítica de mulher penetre no espaço público onde se debatem as verdadeiras questões da cidade. Trata-se de nada menos que definir o que pode ou não adquirir o estatuto de político, ou pelo menos de social, isto é, que possa ser debatido coletivamente (1999, p.53).

Entre os acusadores da obra, e “inquisidores” da filósofa, havia aqueles que usavam apenas o termo “feminista” para condená-la, embora ela só tenha se definido como feminista antes dos anos 1960, e muitas de nós ainda tenhamos inquietações ao sermos assim chamadas. De acordo com Saffioti, pela pichação que é feita intencionalmente dos feminismos “as feministas temem autodenominar-se através deste termo, em razão desta má interpretação intencional” (SAFFIOTI, 1987, p. 93).

O que ocorreu com Beauvoir em relação à obra aqui citada, não é incomum no sistema patriarcal, considerando que a luta das mulheres é uma luta contra as normas, os códigos do patriarcado e em favor da emancipação das mulheres, que historicamente têm tido suas ideias excluídas, apagadas, sabotadas e desvalorizadas. Então, até que o patriarcado deixe de existir, ele “insistirá em fazer da palavra feminismos um palavrão” (ARONOVICH, 2019, p. 22).

A inclusão da frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, em uma das questões do Exame Nacional do Ensino Médio, Beauvoir foi acusada de nazista, pedófila, baranga, dentre outros chavões “elogiosos” usados para nomear quem defende as lutas feministas (BARIFOUSE, 2015).

Mesmo antes da utilização do termo feminismos, mulheres que lutaram em favor da liberdade feminina, de sua participação em espaços públicos foram “linchadas” moralmente e até mesmo assassinadas. Portanto, é importante pensar que as relações do presente foram construídas, os estereótipos de mulher feminista ser mal-amada, querer se comportar como homem, ser contra a igreja, dentre outras acusações, não surgiu com o termo “feminismos”, se remonta a tempos bem remotos.

Martha Robles narra, por exemplo, como conflitos políticos e religiosos, desencadearam o assassinato de Hipátia de Alexandria, ao ser acusada de ser uma pagã entre cristãos:

Em um dia de quaresma do ano de 415, os monges interceptaram a passagem de sua carruagem. Assassinaram brutalmente o cocheiro e arrancaram roupas de Hipátia para humilhá-la desnuda aos olhos de todos. Maculada sua honra, destroçado seu corpo, levaram-no depois para o interior da igreja e ali a esquartejaram, separando a carne dos seus ossos com conchas e ostras (2019, p. 192).

Robles descreve Hipátia, como uma mulher de talento excepcional, apaixonada pelo saber, fiel ao sentimento de fraternidade, filósofa, matemática,

astrônoma que confiava na harmonia universal, que se comovia com a dor da existência humana.

Também foi morta por questões políticas, Olympe de Gouges, ativista política, na época da Revolução Francesa. Em 1789 propôs a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, na qual pede que os privilégios e os deveres masculinos e femininos sejam equiparados. Em sua defesa, ao ser condenada à morte ela afirmou:

Minha inocência, minha energia e a atrocidade de minha detenção sem dúvida fizeram com que esse conciliábulo de sangue realizasse novas reflexões; ao perceber-se desconfortável para inculpar um ser como eu, e que seria difícil lavar-se de semelhante atentado, considerou mais natural fazer-me passar por louca (GOUGES, 2020, p. 90).

A Declaração escrita por Gouges é considerada por Beauvoir (2019, Vol. I) como parte de um movimento feminista. De acordo com Gláucia Franco, os textos de Olympe de Gouges “compõem a história das mulheres como sujeitas de direitos e ajudam a formular a compreensão de que esse movimento compõe um campo político” (2020, p. 12). Seus textos podem servir de inspirações múltiplas para as lutas feministas, pois versam sobre os direitos das mulheres em relação à saúde, os costumes, o relacionamento amoroso, denunciam o sexismo praticado pelos próprios revolucionários. Também aborda, e condena a escravidão que “sem paralelo na natureza é constituída inteiramente pelo injusto e poderoso interesse dos brancos” (GOUGES, 2020, p. 55).

Apontamos também que durante mais de dois séculos, no que a história denomina de “caça às bruxas”; em distintos países europeus, centenas de milhares de mulheres foram julgadas, torturadas, queimadas vivas ou enforcadas, acusadas de terem vendido seu corpo e sua alma ao demônio e, por meios mágicos, assassinaram inúmeras crianças, sugando seu sangue. Acusadas de uma “luxúria insaciável” ressaltavam as debilidades morais e mentais das mulheres como origem dessa perversão (FEDERICI, 2017).

Recentemente a vinda da filósofa Judith Butler ao Brasil provocou “uma intensa campanha on-line de grupos ultraconservadores que exigiam o cancelamento de sua participação no seminário Os Fins da Democracia” (BETIM, Felipe, 2017). Além de inúmeras infâmias proferidas a ela nas redes sociais, grupos

de manifestantes queimaram bonecas em praça pública, também carregavam cartazes de “queimem a bruxa”.

Nos casos apontados acima, a condenação dessas mulheres não estava diretamente relacionadas às suas ideias, mas como pichação de suas ideias, associando-as a “valores morais” ambíguos, pois pesam diferenciadamente se quem está em julgamento for mulher ou homem.

Uma construção histórica que hierarquiza conhecimentos, desqualificando a produção de mulheres e de seus saberes que emergem das experiências vividas enquanto corpos. Beauvoir já denunciava essa dicotomia ao criticar ideias difundidas por alguns escritores e também filósofos de que a mulher seria desprovida de razão “mas a causa da mulher é antes desacreditada por essas doutrinas que em lugar de a assimilar ao homem a opõem a ele, reconhecendo-lhe a intuição, o sentimento, mas não a razão” (2019, Vol. I, p. 164).

E o que tem o ensino de Filosofia com isso? Não se trata de construir situações sociais em que cada um possa desenvolver suas potencialidades? Assumindo que trata-se de oferecer um olhar sobre si e sobre as relações com o mundo; de forma a contribuir com a participação na vida social e política. Ou seja com uma democracia para todas e todos, que signifique a convivência de diferentes pontos de vista, de distintas perspectivas de relacionar-se consigo e com as outras pessoas. Se em relação a Filosofia “acreditamos ser ela uma das chaves para a construção da cidadania apontada pela legislação como um dos fins da educação escolar” (MATOS, 2014. p. 11), então ela tem muito a se pensar.

Porque nenhuma educadora ou educador pode operar tamanha revolução, tão pouco assumimos que o ensino de Filosofia poderá dar conta, mas ela poderá dar sua contribuição. Como por exemplo, trazer para dentro desse “pensar” a multiplicidade de vozes e existências e refletindo sobre as categorias hermenêuticas e epistêmicas na seleção de textos filosóficos.

Apontamos no capítulo seguinte, algumas mulheres que pensaram a vida de forma singular; não estamos com isso, categorizando-as como filósofas, mas que talvez elas e muitas outras vozes tenham muito a nos dizer, pois concordamos com Beauvoir quando apresenta “que para elucidar a situação da mulher, são ainda certas mulheres as mais indicadas” (2019, Vol I, p.24).

3 NEM SANTA, NEM PUTA: A MULHER EM BEAUVOIR

A partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente. (BEAUVOIR, vol. I, p.260)

Ao longo da história, a mulher¹⁰ foi apresentada pelo homem de diferentes maneiras, porém, nunca como igual, a visão masculina do feminino foi sempre pautada pela ideia de outro, aquele que é diferente, que causa sempre uma estranheza. A categoria de outro a qual nos referimos aqui, trata daquele posto pelo Um como diferente de si, que enquanto afirma-se como o Um define outrem como inessencial. Para Beauvoir:

Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão na mulher? (2019, vol. I, p. 14)

Considerando primeiramente os mitos, a filósofa apresenta como o homem foi construindo a ideia da mulher enquanto outro. A partir de arquétipos que foram sendo forjados “através das cosmologias, das religiões, das superstições, das ideologias, da literatura” (BEAUVOIR, 2018, p. 189) foram delineando uma mulher ora responsável pela vida ora adutora da morte. Assim, houve sempre um correlativo oposto aos tipos exigidos à mulher, de acordo com as necessidades de cada época: mãe – madrasta cruel; pecadora – santa; esposa – amante; inocente – ardilosa; anjo protetor – porta do diabo.

No modus operandi do patriarcalismo a mulher ora é apresentada como a heroína do lar, a figura casta e santa que pela maternidade representa o singelo gesto da mãe do salvador, em sua incondicional entrega, primeiro ao pai, depois ao filho. Ora é a bruxa, a concubina, a feiticeira, a pecadora que desafia os cânones e, por isso, passível de todos os castigos e penalidades, para extirpar o mal, pois ela encarna as tentações carnis, do sexo, do demônio. De acordo com Beauvoir, para extirpar o mal, redimindo pecadora e a comunidade da qual faziam parte, muitas

¹⁰ Pela temática de nossa pesquisa, a saber: os debates sobre feminismos na aula de Filosofia, a partir do conceito de mulher, na obra *O Segundo Sexo*, da filósofa Simone de Beauvoir, entendendo que o estudo da mulher realizado pela filósofa é a partir da situação da subordinação do sexo feminino ao sexo masculino, justificamos a opção de utilizarmos os termos homem e mulher, assim como feminino e masculino, macho e fêmea em nossa escrita.

mulheres foram queimadas apenas pela sua beleza “e na pudica hostilidade das virtudes provincianas, contra as mulheres de maus costumes, perpetua-se um velho terror” (2019 vol. I. p. 259).

Quando pela falta de compreensão acerca do processo reprodutivo, vista como detentora de um poder, uma magia inalcançável pelo sexo masculino, caminha da percepção de produtora de vida, quase uma divindade, uma mágica “boa”. Para visão da mulher enquanto “bruxa” ou mística do “mal”¹¹, ou ainda aquela que conduz o homem ao pecado e a morte, essas deveriam ser perseguidas e exterminadas.

Silvia Federici (2017) apresenta como a “caça às bruxas”, numa campanha contra o corpo da mulher, a imposição de medo levou à morte de milhares de mulheres na fogueira, buscando destruir o controle que elas exerciam sobre a função reprodutiva, o que fortaleceu o regime patriarcal, tornando-o ainda mais opressor, obrigando pelo medo e terror impostos, o confinamento das mulheres ao espaço doméstico.

“O mundo sempre pertenceu aos machos” (2019, p. 95), dessa forma Simone de Beauvoir inicia a segunda parte de sua obra *O segundo Sexo*, volume I: Fatos e mitos. Dessarte, após ter analisado a situação de sujeição das mulheres aos homens, a partir das categorias biológicas, psicanalíticas e do materialismo histórico, considera-as insuficientes para justificar as mazelas enfrentadas pelas mulheres em relação à submissão, opressão e objetificação.

No entanto, não recusando as contribuições das categorias já referidas para estudo da condição da mulher, a filósofa apresenta, numa perspectiva existencialista, como o patriarcado foi se estabelecendo histórica e culturalmente, de distintas formas em diferentes partes do mundo, delineando a mulher como “o outro”, cuja existência é justificada para e pelo homem, nunca para ou por si mesma. Para ela, a situação da mulher no patriarcado “é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro” (Ibidem, p. 26).

O mundo masculino, ao mesmo tempo em que se beneficia das virtudes da “santa” para sinalizar honradez e moralidade, utiliza-se da “puta” para realizar seus

¹¹ Simone de Beauvoir trata, no volume I da obra *O Segundo Sexo: fatos e mitos*, como essa dualidade foi sendo delineada para a mulher, nesse sentido ela estará sempre em opostos, ela será vida ou morte, a mãe salvadora ou a mulher pecadora que trouxe todo o mal para a humanidade. Dentre várias figuras que a filósofa apresenta para essa afirmação estão: Pandora e Atená, Eva e Maria, Aspásia e Lucrecia.

desejos carnis, que perante aos princípios patriarcais não são revelados no convívio social, assim, “nas trevas da noite, o homem convida a mulher ao pecado, mas em pleno dia repudia o pecado e a pecadora” (BEAUVOIR, 2019 vol. I. p. 258). De fato, a legitimidade do ser mulher passa pelo reconhecimento masculino, que a classifica como “isso” ou “aquilo”; é ainda através dessa construção que se define o espaço a ser ocupado por ela e o valor que terá perante a sociedade.

Sujeitadas como “o outro”, as mulheres tornam-se objetos de posse do masculino, que designa-lhe um destino, e mesmo quando “estas começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens” (BEAUVOIR, 2019, v.1, p.17). Ou seja, as regras, a cultura, as leis são feitas por eles e em benefício deles, da perpetuação de seu lugar de poder, de proprietário do mundo e, conseqüentemente, de tudo que nele há, incluindo aí a mulher que para o homem não está na categoria de humano.

Aquelas que segundo o patriarcado, se conduzem como mulher ideal (mãe, esposa, submissa, pura) um espaço de “glória”: o altar, a “honra” de ser escolhida, para estas o destino de “dona” de seu próprio lar, a auréola de trazer à vida filhos e filhas. No entanto, não passam, com isso, de servidoras, cujo presente e futuro por elas não são decididos, pois, as atribuições que lhes exigem para a obtenção de tal privilégio, não passam de um engodo.

Na pureza da santa ou no paraíso da maternidade, de qualquer maneira, a mulher é engodada à servidão, não podendo ser para si, vê-se num mundo que sua existência não se justifica por si mesma. De acordo com Beauvoir, é o destino da mulher na sociedade patriarcal “devotar-se aos filhos, ao marido, ao lar, à propriedade, à pátria, à igreja”, ou seja, seu corpo será sempre um objeto destinado a outrem (2019, vol. 1, p. 306).

Para tanto, suas experiências de vida serão direcionadas ao altruísmo, a ideia de cuidadora, associadas a características que lhe devotam à passividade como ser submissa, dedicada, amorosa, frágil, sensível, como se tais atributos fossem essência do feminino. Ao naturalizar essa abnegação, a renúncia de si mesma pelo bem dos filhos, do marido, da família, a sociedade patriarcal abona o homem como chefe, cabeça, herói, ratificando seus privilégios sociais e políticos.

Beauvoir (2019, vol. I e II) reflete sobre o casamento como finalidade constituída para a mulher na sociedade, dessa forma, sua existência só é justificada se para servir. A filósofa apresenta como o casamento foi utilizado em diferentes culturas e períodos históricos, para coibir o comportamento feminino, assim como colocá-la como objeto da posse masculina. Também aponta como a sociedade patriarcal tem imposto o casamento como escopo da existência feminina:

Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição. (BEAUVOIR, 2019, vol. II, p. 185).

Em suma, será pelo papel exercido em relação ao homem que a sua existência será justificada, assim como se definirá seu valor na sociedade. Ao apontar que é em relação ao casamento que se define a celibatária, vemos que a filósofa acrescenta que isso acontece independente do que sente a mulher em relação ao casamento, pois ela será valorada ou não de acordo com o posicionamento que tomar para si.

Analisando a situação da mulher em termos de liberdade, das possibilidades que a fêmea, através do corpo apreende o mundo a sua volta, Beauvoir apresenta como as circunstâncias existenciais restringem a liberdade da mulher, assim como os caminhos de superação por ela construídos, colocando a situação da mulher, não como um destino, mas como uma construção, passível de ser modificada.

No entanto, suas escolhas para seu corpo serão, amiúde, julgadas pela sociedade, que lhe exige que cumpra “seu papel de mulher”, a serviço do macho, seja em prol dos cuidados domésticos, do prazer ou da procriação¹².

¹² Mesmo aquelas que assumiram suas vontades, tornando-se donas do próprio corpo e puderam evadir-se do destino traçado a despeito de um corpo físico de mulher, ainda sofrem interferências nas raízes do patriarcado. De acordo com Silva (2019), uma média de seis mulheres lésbicas foram estupradas por dia, no ano de 2017, muitos desses casos reportados como “estupro corretivo”, ou seja, o estuprador pensa estar aplicando uma correção diante do “desvio do desejo sexual” da vítima. Num dos exemplos apontados a autora narra um caso ocorrido em 2018 em Niterói, Rio de Janeiro, uma jovem de 22 anos foi agredida a tapas e socos e estuprada enquanto ouvia seu agressor gritar-lhe que agora ela aprenderia a gostar de homem. Sobre o papel de procriadora, vemos que não temos muitas escolhas, mesmo quando feita objeto de desejo, o direito sobre seu corpo em relação à gravidez ainda lhe é negado, embora previsto em lei em casos de estupro (art. 128 do Código Penal). Citamos como exemplo o caso ocorrido no Brasil em 2020, que teve amplo debate nas redes sociais, de uma menina de 10 anos, estuprada desde os 6 anos, que para garantir a interrupção da gravidez, precisou sair do seu Estado.

Várias teóricas¹³ além de Beauvoir (2019, vol. I), se debruçaram sobre as origens do patriarcado, oferecendo-nos contribuições significativas para nossa pesquisa. Por conseguinte, optamos neste texto, por não adentrarmos nos aspectos históricos e bases socioculturais que o fundaram enquanto sistema de hierarquia do homem para com a mulher. Mas procurar apresentar como ele está presente na nossa sociedade, assumindo formas mais ou menos agressivas de acordo com raça, classe social e espaço geográfico, dentre tantas outras categorias.

Para tanto, apresentando o conceito de mulher em Beauvoir (2019), tentaremos relacioná-lo às pesquisas de Guerda Lerner (2019) e Saffioti (1987) acerca do patriarcado como sistema de dominação masculina, ratificando-o como categoria que engendra e atravessa outras formas de dominação, como as práticas paternalistas e as opressões de raça e classe.

Embora Beauvoir (2019) não apresente um estudo sobre a situação existencial dentro das categorias raça e classe, expõe como os fatos que perpassam a dominação masculina sobre o sexo feminino assumem valores diferentes de acordo com contextos históricos, culturais, sociais e econômicos.

Para a filósofa as circunstâncias históricas têm um peso no destino da fêmea, mas não como uma mulher universal, pois é a conjuntura na qual está inserida que determina, mais ou menos, sua condição de subordinada, assim como define suas possibilidades.

Na situação da maternidade, por exemplo, a filósofa argumenta que pesa muito mais se a mulher tem muitos filhos, se ela alimenta e cuida sozinha destes ou se ela decide e existem serviços que a auxiliem durante a gravidez e no cuidado com a criança. Também mostra como o aborto deve ser pensado enquanto fenômeno implicado na condição feminina singular. As mulheres da burguesia francesa, numa gravidez indesejada, podiam ir à Suíça, onde a prática era permitida e ter toda assistência e garantias para um procedimento sem riscos à sua vida. Já as mulheres pobres, sem acesso a esses recursos, realizavam o procedimento em condições miseráveis, o que levava em muitos casos, a morte da mulher.

Assim, embora as condições a que uma e outra são expostas ocorram de forma singularmente proporcional a sua condição, é na generalidade de sua

¹³ Embora essas teóricas tenham outras obras de similar importância, nos limitaremos a citar as que utilizamos como fonte para a nossa pesquisa: Saffioti (1987 e 2015), Beauvoir (2019, vol. 1), Lerner (2019).

existência como mulher que seu corpo não lhe pertence. No aborto, de uma forma ou de outra, realizado na clandestinidade, considerado um crime abjeto, a abortante é punida pela lei e pela sociedade, que de forma hipócrita, não impõe qualquer medida repressiva ao homem que a engravidou, seja rico ou pobre.

Dessa forma, acreditamos que embora existam nuances a nos diferenciar, existe um lugar comum de aproximação entre todas as mulheres: a submissão de seu corpo para servir ao homem, o posicionamento dela como sempre dependente do sexo masculino, o constructo de uma inferioridade feminina pelo patriarcado – “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada como um ser autônomo” (BEAUVOIR, 2019, vol. I. p. 12).

A autora apresenta como o corpo é um instrumento de domínio do ser humano sobre o mundo, “é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos.” (Idem, p. 62), assim o corpo é apontado por ela como um dos elementos essenciais da situação da mulher, não sendo o único, visto que o toma não como corpo fisiológico, mas: “enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores”. (ibidem p. 64).

Dessa maneira, Beauvoir (2019 vol. I e vol. II), assinala como a reivindicação do corpo feminino pelo/para o homem, coisifica a mulher. Tomado como posse, o corpo da mulher é convocado a desempenhar determinados papéis em nome de uma “natureza feminina” e investida nas funções de procriadora, cuidadora e outros análogos, ocupa espaços que a distanciam do espaço público, deixando-a à margem da tomada de decisões, inclusive daquelas sobre seu próprio corpo.

Assim, a filósofa apresenta como uma das grandes implicações do patriarcado se relaciona ao campo político, ou seja, são os homens que há milênios formulam as leis e que tomam as decisões que afetam a sociedade, e a partir destas leis, dos costumes, das imposições e coações as mulheres são subjugadas numa condição.

Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio (BEAUVOIR, 2019, Vol. I. p. 89).

Para Lerner, o estabelecimento do patriarcado não foi um evento. Deu-se como processo de mais de 2.500 anos, em ritmos e momentos diferentes em sociedades distintas, como processo foi se naturalizando, assim como a repressão do corpo feminino pelo homem. Lerner propõe que a apropriação da função sexual e reprodutiva das mulheres antecedeu a formação da propriedade privada e da sociedade classes. Para ela foi

Controlando a sexualidade das mulheres com a exigência da virgindade pré-nupcial e a determinação do duplo padrão de julgamento sexual no casamento, os homens garantiram a legitimidade da prole, assegurando assim, seu direito à propriedade. (2019, p. 49).

Ela também apresenta como a dominação da mulher foi um dos escores para o estabelecimento da escravidão, apontando como “a opressão de mulheres precede a escravidão e a torna possível” (2019, p.112). Foi primeiro praticando a dominação e hierarquização das mulheres do próprio grupo que os homens aprenderam a dominar outras pessoas. Também foi coisificando a mulher, transformando-a em mercadoria que o homem foi delineando a institucionalização da escravidão. No entanto, esta apresentou, desde o início, facetas distintas para homens e mulheres escravizadas. Para essas, significava além da exploração da força de trabalho, a servidão sexual a seus senhores ou a qualquer um por ele designado.

Os processos sociais de silenciamento e submissão da mulher na sociedade brasileira, na consolidação de uma cultura patriarcal, pode encontrar uma expressão mais violenta na escravidão, quando a mulher, desterritorializada, alienada de seu povo e cultura, passa a ser uma peça vendida em mercados negreiros, ora para a reprodução, ora como mucama da sinhazinha, ora como fêmea disponível para o seu senhor.

Tomando para si o corpo da mulher, colocando-a como o Outro, ela teve seu papel no mundo mapeado pelo patriarcado, um destino que a põe como inferior, uma vez que o macho é o universal para a humanidade. À mulher, cabe-lhe a resignação de cuidadora, servidora, dependente, incompleta, ela não será “senão o que o homem decide que seja” (BEAUVOIR, 2019, vol. I, p. 12). Nesse sentido, parece pertinente pensar a mulher como um ser desprovido de essência ontológica, uma vez que ela apenas será considerada ser em relação ao homem, que o é por excelência.

Assim, torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato e o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior. (SAFFIOTI, 1987, p. 29)

Essa construção que a coloca como Outro é arquitetada ao longo do processo de socialização da criança. De acordo com Beauvoir (2019), Lerner (2019), e Saffioti (1987), desde muito cedo, serão exigidos comportamentos limitadores, atitudes nas quais ela será sempre posta como inferior e dependente de um homem, qualquer que seja sua situação financeira ou de raça, esses comportamentos lhe ensinarão a passividade, a submissão, e o mais medíocre dos homens julgar-se-á “um semideus diante das mulheres”. (BEAUVOIR 2019, vol. I, p. 21). Corroborando com essa afirmação, a análise de Saffioti também aponta que a dominação masculina:

perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos tome mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na "ordem das bicadas" é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (1987, p.16)

Embora Saffioti (1987) não considere o patriarcado como o único fator de opressão da mulher pelo homem na sociedade brasileira, apontando outros sistemas como raça e classe, analisa o patriarcado como o mais antigo sistema de dominação e exploração, calculando que já há cerca de seis milênios o homem tenha estabelecido seu domínio sobre a mulher.

Considerando o contexto da sociedade brasileira acrescenta que “uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e mulheres, se sujeita ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro” (SAFFIOTI, 1987, p. 16). Desta forma, mesmo o homem que em relações de trabalho está em posição hierárquica de submissão, junto à família, ele exerce o poder de mando.

Diante dessas imposições do patriarcado, Beauvoir (2019, vol. I e II) apresenta como são definidos o futuro e a existência de uma mulher, quais escolhas lhe são possíveis e quais destinos lhe são traçados. Publicado originalmente em 1949, *O Segundo Sexo*, onde a filósofa apresenta essas elucubrações e o ano de

2020, já se passou mais de meio século, no entanto, encontramos uma vasta literatura produzida por diferentes pensadoras do tema, entre livros de ficção, biografias, autobiografias e pesquisa, apresentando análises da situação das mulheres, seja em termos nacionais ou internacionais, que denunciam a perpetuação da opressão e a colocação do sexo feminino como objeto, como o Outro.

Nessas obras o patriarcado está presente como ponto de intersecção de todas as outras formas de opressão¹⁴. Beauvoir, ao afirmar que a situação das mulheres oferece menos possibilidades para que se posicione perante o mundo, por isso são consideradas inferiores aos homens, apresenta como problema “saber se estado de coisas deve perpetuar-se” (2019, vol. I. p.21).

Se o patriarcado causou e ainda causa graves males à mulher, a escravização de mulheres negras as negou em sua existência, é necessário enfatizar, entretanto, que mesmo as mulheres que pela ousadia e insubordinação conquistaram seu próprio espaço na sociedade, foram apontadas como “persona non grata” e estigmatizadas, ocupando espaços à margem.

Pretendemos, neste ponto, expor como ele está imbricado em nossa sociedade, apresentando a mulher como inferior, limitando suas possibilidades através das expectativas sociais e papéis a serem assumidos. Infelizmente, poderíamos apresentar inúmeras histórias de mulheres marcadas pela cultura patriarcal. No entanto, pela demanda que a pesquisa exige, exporemos, apenas a título de exemplo, quatro recortes de histórias de brasileiras, nascidas em diferentes décadas, e situadas em espaços sociais, culturais e geográficos distintos, que enfrentando normas e tabus dessa cultura, se afirmaram enquanto *ser*.

Lembrando que de acordo com Beauvoir (2019, vol. II, p.10) “todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular”, não temos a intenção generalista, mas apenas intentamos demonstrar, com as limitações de um texto, como o patriarcado subsiste e se apresenta em diferentes contextos, independentemente do tempo, classe social, raça ou espaço geográfico, reprimindo mulheres, ideando suas relações consigo e com o mundo, traçando seus destinos.

Enquanto traçado, esse destino proposto à mulher pelo patriarcado não a encerra numa condição sem possibilidades de evasão. Muitas mulheres, a despeito

¹⁴ BEAUVOIR (2019 vol. I e vol. II); SAFFIOTE (1987, 2015); MELO (2019); JESUS (2014a., 2014b.); OCKRENT (2011); DEL PRIORE (2004 e 2013); HILST (1981); STEVENS et, all. (2017); HERRMANN (2020).

das imposições do patriarcado conseguiram construir outro destino, asseguraram a independência como um ser completo enquanto pessoa, e se libertaram da ideia de si enquanto Outro (BEAUVOIR, 2019, vol. II). Mulheres, que embora tratadas e educadas numa sociedade patriarcal, não deixaram que os moldes desse sistema as encerrassem num destino.

Fugindo aos tipos exigidos pela sociedade, enfrentaram tabus, críticas e alheamento social, mas convictas de que poderiam ser completas, constituíram-se enquanto sujeitos de sua própria existência. Assim, evidenciaram que os papéis dados como naturais para a mulher não passam de um constructo, pois apesar desse projeto da sociedade patriarcal, afirmaram-se, como indivíduo e não aceitaram para si o papel de Outro, delineando seus próprios caminhos e com isso, deixaram trilhas abertas para outras que vieram após elas.

A escolha por essas mulheres foi sendo feita a partir das leituras a que tivemos acesso durante o processo de pesquisa, mas também pelas acontecências¹⁵ nesse caminho trilhado. Optamos por apresentar quatro mulheres, que acreditamos, terem feito de suas vidas existências singulares, que mesmo sob as injunções do patriarcado buscaram a independência, se constituíram canais de expressão, e de forma propositada ou não, tensionaram padrões de feminilidade. Nesse sentido, acreditaram que suas vidas seriam uma história que se tornaria verdadeira, à proporção que a contassem a si mesmas, que fosse escrita por e para elas, e não por e para eles (BEAUVOIR, 2018b).

Ao trazermos à baila as histórias dessas mulheres, não pretendemos elencar novos padrões ou modelos de ser mulher, mas apresentar, numa abordagem existencial, como a realidade vivida, as circunstâncias históricas e sociais agem sobre as maneiras de ser e estar no mundo. Bem como mostrar de que forma as insurreições aos papéis que lhes foram destinados pelo “mundo dos machos” contrariaram as expectativas do patriarcado, quebraram tabus, abriram frechas para discussões sobre as limitações alvitradas à mulher.

Procurando descrever como a mulher faz o aprendizado de sua condição no universo patriarcal, Beauvoir afiança que ao utilizar os termos mulher e feminino, não

¹⁵Pesquisar o patriarcado, os papéis por ele construído para as mulheres, assim como, as insurgências de mulheres contra essas imposições, transformou-se também num processo de pesquisa de si mesma. Assim, à medida que estudávamos as outras mulheres, lia-me, transformava a mim mesma, enquanto professora, mãe, filha e tantos outros papéis que me coube assumir por ter nascido do sexo feminino.

está se referindo a qualquer arquétipo que faça referência a uma essência imutável, ressaltando que após suas afirmações sobre tais termos “cabe subentender: ‘no estado atual da educação e dos costumes’” (2019, vol. II, p. 7).

Também não é nossa intenção apresentar essas mulheres como tipos que possam traduzir o universo da existência feminina, uma vez que é singular, mas apresentar, pela nossa compreensão do conceito de mulher a partir de Beauvoir, como elas se constituíram enquanto um ser próprio. Fugiram aos tipos, aos papéis engendrados para as mulheres reforçados pelas lendas, histórias de divindades e narrativas míticas¹⁶.

Brasileiras, a despeito de diferenças geográficas, de raça, classes sociais, educação formal ou informal recebidas, foram convocadas a serem “mulheres” e arquitetaram cada uma a sua própria maneira de ser. São elas: Carolina Maria de Jesus (escritora, mineira, 1914 -1977); Maria Mariá de Castro Sarmiento (professora, alagoana, 1917 – 1993); Hilda Hilst (escritora, paulista, 1930 – 2004) e Leila Diniz (atriz, carioca, 1945 – 1972).

Para apresentá-las, utilizaremos a ordem cronológica do nascimento.

3.1 CAROLINA MARIA DE JESUS - “MAMÃE, QUERO SER HOMEM”!

Em 1914, nascia Carolina Maria de Jesus, neta de um negro escravizado, filha de mãe liberta pela Lei do Ventre Livre, condição que já a colocou numa situação de pobreza, preconceito e inferioridade desde seu nascimento. Muito cedo, demonstra os desgostos de ser mulher – por isso, na infância deseja ser homem, pois percebe as mazelas a que o seu sexo está destinado, através do sofrimento imposto às mulheres e o poder manifesto pelos homens a sua volta: o avô que bate na mulher, o tio que humilha e dita as regras à sua mãe, o irmão que lhe julga inferior, os meninos que se aproveitam e desprezam as meninas.

Mineira, filha de uma mulher negra liberta pela Lei do Ventre Livre, nascida em 1914, frequentou a escola apenas porque sua mãe não quis desgostar a mulher

¹⁶Sobre a “construção” de modelos femininos, Beauvoir (2019) apresenta como a literatura e a mitologia, vão delineando papéis incompatíveis com as possibilidades humanas de ser mulher, constituindo estereótipos de feminilidade, que em vez de encorajá-las a se tornarem livres, falíveis e totalmente humanas, exigem um ideal inalcançável. Também Nogueira (2018) e Robles (2019), apresentam como as divindades e as narrativas míticas foram engendrando os arquétipos para a mulher, delineando os espaços a serem ocupados, os comportamentos socialmente “aceitáveis” os papéis sociais a serem desempenhados. Forjando subjetividades, que marcam a situação da mulher e reforçam o patriarcado.

branca que a aconselhou a colocar a filha na escola. Sua mãe “dizia que os negros devem obedecer aos brancos” (JESUS, Carolina Maria de, 2014b, p. 126).

Fazendo uma analogia entre uma suposta “natureza feminina” e a ideia de uma “alma negra”, Beauvoir analisa que assim como a mulher, “a maneira pela qual o negro se sente no mundo branco, as condutas mediante as quais a ele se adapta... Todo o seu modo de sentir e agir explicam-se tendo em vista a passividade a que é condenado “(2019, Vol. II. p. 78).

Podemos conjecturar com isso, que assim como a inferiorização das mulheres no mundo patriarcal, a submissão e subserviência de mulheres negras, como da mãe de Carolina de Jesus, também é fruto de um constructo de imposições, privações e mesmo violência.

As necessidades impostas pela pobreza levaram sua mãe a sair da cidade para trabalhar no campo, retirando com isso suas possibilidades de continuar estudando.

Apesar disso, desenvolveu o gosto pela leitura, aguçando o olhar crítico sobre o mundo e as mazelas sociais, sobre as quais escrevia em seus diários que descobertos por um jornalista foram publicados em 1960, como seu primeiro livro: “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Nele, um retrato do cotidiano dos habitantes da favela, a crítica à política no Brasil, a denúncia às violências vividas pelas mulheres: opressão e os sofrimentos de mulher pobre são desvelados: “À noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Não tenho inveja das mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indiana” (JESUS, 2014a, p. 16).

Através da sua escrita, é possível perceber o questionamento a padrões que colocam a mulher num lugar secundário na história: “se o homem governa o mundo, ele nunca está bom para o povo viver, por que não deixarem as mulheres governarem?” (JESUS, 2014a, p. 54). Também aponta como a História oficial apresenta apenas o homem como herói: “quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como *defensor* da pátria¹⁷.” (JESUS, 2014b, p. 53-54).

¹⁷ Em relação à concordância verbal do termo por nós grifado, preferimos não alterar o texto da autora, que embora apresente esses “erros” ao longo de sua escrita, decorrentes das dificuldades

Nesta sociedade racista, desigual e sexista, Carolina de Jesus já percebia o silenciamento a respeito das mulheres e sua participação na história da humanidade. Confirmando nossa percepção a respeito dos questionamentos que a Carolina de Jesus faz sobre e a partir do seu contexto, Tolentino, ao criticar o apagamento das mulheres na história da Filosofia, aduz que esse silenciamento se “coaduna com a história mundial oficial patriarcal de invisibilização das produções e feitos das mulheres em todas as áreas, assim como sua exclusão do espaço público” (2018 p. 79).

Sendo mãe solteira, o preconceito reverbera no tratamento dado pelas vizinhas aos seus filhos: “todas as crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios e aludem que eu não sou casada” (JESUS, 2014a, p. 16). O que nos remete a crítica feita por Beauvoir às hostilidades sofridas por “mulheres de maus costumes”, assim designadas socialmente pelas relações que mantém com o homem (2019, vol. I).

Mesmo nessas circunstâncias de discriminação, exclusão e desigualdade, Carolina foi protagonista de sua própria história ao:

Ultrapassar os papéis que historicamente a sociedade brasileira impunha a mulheres negras e pobres, sabendo repelir qualquer tentativa de controle. Prezando sua independência, preferiu trabalhar por conta própria para garantir sua sobrevivência e a dos filhos, abandonando a atividade de empregada doméstica e permanecendo solteira distante de possíveis reprimendas ou proibições (PERES, Elena Pajaro, 2016, p. 92).

A nosso ver, apesar da enorme distância geográfica, cultural e social que separa Carolina de Jesus, de Simone de Beauvoir elas se aproximam nas críticas as imposições patriarcais, tomando o pensar acerca da vida e a escrita sobre, como objetivo de existência.

Ao fazermos essa relação não ignoramos o fato de que as condições de Carolina, enquanto negra, pobre, semianalfabeta, se interseccionam com as opressões patriarcais, é inegável que a sua situação é diametralmente diferente a situação de Beauvoir. Por sua condição social num país que há muito pouco tempo declarara livres os negros escravizados, Carolina sofreu não apenas por ser mulher, mas por ser pobre e negra.

Não pensamos em minimizar o preconceito por ela sofrido, nas obras que utilizamos para essa pesquisa: *Diário de Bitita* (2014a) e *Quarto de despejo* (2014b), encontramos inúmeras denúncias sobre discriminação, humilhação, condições desumanas e miséria a que foram submetidos negros e negras após uma declaração de liberdade que não ofereceu condições mínimas de sobrevivência. Sobre essas circunstâncias, Carolina dedica um capítulo na sua obra o “Diário de Bitita”, para falar da situação dos negros, relata que viviam correndo da polícia como se fosse crime ser preto.

Quanto às mulheres negras, além dessa conjuntura imposta, sofriam a opressão, a violência, eram vistas como objeto sexual e em alguns casos citados pela autora, obrigadas pelas famílias a casar para ascensão social. Elas sofriam castigos físicos dos seus companheiros e muitas eram exploradas sexualmente pelos próprios pais, que as consideravam suas propriedades.

Como já mencionado anteriormente, Beauvoir, afirma que no conjunto, as mulheres ainda recebem menos possibilidades para sua inserção como sujeito do mundo, vistas como Outro, inferior. Carolina de Jesus, também aporta essa desigualdade entre homem e mulher ao descrever como na infância se percebia como mulher num mundo dominado por homens:

Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar a minha mãe e lhe supliquei: - Mamãe eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher... Quero ter a coragem que tem um homem...O homem que trabalha ganha mais dinheiro que a mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar.... Mas eu ouvia dizer que é o homem quem deve proteger a mulher depois que se casam... Você é tão correta que deveria ter nascido homem... E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me... (JESUS, 2014a, p. 16, 17, 28, 35, 69)

Esse desejo de querer ser homem expressa o anseio por liberdade, que só era permitida ao sexo masculino. As ações permitidas ao menino são desde cedo percebidas como representação do poder viril. Por isso, essa “inveja” não é algo inato como parece remeter a teoria psicanalista freudiana que supõe que a mulher se sinta um homem mutilado. É através da percepção da independência e das possibilidades que possui o menino, que a menina constrói o desejo de ser homem. Acerca disso Beauvoir analisa que “a menina não inveja o falo a não ser como símbolo dos privilégios concedidos aos meninos; o lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo confirma a ideia da superioridade masculina” (BEAUVOIR, 2019 vol. I, p. 72).

Apesar de viver nesse mundo comandado por homens, cuja sociedade silencia e assenta a mulher num lugar secundário na história, inclusive sobre o próprio corpo e destino, Carolina de Jesus fez da sua escrita a busca pelas respostas para si mesma, para compreensão da vida e de sua condição. Para tanto, ficar solteira foi preferível a submeter-se ao jugo de um homem, ela entendia que era “preferível viver só para o meu ideal” (JESUS, 2014b, p. 92).

Conservando intata sua individualidade, vivendo para si mesma, Carolina rechaçou os papéis para ela constituídos pela sua condição de mulher negra, migrante, mãe solteira e moradora de uma favela. Questionando os padrões impostos, contestou a necessidade de que sendo mulher, precisava de um homem que a protegesse. Ponderamos haver uma relação entre a opção de viver “só”, não dependendo de um homem e as possibilidades de ação para si mesma de constituir-se como sujeitos de sua própria existência.

Assim como Carolina Maria de Jesus, Maria Mariá de Castro Sarmiento, Hilda Hilst e Leila Diniz, também se insurgiram contra os papéis de subordinação para elas impostos. Enquanto lhes é negada a liberdade para *ser*, parece não haver outro caminho que não questionar e desobedecer aos valores patriarcais para que as mulheres criem possibilidades de ação para si mesmas.

No entanto, essa inquietação e “desobediência” as colocam como inadaptadas, desajustadas, e por isso situadas à margem da sociedade.

3.2 MARIA MARIÁ – RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO

Diferente de Carolina Maria de Jesus, Maria Mariá de Castro Sarmiento nasceu em 1917, numa família tradicional e abastada do município de União dos Palmares – Alagoas, cidade conhecida como a terra de Zumbi dos Palmares.

Como neta de Coronéis, grandes latifundiários da região, e herdeira de um sobrenome de tradição política, recebeu uma educação nos moldes patriarcais. Sua mãe, a senhora Ernestina de Castro Sarmiento almejava que os filhos dessem continuidade a tradição política, cultural e social do sobrenome Sarmiento, em União dos Palmares.

Após concluir os estudos primários, foi para Maceió frequentar a Escola Normal. De acordo com Enaura Quixabeira Rosa e Silva e Edilma Aciole Bomfim:

Nos idos de 1930, a possibilidade das mulheres estudarem ainda era muito pequena, de maneira que sair da cidade natal para frequentar a escola – o curso de formação de professora primária era o que condizia às mulheres – fora dos domínios paternos para estudar em outra cidade, constituía a época, um grande avanço para os costumes locais. O que já a distingue das suas conterrâneas contemporâneas (2007, p.279).

Para ampliar seus conhecimentos e análise do mundo, lia escritores consagrados como Tolstói, Dostoiévski, Emile Zola, Camões, Eça de Queirós, Florbela Espanca, Machado de Assis, Érico Veríssimo e Jorge Amado.

Ativista pela defesa da cultura da região enfrentou muitas lutas de cunho político; criticou o pároco local por não conhecer os valores e os interesses da comunidade. Mesmo se declarando atea, mobilizou a comunidade para defender a Igreja Matriz que estava para ser demolida, pois a considerava um patrimônio cultural, argumentava que a decisão sobre a demolição ou não teria que ser do povo, que se pronunciaria através de plebiscito. Também lutou pelo tombamento da Serra da Barriga, presidindo a comissão que organizou um encontro que reivindicava a criação de um Parque Histórico de preservação da memória da Nação Zumbi.

Pela sua insatisfação e insubmissão aos princípios patriarcais, questionava constantemente os papéis femininos destinados às “moças de família”, enfrentou muitos tabus pelos comportamentos “desajustados”. De acordo com Rosa e Silva e Bomfim, ser solteira nos anos 50/60 significava a exclusão social, relegando a mulher o papel de ficar em casa para cuidar dos pais e sobrinhos, papel ao qual Maria Mariá se insurgiu e, ao contrário do que dela esperavam sendo mulher, fumava em público, tocava violão, bebia nos bares e botecos, promovia vaquejada, primeira mulher a usar uma calça comprida em sua cidade, sendo acusada de vestir-se como um homem. Também chocava as famílias tradicionais por não se resignar a condição de mulher, pois junto aos homens, participava de jogos de sinuca, baralho e outras atividades consideradas como exclusividade masculina pela comunidade local.

Como professora e diretora destacou-se pelas práticas “não convencionais” ao abolir o uso da palmatória e desobrigar alunas e alunos a apresentarem uma pedrinha para irem ao banheiro. Assim, a professora só liberava uma aluna, quando a outra retornasse, pois “lia a prática como mais uma forma de repressão ao comportamento juvenil” (ROSA e SILVA, BOMFIM, 2007, p.280).

Foi também como professora que causou o maior “escândalo” para a cidade de fortes raízes patriarcais ao se deixar fotografar nas margens do rio Mundaú vestindo “apenas” um maiô e “ainda” mostrou a foto para as alunas, atitude que desagradou conservadores da “moral e dos bons costumes”, que logo exigiram um castigo para a “devassa”. Sendo assim, foi punida com o exílio da escola e da cidade com a transferência compulsória para uma escola no município de Murici há 25 km da sua cidade, permanecendo lá por seis meses.

Seu retorno não se deu por vontade política e sim pelo descontentamento de suas alunas que acampando na porta do palácio do governo, em Maceió, reivindicaram seu retorno, ao então governador do Estado, Muniz Falcão, que cancelou a punição imposta. Consideramos que esse levante organizado por suas alunas a seu favor, caracteriza a educação por elas recebida como um ensino “que permite transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas” (hooks, 2019a, p. 24).

Seu inconformismo diante da situação a acompanha também em suas ações, quando assumiu a função de inspetora regional de ensino, ampliando seu olhar às problemáticas da Educação do Estado de Alagoas. Mesmo em um cargo político com gratificação salarial, faz duras críticas ao descaso da política educacional do estado, através de uma carta aberta ao então Diretor da Educação publicada no jornal Gazeta de Alagoas, denunciando os prédios sucateados, a carência de professores, a inexistência de material de ensino e, principalmente, a falta de compromisso das autoridades com a escola pública (ROSA E SILVA E BOMFIM, 2007), Registramos que isso ocorreu na década de 60!

Nessa carta, Maria Mariá alega que na zona rural as escolas mais pareciam chiqueiros e que os proprietários das terras, nas quais essas escolas se localizavam, alojavam, no mesmo espaço, professoras e animais. Inconformada com esse e outros descasos na educação pública de Alagoas, sem temer represálias, uma vez que assumia um cargo comissionado, usa o jornal Gazeta de Alagoas para ser ouvida e lutar por condições melhores nas escolas públicas. Ironicamente seu nome foi dado a uma escola pública municipal situada na zona rural de União dos Palmares, adaptada a partir de dois pavilhões de uma colônia prisional, com circunstâncias similares ao que tanto Maria Mariá criticou¹⁸.

¹⁸ A Escola Municipal Maria Mariá de Castro Sarmiento, cuja construção foi adaptada a partir dos dois pavilhões da entrada da Colônia Prisional de Santa Fé, povoado que funciona há oito quilômetros do

Aos 76 anos, foi encontrada morta em frente à penteadeira desnuda. Sobre esse momento Rosa e Silva e Bomfim assinalam que Maria Mariá morreu:

Solitária, desiludida e desencantada, a guerreira, afinal, despe as armas de combate. E, assim como viveu, desnudando-se diante da vida, assim também morreu. Ao ser encontrada morta debruçada sobre o penteador, Mariá estava totalmente despida. A simbologia desse último gesto parece representar o esforço derradeiro dessa Guerreira que lutou até o fim para vencer preconceitos e tabus (2007, p. 282).

Mulher, nordestina, professora, que encontrou no estudo a afirmação de si, a resistência à construção de histórias outras, que a diferenciasses da mãe, avós, tias. Como professora, Maria Mariá ocupou um espaço que condizia com sua situação de mulher – a escola, considerada uma extensão do lar – talvez por isso, “apesar dos preconceitos, era considerada uma figura muito respeitada” (SCHUMAHER, Schuma, 2004, p.75). Como nos apresenta Tolentino “para resistir é necessário, antes de tudo manter-se vivo” (2018, p.83).

É também como professora que seu nome e um pequeno recorte da sua existência aparece em Schumacher (2004) e em Rosa e Silva e Bomfim (2007). A mulher, essa é silenciada, seu corpo, seus desejos, seus afetos permanecem no sigilo¹⁹.

Mas talvez exatamente por ter sido professora, cuja fama não ultrapassou os limites do Estado, que seu nome não figura em obras de resgate das histórias de mulheres no Brasil. Talvez, porque em outras regiões do Brasil já tivesse sido abolido o uso da palmatória e o controle de ida ao banheiro; já não fosse novidade uma mulher usar calça, vestir maiô, fumar em público e beber em bares e botecos.

Provavelmente, em grandes centros urbanos, já não fosse inovador uma mulher lutar por uma biblioteca pública, pela defesa do patrimônio cultura e afrontar poderes políticos por melhores condições para a educação pública. Insubordinar-se

centro de União dos Palmares, atende crianças de várias regiões do município, mas prioritariamente as crianças do povoado de Santa Fé. Conta com onze salas de aula, das quais só duas (as da entrada do primeiro pavilhão) têm janelas livres, e as demais são fechadas no concreto quadriculado, cujos buracos quadrados não cabem sequer um braço de criança. Fonte: JESUS JUNIOR, CL. Livres e punidos – cinema, memória e racismo ambiental: implicações para a educação ambiental crítica. VIII EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental Rio de Janeiro, Julho de 2015. Disponível em: <http://epea.tmp.br/epea2015_anais/pdfs/plenary/206.pdf> Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

¹⁹ Registramos sua ausência nas obras de Schumacher e Vital (2001), Maria Elisabete Arruda de Assis e Tais Valente dos Santos (2016) e Duda Porto de Souza e Aryane Cararo (2017).

contra os costumes patriarcais e ensinar a transgredir quiçá já fosse coisa resolvida em outros lugares.

Ao observar a condição das mulheres durante sua viagem ao Brasil, Beauvoir assinala que a situação das brasileiras varia muito de acordo com a região e até mesmo entre grandes centros urbanos e cidades menores (2018b). A filósofa chama atenção, inclusive para os costumes patriarcais mais arraigados no Nordeste, que acentuam as desigualdades de condição das mulheres.

No entanto, a despeito desse poder patriarcal, não somente Maria Mariá como tantas outras nordestinas tensionaram os padrões vigentes e, mesmo em condições adversas, criaram oportunidades de fissuras das normas estabelecidas²⁰.

Parece-nos, pois importante, pensar a condição das mulheres, também, a partir de demarcações territoriais seja em limites macro – entre as regiões do país ou grandes e pequenos centros urbanos; seja em termos micro – entre bairros, zona urbana e rural, dentre outros; que se possa perceber as singularidades de modos de ser e perceber-se como mulher.

Afinal, quais as condições para que uma mulher figure entre as “mulheres importantes?” Como se define as histórias a serem contadas, deixando tantas outras no silêncio?

Nas mesmas obras que registramos a ausência de Maria Mariá, percebemos também a ausência de outra “transgressora” – Hilda Hilst, ainda que sobre esta haja muito mais material de pesquisa entre artigos, dissertações e livros, esses se assentam sobre suas obras, nela enquanto escritora. O primeiro livro sobre a mulher Hilst foi lançado em 2018, por Laura Folgueira e Luisa Destri, no qual é possível percebermos que sobre sua vida também incidiram as imposições patriarcais, que embora a elas tenha transgredido, igualmente lhe legou uma existência entretecida, amargurada.

Subversivas, cada uma numa situação geográfica e cultural peculiar, Maria Mariá e Hilda Hilst, passaram por situações características de uma sociedade patriarcal. Ambas, conscientes de sua condição, experimentaram o mundo, constituíram-se enquanto mulheres singulares numa cultura que lhes exigia uma identidade sob um molde. Elas também procuraram deixar um legado, talvez pela

²⁰ Embora não se encontre nessas obras menção a Maria Mariá, outras nordestinas são referenciadas em Schumacher e Vital (2001), Maria Elisabete Arruda de Assis e Taís Valente dos Santos (2016) e Duda Porto de Souza e Aryane Cararo (2017).

consciência que ambas tivessem da finitude da vida e do que poderia abrir caminhos para as próximas gerações.

3.3 HILDA HILST – A OBSCENA CONSCIÊNCIA

Enquanto em Alagoas, Maria Mariá, mesmo tendo nascido em família abastada, teve dificuldades para se formar na Escola Normal. Em São Paulo, a situação ofertaria mais possibilidades para Hilda Hilst.

Nascida em 1930, filha de Apolônio de Almeida Prado Hilst, fazendeiro, jornalista e aspirante a escritor; e Bedecilda Vaz Cardoso, uma portuguesa emancipada, que após separar-se de Apolônio foi morar em São Paulo, possibilitando à Hilst, ingressar, desde cedo, em boas escolas, assim como fazer o curso de Direito pela Universidade de São Paulo, tendo um livro seu já publicado aos vinte anos (FOLGUEIRA, Laura. DESTRI, Luisa. 2018).

No entanto, ter nascido num corpo de mulher lhe demarcou espaços a serem ocupados. A despeito dos privilégios já citados, da condição social que lhe proporcionou exercer sua independência, sendo mulher viveu acontecimentos específicos ao sexo feminino na sociedade patriarcal. Quando soube do nascimento da filha, o pai teria afirmado “que azar!”, por tratar-se de uma menina e não de um menino.

Educada em colégio de freiras, embora não tenha sido fácil convencê-las a aceitar Hilda, uma vez que a mãe era separada. O conhecimento de Bedecilda com a diretora da escola garantiu admissão da criança, bem como sua permanência no colégio, uma vez que “ao saber da história da nova aluna, não foram poucas as mães que protestaram nada felizes em ver suas pequenas estudando com a filha de uma mulher desquitada” (FOLGUEIRA. DESTRI. 2018 p. 28).

Hilst enfrentou dificuldades com as freiras pela sua inquietação em saber respostas para tudo. Afirmava que tinha “uma vontade de ficar especulando a respeito de tudo. Estudando o catecismo, na aula de religião, eu queria entender os porquês” (DINIZ, Cristiano, 2013, p. 67); contava que após ser pega com um livro de Darwin, as freiras o tomaram imediatamente dizendo-lhe: “mas que é isso, Darwin na mão dessa menina tonta”. Na mesma entrevista, ela relata que faz alusão a essa vontade constante pelas respostas em uma de suas obras:

Irmã, o que quer dizer virgem no parto, antes do parto e depois do parto? O que é virgem? O que é parto? O que é antes e depois do tudo isso? Isso é para decorar, decore e pronto. (Ibidem, p.67)

Nesse período, desenvolveu uma relação com o sagrado, dizia às freiras que queria ser santa “e as irmãs diziam, então, que ela seria santa ou demônio” (FARIA, Álvaro, 2020). Sua busca pelo sagrado, por respostas sobre a vida e principalmente a morte, sempre estiveram presentes em suas obras.

A favor de relacionamentos abertos, teve muitos namorados e sentia repulsa pela ideia de casar-se. Por isso, era esnobada pelas moças da sociedade que a considerava uma puta, enquanto as mães se ajoelhavam pedindo aos filhos: “Essa moça não... não namorem nem casem com ela” (DINIZ, 2013, p. 126).

No entanto, por questões práticas e para acalmar o ânimo da mãe, Hilst casou-se em 1968. Em entrevista à Beatriz Cardoso da revista norte-americana *Interview*, contou que a mãe depois de velha resolveu ficar puritana por isso:

Não gostava de me ver vivendo maritalmente com o Dante Casarini. Estávamos construindo a Casa do Sol. Um dia, o Chicão, capataz da minha mãe, resolveu derrubar minha cerca. Eu disse: “Se cortar minha cerca, eu passo fogo em você!”. Foi uma bravata, para me fazer de durona. Daí a minha mãe, a Bedecilda – a quem meu pai chamava de Beatriz –, deu queixa na delegacia. O delegado ficou impressionado: a própria mãe denunciando a filha por ter ameaçado o capataz. O Dante quis interferir e o delegado perguntou: “O senhor é o que dela? É marido?”. O Dante disse que não. “Então, cala a boca.” Eu falei: “Dante, casamos amanhã. Vamos providenciar os proclamas”. Depois, quando eu apresentava o Dante como meu marido – que era uma coisa que eu nunca havia pensado em ter, ficava vermelha. Tudo ao contrário, como se estivesse apresentando o amante (DINIZ, 2013, p. 126).

Divorciada em 1985, teve muitos romances e grandes paixões. Mas decidiu não se envolver mais com ninguém, depois que viveu uma relação extremamente abusiva, o ciúme que o companheiro apresentava afastou de sua casa os amigos. Além de ser possessivo também não gostava que ela escrevesse, dizia que ela ficava parecendo um homem. Foi durante essa relação que Hilst escreveu o que considerava sua obra-prima *A obscena senhora D*, que, por causa do comportamento do companheiro, escreve-o escondida, sob uma figueira. Na obra, a protagonista vivia sozinha após a morte do companheiro e passou a maior parte da narrativa debaixo de uma escada.

Depois de muitas brigas, Hilst avisou ao companheiro que ia deixá-lo caso a situação não mudasse, sendo por isso ameaçada de morte. Dizia o companheiro

que ia fazê-la pagar pelas coisas que já “havia feito a outros homens”. Após ser preso por tentativa de assassinato, chamava-a de megera, acusava-a de ser culpada por tudo que lhe estava acontecendo.

Nos ritos patriarcais, é muito importante para o homem fazer com que a mulher exerça o papel que lhe atribui à sociedade. Como pai, irmão ou companheiro, ele pensa ser responsável pela “honra” da mulher, por isso exige publicamente que ela se comporte como sua.

Provavelmente, essa experiência tenha sido muito importante para o nascimento da obra *A obscena senhora D*, uma vez que a autora afirma que:

A ficção também aparece como uma das imagens de mim mesma... E eu, antes de tudo, estava sendo Hillé naquele momento, estava passando por um processo de busca muito desesperada, me sentindo desamparada em relação ao mundo. (DINIZ, 2013, p. 71).

Na protagonista Hillé, também chamada senhora D (de derrelição), podem ser percebidas as inquietações de Hilst, a busca constante para compreender a si mesma, a vida, e a morte. Em Hillé, como em sua criadora, são fortes os desejos de ligar-se ao transcendente a algo que está além do perceptível, buscando, com isso, entender o sentido de sua existência.

Eu Hillé também chamada por EHUD A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição EHUD me dizia, Derrelição – pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu? Desamparo, Abandono, desde sempre a alma em vaziez, buscava nomes, tateava cantos, vincos, acariciava dobras, quem sabe se nos frisos, nos fios, nas torçuras, no fundo das calças, nos nós, nos visíveis cotidianos, no ínfimo absurdo, nos mínimos, um dia a luz, o entender de nós todos o destino, um dia vou compreender, EHUD compreender o quê? Isso de vida e morte, esses porquês (HILST, Hilda. 2011, p. 13).

Por conta do título costuma ser vendido como livro erótico, embora para a autora obsceno tivesse um significado diferente, tinha haver com as características marcantes de Hille, das questões colocadas por ela sobre a vida e sua fluidez, sobre a morte e o desejo de aproximar-se do sagrado (FOLGUEIRA. DESTRI. 2018).

A protagonista, assim como a escritora, subverte os estereótipos do discurso patriarcal, no qual a mulher se realiza através do casamento, da maternidade e dos cuidados com o lar. Ao negar essa suposta identidade feminina a senhora D torna-se

“inadequada”, considerada louca, temida e, às vezes, ridicularizada pela vizinhança passa a experimentar uma marginalização, sua residência chamada casa da Porca.

Ao escrever sobre Hillé, é a si mesma que Hilst se refere, ao ressentimento de não ter sido compreendida em sua liberdade como mulher e escritora, de ter sido chamada de louca. Mas também do desejo de sendo quem é, ser outra, uma que se adapte a forma, que se conforme com o que está posto. De acordo com Hilst esse desejo:

de ser *alguém* nos moldes desta sociedade toda arrumada vem muito no início. Pra mim, começou muito como vontade de ser amada, de ficar dentro do outro – porque o escritor escreve muito para isso, para ser amado. Mas depois comecei a ter essa noção precisa do efêmero. E digo, bom, eu vou fazer nesta minha vida terrena o que eu sei fazer. (DINIZ, 2011, p. 75)

E o que sabia fazer era escrever, dedicando para tanto a sua vida a escrever sobre o que acreditava, sobre todas as emoções humanas pensando que seus textos poderiam ajudar seus leitores a refletirem sobre suas vidas.

Dedicou-se a escrever, sobre todas as emoções humanas, “sobre o que não se pode falar, das emoções que são proibidas, porque vastas demais” (DINIZ, 2011, p. 100). Aproximando sagrado e profano, erotismo e divindade, escandalizou a sociedade. Mas seria possível, no corpo humano a separação entre desejo carnal e desejo ao sagrado? Ou residir na mesma mulher (essa do patriarcado) a santa e a puta? No corpo que deseja o espiritual, o sagrado, pulsar também os desejos “mundanos”?

Inquieta desde a infância por respostas e aproximação com o sagrado, a escritora ansiava pela santidade e apresenta através da senhora D muito dessa busca “engolia o corpo de Deus como quem sabe que engole o Mais, o Todo, o Incomensurável” (HILST, Hilda. 2011, p. 14). *A obscena senhora D*, caminha por essa dicotomia entre santa e puta, uma dualidade que sempre esteve presente em Hilst.

Relembrando que tanto o papel de santa, quanto o de puta são estereótipos constituídos pelo patriarcado, portanto a identidade que será conferida a mulher será pautada na relação dela com o homem, e não dela consigo mesma. Será puta, se sua vida sexual não estiver dentro dos padrões estabelecidos; será santa sendo pura (virgem) ou mãe, desde que também esteja dentro ditames patriarcais.

De acordo com Beauvoir (2019, Vol. II), as condições em que a mulher desenvolve a sua vida sexual depende de um conjunto de situações, dentre estas, o

contexto social e econômico. Como percebemos até aqui, mesmo as mulheres de situação econômica mais privilegiadas, a exemplo de Maria Mariá e Hilda Hilst, quanto em situação de múltiplos fatores de opressão, como Carolina Maria de Jesus, todas passaram, com maior ou menor peso para sua existência, pelo julgamento patriarcal a respeito de suas experiências eróticas, pois o uso de seus próprios corpos no mundo pertencente ao macho é revestido de mistificações e tabus. Beauvoir assinala ainda que:

A experiência erótica é uma das que revelam aos seres humanos, da maneira mais pungente, a ambigüidade de sua condição; nela eles se sentem como carne e como espírito, como o outro e como sujeito. É para a mulher que esse conflito assume o caráter mais dramático, porque ela se apreende inicialmente como objeto, porque ela não encontra de imediato uma autonomia segura no prazer; é-lhe preciso reconquistar sua dignidade de sujeito transcendente e livre, assumindo sua condição carnal. (2019, Vol. II, p. 160).

Assim, Carolina Maria de Jesus, Maria Mariá e Hilda Hilst, precisaram reivindicar a condição de sujeito, através da subversão, da negação de ser mulher enquanto Outro, enquanto objeto.

Dissemos que a reputação da mulher, nos moldes patriarcais, ser-lhe-á atribuída a partir da relação que mantiver com o homem e que será considerada santa caso mantenha-se casta, ou torne-se mãe, desde que também atenda aos critérios patriarcais estabelecidos. Apresentaremos assim, Leila Diniz, que mesmo assumindo o papel materno, não encontrou neste a redenção. Vejamos então que preceitos uma mulher deveria cumprir na sociedade patriarcal, para que sendo mãe, seja considerada santa.

3.4 LEILA DINIZ – SER MULHER SENDO MÃE

Leila Roque Diniz, atriz, nasceu em 1945, no Rio de Janeiro. Seu pai Newton Diniz era líder bancário e membro do Partido Comunista. Sua mãe, Ernestina Roque, era professora de educação física. No entanto, Leila só conheceu a mãe na adolescência; até então, fora criada como filha pela segunda esposa do pai, Isaura, que era professora de educação infantil.

A atriz, que também foi professora do maternal, morou em Copacabana, em Ipanema e no Leblon, bairros “nobres” do Rio de Janeiro. A sua situação social aproxima-se de Maria Mariá e Hilda Hilst, como elas, também teve acesso à

educação formal, as condições econômicas também as colocam numa posição de privilégio. Todavia, Leila Diniz cresceu num contexto cultural diferenciado. Conviveu desde cedo com artistas, intelectuais e boêmios, e pelo seu comportamento fora dos padrões sociais, mesmo numa cidade como o Rio de Janeiro, se tornou ícone de uma “revolução simbólica, ao trazer à luz do dia comportamentos femininos já existentes, mas que eram vividos como estigmas, proibidos, ocultos para a sociedade da época” (GOLDEMBERG, Mirian. 2016, p. 144).

Inserida em grupos de vanguarda comportamental, a situação da atriz, lhe proporcionou ampliar o sentido de liberdade para a mulher da sua época. Para Goldemberg (2016) é impossível pensar a revolução simbólica realizada por Leila Diniz acontecendo em outra cidade do Brasil, contrastando com a seriedade de São Paulo e o conservadorismo patriarcal de Alagoas, Rio de Janeiro vivia uma atmosfera bem mais agitada e, por isso, mais aberta a mudanças de costumes.

A sua postura de transgressão aos moldes de ser mulher, afirmando seus desejos, a posse de seu próprio corpo e estar rodeada de personalidades famosas, abriu possibilidades para que ela ficasse conhecida como símbolo de rebeldia. Isso, pelas condutas pouco convencionais, em relação aos comportamentos pré-estabelecidos de sua época, representando nessa simbologia o desejo de liberdade da mulher brasileira, principalmente em relação à liberdade sexual (GODINHO, Tatau. 2016).

Mas sendo uma pessoa pública, de situação privilegiada, numa cidade de costumes já bem diferenciados do restante do Brasil, foi isenta de preconceitos e ressentimentos proporcionados pelas ideias patriarcais?

Tomemos alguns elementos de sua trajetória. De acordo com Maria Lygia Quartim de Moraes (1994,) Leila fez parte de uma geração que derrubou o tabu da virgindade. No entanto, ao defender a sua condição de sujeito do próprio corpo, recusando o papel de objeto do desejo e do poder masculino, “carregava o estigma de mulher promíscua” (GOLDEMBERG, 2016, p. 148), de maneira que mesmo vivendo em um clima cultural de liberdade sexual, sendo mulher, Leila não escapa ao julgamento da civilização patriarcal, uma vez que esta:

Votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se "cede", se "cai", suscita o

desprezo; ao passo que até na censura que se inflige ao seu vencedor há admiração. Desde as civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um "serviço" que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade. (BEAUVOIR, Vol II, p.126).

Ao recusar o papel de serva e assumir publicamente que a mulher tem desejos sexuais, e que ela pode satisfazê-los fora do controle masculino, Leila Diniz é rotulada, desmerecida diante da sociedade. Ela mesma assumiu não se sentir totalmente livre, pois sendo criada numa família burguesa, tinha “mil problemas burgueses também” (DINIZ, Leila. 1969, p. 13).

Em decorrência da exposição que fazia de sua vida sexual, além do uso de muitos palavrões, passou por várias situações de censura no governo militar, e mesmo não se envolvendo na política, chegou a ter sua prisão decretada. Para evitar pôr em risco a moral da “família brasileira”, o governo a obrigou a assinar um documento, comprometendo-se a não falar mais palavrões em público.

Sobre Leila, Mascarenhas afirma que era uma:

feminista intuitiva, que partia das suas emoções, da explicitação dos seus desejos – o desejo calado de tantas mulheres, o desejo contido de uma maioria secularmente oprimida... se nega a ficar prisioneira de relações confortáveis...se nega a ser uma moça bem comportada. (1982, p. 5)

Leila incomodou pela liberdade de ser, de não aceitar o papel de Outro. Porém, o maior escândalo foi a sua assunção da maternidade fora dos padrões estabelecidos. Primeiro, indo à praia de biquíni estando grávida, e se deixando fotografar sem uma tradicional bata, que era usada na década de 1970 para esconder a barriga. Depois, amamentando em público, nos intervalos das peças que estava trabalhando Essas atitudes foram motivação para lhe renderem expressões de repulsa como “vagabunda” e “nojo”. (SOUZA, Duda Porto de. CARARO, Aryane, 2017).

Mas por que uma foto tão comum nos dias atuais, da grávida de “barriga de fora” espantou tanto a sociedade daquela época? Analisando a partir do estudo da situação da mulher realizado por Beauvoir (2019, vol. I e II), entendemos que a sua exposição foi considerada uma afronta para a sociedade, por diversos motivos.

Sua gravidez expunha um ato carnal sem as “bênçãos” do sacramento matrimonial, um filho concebido em pecado, pois, segundo os ditames patriarcais a

mulher é justificada pelo marido. De acordo com a filósofa, a maternidade “só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo (2019, Vol. II, p. 191). Além disso, a exibição de uma gravidez projetada fora do casamento, demonstra a recusa em manter-se recolhida da sociedade, como sendo uma criminosa, mostrando-se insubmissa e independente.

Ao apresentar estar de bem com a vida, com seu corpo grávido, expôs o prazer da maternidade, contrapondo-se ao naturalizado “padecer no paraíso” cristão-patriarcal, rompendo também com a ideia de que a maternidade é sacrifício e renúncia.

Para Goldemberg “a gravidez de Leila aparece como uma decisão, um projeto, uma escolha baseada em um sentido de prazer e realização” (2016, p. 150), subvertendo estereótipos de mãe e mulher.

Dessarte, ela mostrou a maternidade como prazer e não padecimento, apresentando o corpo feminino que gesta e que tem desejos. Moraes analisa que sendo o culto a maternidade uma tradição no Brasil, cuja santificação da mãe se perpetra pela imagem da Virgem ao ostentar a barriga sem pudor,

exibindo suas manifestações mais marcantes: a imagem da gravidez, de uma barriga inflada que contém um feto em desenvolvimento e a imagem da amamentação, uma boca infantil sugando o seio de uma mãe gozosa. Com Leila a maternidade assumiu sua dimensão de “mistério gozoso” ao invés de “doloroso” (1994, p. 500).

De acordo com Beauvoir, Maria, a mãe do salvador, é tornada santa e abençoada, aceitando primeiro o papel subordinado que lhe é designado, ao tornar-se serva e embora tenha casado para manter a honra, o caráter de esposa lhe é negado “para lhe exaltar mais puramente a Mulher-Mãe” (2019, Vol. I. p. 237).

Se a mulher é “santificada” pelo papel de mãe, é como sendo de uma natureza angelical assexuada, enquanto mãe “o anjo protetor”, a sexualidade da mulher é interdita. Na compreensão da sociedade patriarcal, na maternidade o corpo passa a ser da criança, de qualquer forma, não deixa de ser objeto.

Subvertendo a esses estereótipos, Leila Diniz expôs o corpo de grávida que pode ser desejante. Drummond de Andrade, assim a descreveu:

Leila Diniz – sobre as convenções esfarinhadas mas recalcitrantes, sobre as hipocrisias seculares e medulares: o riso aberto, a linguagem desimpedida, a festa matinal do corpo, a revelação da vida... Leila para sempre Diniz, feliz na lembrança gravada: a moça sem discurso nem requerimento soltou as

mulheres de 20 anos presas ao tronco de uma especial escravidão. (1982, p. 6)

Nesse sentido, mostrar sua gravidez era duplamente subversivo, ao reivindicar o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade, forjando seu próprio modelo para que sendo mãe, conservar-se mulher.

3.5 A SI MESMA ENQUANTO UM: SER MULHER EM BEAUVOIR

Carolina Maria de Jesus (escritora, Brasil, 1914 -1977), Maria Mariá de Castro Sarmiento (professora, alagoana, 1917 – 1993); Hilda Hilst (escritora, Brasil, 1930 – 2004) e Leila Diniz (atriz, Brasil, 1945 – 1972). O que faz com que essas mulheres, em diferentes espaços sociais, geográficos e históricos se aproximem em suas histórias?

Os espaços por elas ocupados, a cultura, o ambiente familiar, a educação recebida, tudo exigia delas uma assunção de papéis pré-definidos. A educação formal ou informal lhes impôs um destino, de ser passiva, se fazer objeto, esposa, mãe, servidora, dócil, dedicada. No entanto, esse destino não é algo natural, é o conjunto da civilização que elabora e qualifica o que é ser feminina, que dita as regras, os comportamentos adequados e inadequados, os valores patriarcais aos quais deve obediência. Para Beauvoir:

O grande mal-entendido em que assenta esse sistema de interpretação está em que se admite que é *natural* para o ser humano feminino fazer de si uma mulher *feminina*: não basta ser uma heterossexual nem mesmo uma mãe, para realizar esse ideal; a "verdadeira mulher" é um produto artificial que a civilização fabrica (2019, Vol. II, p. 165)

Essa exigência, que clama à mulher a ser feminina, cujas características foram fabricadas, faz parte da prática de dominação patriarcal, onde as estruturas de poder não estão baseadas na autonomia econômica, idade, raça ou localização geográfica, mas certamente assentadas sobre o poder do macho sobre a fêmea.

A sociedade imprime a todas elas um modelo de mulher que não pode ser para si, não pode viver sem um homem. Para tanto, vigia seu comportamento, regula seus desejos e invoca como posse o seu corpo, negando-lhes os direitos mais elementares. Para a filósofa o destino normal da mulher no mundo patriarcal ainda é “o casamento que as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe

de se ter apagado” (2019, vol. II, p.7). No sistema patriarcal, a mulher será abonada como feminina, ou verdadeira mulher pela relação estabelecida com o homem.

As quatro brasileiras aqui apresentadas, a despeito de como se constituíram enquanto mulher, viveram experiências de julgamentos e angústias análogas. Enfrentaram obstáculos na construção de si enquanto um. A liberdade por elas alcançada só se fez através da desobediência as normas estabelecidas pelo patriarcado.

Foi a partir da “desobediência” que conseguiram se realizar enquanto ser humano dentro da condição feminina. No entanto, essa desobediência não foi passivamente aceita pela sociedade. Aquelas que, fugindo aos tipos, ousaram forjar suas histórias, seus destinos, são colocadas num outro espaço, pois “quando alguém se recusa a submeter-se ao estereótipo, arrisca-se a ser posto a margem das relações consideradas normais” (SAFFIOTI, 1987, p.40).

Ao escrever sobre a não aceitação dos livros de Hilst, no Brasil, Faria (2020), repete por diversas vezes “vivesse Hilda Hilst num país civilizado, a história seria diferente.” Seria a França de Beauvoir um desses “países civilizados”? E Hilst nos responde: “Fui publicada na França. Me chamaram de porca histérica. Eu até chorei. Pensei: Quer dizer que não é só no Brasil, na França também?”(DINIZ, p. 140).

No entanto, de acordo com Beauvoir a sua obra *O Segundo sexo* também foi mal compreendida, chega a sugerir que talvez dela falassem sem nem tê-la lido, e indigna-se: “escrevi porventura algum dia que as mulheres eram homens? Pretendi não ser uma mulher? Meu esforço foi ao contrário o de definir em sua particularidade a condição feminina que também é minha” (2018a. p. 300).

Para Saffioti (2000) *O Segundo Sexo*, não foi mal recebido apenas na França, na Rússia só foi traduzido em 1993, quando já não havia mais União Soviética. Em árabe, o único país que o traduziu foi o Egito eliminando o capítulo sobre a lésbica. Ainda não traduzido para todas as línguas, portanto, as reações negativas continuam.

E o que tornaria essa obra inaceitável? O mesmo sistema que produziu o silenciamento acerca das obras de Carolina Maria de Jesus e da existência de Maria Mariá, a resistência às obras de Hilda Hilst, e desconforto com o comportamento de Leila Diniz. O mesmo sistema que toma o feminino como um modo “natural” de ser mulher, pois teme que a liberdade proposta, a apresentação de outros jeitos de ser

mulher, de estar e relacionar-se consigo e com o mundo ponha em risco o patriarcado.

Medo de que, tornando-se mulher, que é a liberdade de definir-se a partir de si e para si, não por eles ou para eles. Que a consciência de ser a si mesma enquanto um, transforme-se em desobediência e ousadia para que as mulheres escrevam a própria vida, que construam outras narrativas, diferentes daquela “escrita no céu”.

Beauvoir ao tratar desse destino, afirma que nele a mulher “será tudo, exceto ela mesma” (2019, vol.1, p.313.) e observa ainda que: “a menina será esposa, mãe, avó; tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada: tem 12 anos e sua história já está escrita no céu; ela a descobrirá dia após dia sem nunca a fazer” (2019, p. 45).

A respeito dessa existência que se justifica para o outro, proposta pela sociedade patriarcal, apontamos nessas mulheres a decisão de ser e viver para si: “quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha” (JESUS, 2016, p. 87); “Tenho horror da expressão ‘meu marido’. Ela me dá vergonha...casei porque minha mãe me enchia muito, depois de velha ela ficou puritana” (DINIZ, 2013, p. 36, 163).

De acordo com Goldemberg, Leila foi “um ser próprio, queria apenas um amor simples, livre das fantasias, desejando “viver o amor e a sexualidade por inteiro, sem tabus e preconceitos” (1994, p.445). Maria Mariá, também viveu para si e para o que acreditava, mesmo numa cidade interiorana de fortes costumes patriarcais.

Carolina Maria de Jesus, Maria Mariá, Hilda Hilst e Leila Diniz, percorreram a vida na busca de compreensão e afirmação de si mesmas enquanto Um, a busca de uma mulher fora de moldes, dos padrões sociais em que viviam. Ergueram a voz no silenciamento imposto às mulheres. Foram perseguidas, desprezadas e humilhadas porque disseram e escreveram sobre assuntos que não estavam na “esfera feminina”, e assim foi pela palavra que todas elas se impuseram ao mundo como Um e não como Outro.

Essa afirmação de si enquanto ser Um e não Outro, para essas mulheres em específico, foi feita a partir de muita luta, inclusive em relação a si mesmas. Beauvoir já constatava que “não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano” (2019, vol. II, p. 7).

Foi como ser enquanto um, que levaram para o espaço público questões até então pertencentes ao âmbito privado. Desnudaram a vida enquanto mulher e romperam barreiras de repressão do desejo. Escreveram, falaram, viveram como Um e não como Outro.

Tornando-se elas mesmas o corpo que deseja, teceram críticas a objetificação da mulher, e denunciaram a naturalização de que há mulheres para casar e mulheres para entretenimento sexual:

a opinião universal encorajava os rapazes a se divertirem. Quando chegasse a hora, desposaria uma jovem de sua classe; entretentes, todos aprovavam que se divertisse com moças de condição humilde: costureirinhas, empregadinhas do comércio, criadas. Esse costume revoltava-me. (BEAUVOIR, 2018b, p.147).

E o filho do senhor Oliveira, depois de farto da sedução de mocinhas pobres, decidia casar-se com a filha do senhor Moreira, porque ela era rica. Ele namorava-a com todo respeito. (JESUS, 2016a, p. 39).

HH²¹ As moças me esnobavam e as mães se ajoelhavam pedindo aos filhos: “Essa moça não... não namorem nem casem com ela”. (DINIZ, 2013, p. 126)

Leila não é a namoradina do Brasil. Ela é mulher. Como tantas queriam ser. Como tantos homens queriam para amiga. Como tantos homens não teriam a coragem de aceitar como esposa. (MASCARENHAS, 1982, p. 5)

Narrativas que se aproximam na busca pela liberdade, num mundo pertencente aos machos, por relações igualitárias, nas quais a questão de gênero não se constituísse em fator de exclusão ou pressão. Ao reivindicarem as decisões sobre o uso do próprio corpo – subverteram os papéis de “anjo do lar” e “puta”, desconstruíram o que para elas estava posto e construíram suas próprias imagens acerca do que é ser mulher. Demonstraram que a mulher é um ser completo sem a presença de um homem, não aceitaram o papel de objeto, mas se assumiram como possuidoras de desejo.

Para Saffioti, embora esses papéis pareçam opostos, a dona do lar (a santa) e a puta são semelhantes, “porque são iguais entre si e diferentes do homem, socialmente falando. Ambas submetem-se ao domínio masculino” (1987, p. 32). É também a partir da relação que se estabelece nesse domínio (se sacramentado ou não) que se define uma e outra. Ambas não escolhem – são escolhidas; não são

²¹ Hilda Hilst

servidas – servem. A primeira, o corpo para gestar, a segunda, o corpo para gozo alheio.

Ao escolherem como viver, ao tratarem o desejo sexual como fato natural do corpo, Carolina de Jesus, Maria Mariá, Hilda Hilst e Leila Diniz, constrangeram a sociedade e talvez, ainda hoje, sejam tidas como inadequadas para o referencial feminino, pois destronaram o mito da feminilidade ao afirmarem concretamente sua independência (BEAUVOIR, 2019, vol. II).

Não percebemos no conceito de mulher em Beauvoir, uma proposta de universalidade ou igualitarismo. Entendemos a mulher em Simone de Beauvoir como um devir, um vir a ser, como um percurso de descobertas de si e do mundo, a partir de suas relações no e com o mundo.

Que o corpo feminino não a subjuga num determinismo biológico. Assim, procuramos apresentar com a história dessas mulheres alguns modos que elas encontraram de tornar-se, os tensionamentos, as oportunidades, as fissuras que mesmo numa sociedade patriarcal podem constituir-se como liberdade.

Nem santa, nem puta – liberdade para ser, com todas as complexidades e singularidades da existência.

3 FILOSOFIA E FEMINISMOS – ANÁLISE DE UMA INTERVENÇÃO POSSÍVEL

É, pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes". Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular (BEAUVOIR, 2019, vol. I p.7).

No ano de 2019, quando iniciamos o mestrado pelo Prof-filo, passamos a olhar mais atentamente para o que chamava mais a atenção das alunas e alunos, em nossas aulas de Filosofia. O projeto de intervenção era, para nós, ainda um gérmen. Algo tão minúsculo que mal podíamos delinear o tema com clareza. Ponderamos que, sendo um plano a ser construído para nosso alunado, deveria trazer algo que estivesse presente em suas existências.

Assim, nossa pesquisa foi aos poucos se direcionando ao tema feminismo e no final de 2019, pudemos apresentar no I Colóquio do Ensino de Filosofia²², o que já tínhamos possibilidade de perceber, naquele momento, que nos inquietava enquanto professora: discutir sobre feminismo²³ a partir do conceito de mulher, em Simone de Beauvoir, considerando à percepção que alunos e alunas tinham sobre a relação entre abandono escolar e casamento.

Para percebermos como alunas e alunos ideavam a relação entre casamento e abandono escolar, realizamos uma enquete, aplicada a todas as alunas e alunos

²² Comunicação Ensino de Filosofia e feminismo à luz de Simone de Beauvoir: tessituras entre casamento e abandono escolar. I Colóquio do Ensino de Filosofia (Cefil), na Universidade Federal de Pernambuco em dezembro de 2019. Pág. do evento: <<https://cefilsite.wordpress.com/>>

²³ Naquele momento, utilizávamos ainda o conceito de feminismo, tínhamos trabalhado no mês de novembro com biografias de mulheres negras para uma apresentação alusiva ao dia da Consciência Negra e percebemos que o lugar de mulher branca nos inseria num espaço de privilégio, mas ainda não nos era possível a apreensão dessa luta como plural. Foi a partir das leituras realizadas para orientação das apresentações e a observação de recusas por parte das alunas negras em aceitarem representar protagonistas negras que foram de extrema importância para resistência contra a escravidão, que começamos a perceber o racismo e suas intersecções na opressão das mulheres. Observamos ainda como as alunas que participaram e as que assistiram as apresentações dessas biografias, feitas através de cartazes, murais e peça teatral se identificaram, destacamos o grito, na entrada de uma das alunas com a faixa que representava uma dessas mulheres: "Dandara, você nos representa!".

do ensino médio. Utilizamos na pesquisa, ainda o sistema binário²⁴. A enquete constou de apenas duas questões, além da solicitação dos dados de idade e sexo: Conhece pelo menos um rapaz que tenha abandonado os estudos porque casou? Conhece pelo menos uma moça que tenha abandonado os estudos porque casou? Ambas com as opções de resposta sim e não.

Responderam ao questionário um total de trezentos e setenta e três estudantes, do ensino médio, de dezesseis turmas do 1º ao 3º ano, da referida fase. Dessas turmas, doze estavam sob a nossa responsabilidade, como professora de Filosofia. Consideramos ser importante aplicar nas demais, o que não seria tarefa impossível, uma vez que se tratava de um questionário simples, não tendo intenção de uma pesquisa qualitativa ou de análise de outras prováveis causas do abandono. Em relação a faixa etária, o público da pesquisa estava situado entre 15 e 33 anos, sendo 146 indivíduos do sexo masculino e 227 do sexo feminino. Apresentamos como primeira pergunta, se conheciam pelo menos um rapaz que tenha abandonado os estudos porque casou, e como segunda pergunta se conheciam pelo menos uma moça que tenha desistido de estudar pelo mesmo motivo. Obtivemos os seguintes dados: 326 estudantes afirmaram conhecer uma mulher que tenha desistido de estudar por causa do casamento - 87%; e 175 que conheciam pelos menos um rapaz que tenha desistido de estudar por causa do casamento – 47%.

Diante dos dados apresentados, percebemos que a pesquisa corroborava com nossas desconfiças iniciais, de que havia uma relação direta entre o abandono escolar e o início de um relacionamento estável. Mas nos assustou também o quantitativo relacionando a desistência do sexo masculino, embora suponhamos que sejam diferentes as motivações existenciais. Pensamos que nesse caso, estejam mais voltadas para o fato de necessitarem trabalhar para o sustento da nova família, ou seja, a assunção de um papel ativo delimitado pela sociedade – o de mantenedor. Enquanto que no caso das mulheres a relação entre abandono escolar e formação de família seja incitada pela submissão, pelos encargos domésticos que lhe são atribuídos, pelas “obrigações” que a nova função social lhe impõe – “ser dona de casa”, no seu caso um papel passivo. Ou seja, tanto o

²⁴Optamos pelo uso de masculino e feminino, por nossa pesquisa e aula terem sido instigadas pela Filosofia de Simone de Beauvoir em sua abordagem do patriarcado, baseada na exploração da mulher pelo homem.

abandono escolar de mulheres quanto de homens, em relação ao casamento está relacionado a papéis constituídos em um dado contexto sociocultural,

Acreditamos que embora nosso esforço seja, nesse momento, descrever como se deu a intervenção, não é possível delimitar um ponto exato de quando iniciou, pois a partir do momento que começamos a pensar o tema, desencadeou-se em nós uma escuta mais atenta para situações, que se relacionavam com a pesquisa. Então, a partir dessa escuta, direcionávamos a aula para as demandas das alunas.

A título de exemplo, apresentaremos algumas dessas situações.

Orientávamos um trabalho em que as turmas deveriam realizar dada pesquisa sobre filósofas e filósofos. Depois de organizadas as equipes, realizamos o sorteio, para que cada equipe soubesse o nome de qual filósofa ou filósofo iria pesquisar. Um dos alunos, ao receber o nome de uma filósofa, exclamou: “logo uma fêmea!”

As alunas iniciaram um debate sobre machismo, dialogando sobre o que era bom em ser homem, em ser mulher, o que era uma “mulher direita”. Um dos alunos disse que a mãe já o tinha aconselhado a casar com uma moça “do sítio”, alegando que essas eram mais recatadas, por isso tinha mais probabilidade de serem virgens, e explicou: “para o homem é tanto faz se ele faz um menino ou não, o corpo não muda nada. Agora a mulher, se engravidar, todo mundo nota logo”.

Dessa discussão, fizemos uma atividade chamada “está na boca do povo”, na qual utilizamos frases²⁵ coletadas nessa escuta para debate, empregando uma dinâmica: concordo ou discordo (DI PIERRO, ORTIZ, 2011). Ao se posicionarem a favor ou contra determinado enunciado, cada grupo indicava uma pessoa para justificar a posição adotada. Após cada argumentação, as integrantes poderiam modificar as posições adotadas inicialmente.

Após a realização da atividade apresentamos alguns recortes de textos de Beauvoir (2019, vol. I e II). Observamos que as alunas relacionaram as ideias da filósofa sobre a condição da mulher com a atividade anterior, assim como com suas próprias existências, dando depoimentos sobre a sua condição de mulher.

²⁵ Hoje em dia as mulheres tem os mesmos diretos que os homens. Tomar conta dos filhos e da casa é responsabilidade da mulher. Se a menina vai pra festa sozinha, termina ficando mal falada. Mulher que ganha mais que o homem só sabe "botar galha" no marido. Mulher casada não deve andar sozinha. Para mudar a sociedade as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens. Entre marido e mulher ninguém mete a colher! Mulher de verdade sofre e aguenta tudo calada. Hoje em dia os homens estão menos machistas. As meninas só pensam em casar.

Algumas alunas casadas apresentaram a dificuldade para continuar a estudar, uma vez que a cultura local, ainda persiste na ideia de que mulher casada não precisa estudar. Outras alunas solteiras apresentaram listas de tarefas domésticas que precisavam realizar antes de vir à escola, ou antes, de realizar as atividades escolares. Apenas uma aluna se pronunciou a respeito de como a sua situação diferenciava-se das demais, pois seu companheiro dividia todas as atividades com ela e a incentivava a estudar. Outra aluna nos contou que morava com a mãe, a avó e um irmão, e que este mandava em todas, e há dois anos não falava com ela, porque ela tinha “desobedecido” cortando o cabelo. Meses depois, encontrei-a casada aos 17 anos.

Foi inevitável fazer a relação entre o fato e a análise de Beauvoir sobre a situação de muitas moças, que sentindo suas liberdades cerceadas no seio familiar, veem o casamento como promessa de libertação, ou como possibilidade de terem seu próprio lar: “Se leva, em casa, uma vida doméstica, sofre por não passar de uma assistente, gostaria de consagrar seu trabalho a seu próprio lar, a seus próprios filhos” (2019 Vol. II, p.119).

Ao terminarmos as discussões sobre a filósofa, fomos interpeladas algumas vezes por alunas e alunos para saber quando falaríamos novamente de Beauvoir. A atividade demonstrou que havia um anseio de meninas e meninos de discutirem papéis de gênero, que discutir a condição da mulher em nossa sociedade possibilitava também discutir os papéis masculinos, que servem de apoio a inferiorização e exclusão feminina. Indicando ainda que, mesmo em grau diferenciado, os homens também sofrem pressão para afirmarem “masculinidade”.

Pensamos que ao inserir os debates feministas na aula de Filosofia, estaríamos oportunizando as alunas e alunos, a discussão de conceitos acerca do que é ser “mulher” sobre os modos de ser e estar no mundo, nas relações homem/mulher, auxiliando na compreensão das próprias atitudes enquanto constructo cultural.

Acreditamos ainda que, a abordagem de modos de ser e existir da mulher, enquanto identidade constituída socialmente, instigaria discussões pautadas na (in) existência de uma natureza determinada a priori, a partir do sexo, impulsionando o pensar, também, outros modos de existência do humano.

Ao discutirmos, por exemplo, sobre a existência ou não de uma essência feminina “frágil”, seria inevitável, o surgimento de questões sobre uma essência

masculina “forte”. Colocar a mulher como responsável pelos afazeres domésticos, sinalizaria também para as discussões acerca das “obrigações” masculinas de provedor e chefe da casa, para a compreensão de que a existência de uma posição determinada para a mulher, dá-se porque há uma condição masculina também construída.

A respeito dessa construção, Beauvoir (2019, vol. II), ao apresentar como meninas e meninos são socializados de formas distintas, tratados de maneira diferentes na própria família, expõe como a educação moral recebida, principalmente pelos pais e familiares, vai delineando uma existência feminina singular.

Através da demarcação de comportamentos, maneiras de se vestir e brincadeiras, as meninas arquitetarão condutas e a compreensão de espaços a serem por elas ocupados, instituindo os papéis a serem desempenhados de acordo com o sexo. Portanto, as diferenças entre a ideia de um ser feminino ou masculino são estabelecidas na existência, não sendo naturais, mas constructos que interdita as liberdades e as possibilidades, especialmente para o sexo feminino de se assumir enquanto sujeito.

A filósofa expõe como o mundo se apresenta inicialmente para meninas e meninos, e de como a intervenção de outrem vai delimitando espaços e definindo comportamentos para ambos. Também, em suas memórias (2018b), ela conta como seu pai lhe dizia que “tinha cérebro de homem”, no entanto, dispensava à mesma, um tratamento diferenciado daquele que os meninos de sua época recebiam. Eles “liam livros de verdade, estavam a par dos verdadeiros problemas, viviam ao ar livre” (Ibidem, p. 109).

Comparando a educação recebida pelas moças e a ofertada no colégio só para rapazes, a autora alegava receber um conhecimento “insosso, murcho”, e que suas professoras “eram mais ricas de virtudes que de diplomas”, enquanto os rapazes tinham “professores homens de inteligência brilhante, que lhes transmitiam o conhecimento em todo o seu esplendor” (Ibidem, p. 110).

Considerando que as nossas alunas, de modo geral, recebem hoje, a mesma educação escolar que os alunos, têm as mesmas professoras e professores: qual a situação atual em relação a sua condição feminina? Elas recebem no contexto familiar e cultural o mesmo tratamento que os meninos? Como percebem os papéis tidos como masculinos e femininos? Quais anseios têm em relação à sua existência? Qual a realidade que se apresenta em relação a esses anseios?

Dissemos, inicialmente que não era possível delimitar um ponto exato de quando se iniciou a intervenção, pois entendemos que ela não está em momentos estanques, que os questionamentos suscitados, as escutas também fazem parte dela.

A princípio, pretendíamos elaborar um material didático filosófico sobre o tema, que seria aplicado e analisado a partir da intervenção. No entanto, com a situação de distanciamento social, estabelecida pela pandemia causada pelo COVID-19, precisamos redirecionar as estratégias de trabalho, para realizar as atividades de intervenção via google-meet e whatsapp. Pensamos que, com as dificuldades de acesso à internet, a adaptação às plataformas virtuais, prejudicariam o desenvolvimento, aplicação e análise desse material, que se possível ainda o faremos posteriormente a dissertação, uma vez que pela organização do calendário letivo, seria impossível nesse momento.

Embora tenhamos planejado as atividades de intervenção para esse novo contexto, foi recorrendo às escutas mencionadas, às discussões realizadas em sala de aula e aos questionamentos delas suscitadas, que prosseguimos o nosso percurso de pesquisa e a organização das ações desenvolvidas.

Apresentamos assim, como as realizamos e o que delas foi possível colher, bem como procuramos estabelecer um diálogo com Beauvoir (2019 vol. I e II).

A intervenção foi realizada com estudantes do Ensino Médio, na Escola Estadual Professor Mileno Ferreira da Silva, na cidade de Santana do Ipanema – AL, durante as aulas de Filosofia, pela plataforma do google-meet. A ação foi desenvolvida em três atividades: 1. Filosofia e feminismos – pesquisa sobre a compreensão de alunas e alunos, acerca de comportamentos “masculinos” e “femininos”; 2. Nem serva, nem objeto – a mulher em Simone de Beauvoir; 3. Cultura e natureza – constituição de estereótipos de feminino/ masculino.

A participação nas vídeo-aulas teve uma média, de vinte e três participantes, observando que o número foi crescendo a cada aula. A primeira e a segunda, realizadas no horário matutino, contou, respectivamente, com dezessete e com vinte e duas alunas e alunos. A terceira, realizada no horário vespertino, contou com trinta e uma alunas e alunos.

4.1 FILOSOFIA E FEMINISMOS – PESQUISA SOBRE A COMPREENSÃO DE ALUNAS E ALUNOS ACERCA DE COMPORTAMENTOS “MASCULINOS” E “FEMININOS”

Com o objetivo de percebermos como as alunas e os alunos do Ensino Médio compreendem os comportamentos masculinos e femininos, e a delimitação (ou não) de espaços em decorrência do sexo, elaborei, em diálogo com o orientador, um formulário: Filosofia e feminismos (apêndice A), através do aplicativo do google forms, com questões de múltipla escolha e abertas, elaboradas a partir da leitura que realizamos de Beauvoir (2019, vol. I e vol. II), e baseadas no que já havíamos observado no espaço escolar.

Para a apresentação do formulário, bem como a explicitação da finalidade e dos objetivos deste, fizemos uma vídeo-aula no dia 24/07/2020, na qual apresentamos as indagações: feminismos, o que é? Para quê? Para quem é?

Em se tratando de uma aula virtual, já havíamos percebido um diferencial, quando a aula era feita com textos, com textos e imagens ou apenas oral, precisamos recorrer a um recurso de imagem, a fim de estimular as reflexões e participação.

Ao apresentarmos a questão feminismos, o que é? Usamos uma imagem retirada da internet (Imagem 1 – anexo)²⁶, que mostra um homem e uma mulher, ambos em bancos de mesma altura, tentando olhar do outro lado de um muro. Na imagem, a mulher tem estatura menor que o homem, acima dos dois a palavra igualdade. Ao lado, os mesmos itens da imagem anterior, sendo que a mulher está pisando no homem com os dois bancos empilhados abaixo dele, acima da imagem a palavra: feminismos. A essa imagem acrescentamos a pergunta: Será?

Estimulamos alunas e alunos a dizerem o que pensavam a respeito da imagem, se concordavam que os feminismos indicavam “pisar no homem”. No chat, as alunas e alunos se posicionaram, aparecendo “não” como resposta três vezes, e “sim” uma vez. Uma aluna disse que era “uma luta por igualdade”.

²⁶ Preferimos fazer a descrição da imagem, ao invés de apresentá-la aqui, pois entendemos que ela pode ser utilizada com finalidade oposta a que aqui utilizamos, a saber, mostrar como erroneamente se divulgam imagens que deturpam os ideais feministas. No entanto, colocamos a imagem em anexo, como material de apoio a nossa descrição.

Ao apresentarmos a pergunta feminismo para que e para quem? Surgiram as seguintes respostas: “igualdade para todos”; “igualdade para as mulheres”; “para todas, todos e todes”.

Nessa aula não apresentamos qualquer conceito nem comentário às respostas apresentadas, pois queríamos saber o que pensavam sobre o assunto. Também, não queríamos influenciar quando fossem preencher o formulário de pesquisa. Explicamos a finalidade da aplicação do formulário, frisando a manutenção de sigilo em relação às respostas e identidade das participantes. Por esse motivo, diferente de outras atividades já realizadas, o formulário não faria a coleta de e-mails, nem teria espaço para colocar o nome.

Doravante, nessa descrição da intervenção, apresentaremos os dados obtidos através do referido formulário. Dessa forma, ao apresentarmos o número da questão a que o dado se refere, entenda-se que estamos falando das questões do formulário Filosofia e feminismo (apêndice A).

O link para que respondessem ao formulário foi encaminhado nos grupos de whatsapp das turmas participantes da pesquisa. Então foi respondido entre os dias vinte e seis e trinta de julho. Responderam cinquenta e duas estudantes de duas turmas, do 2º ano do Ensino Médio, de um total de oitenta e um matriculados nas referidas turmas. Considerando a dificuldade de alunas e alunos ao acesso a internet, avaliamos a porcentagem de 64%, uma participação adequada para fins de nossa pesquisa.

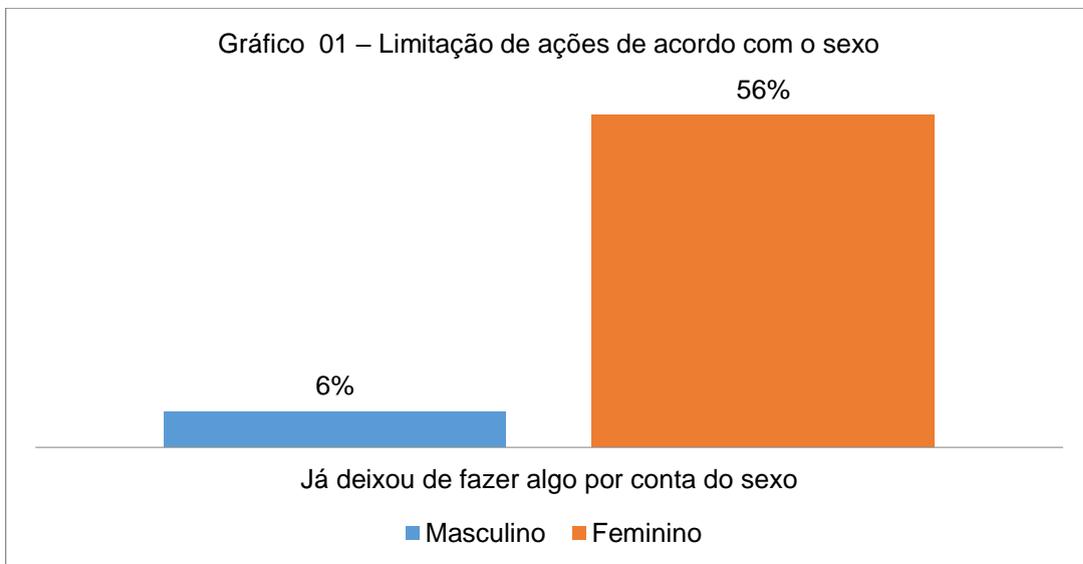
De acordo com os dados obtidos, do total de formulários respondidos, trinta e quatro participantes se identificaram como do sexo feminino e dezoito do sexo masculino, média de idade de dezesseis anos, apenas uma aluna com mais de vinte anos.

Os gráficos foram produzidos a partir dos dados coletados, através do formulário Filosofia e feminismo (Apêndice A). As cores não foram selecionadas a priori, deixamos as que o programa de gráficos do Word-Excel foi apresentando automaticamente, quando incluíamos os dados no programa.

Os gráficos: 01; 03 e 04 – afirmação de limitações apontada por sexo; atividades realizadas de acordo com o sexo e traços de personalidade considerados mais comuns a cada sexo, respectivamente. Também, por tratarem de questões relacionadas a afazeres, perspectivas e espaços delimitados para a mulher, organizamos pela variável de autodefinição de sexo em relação a outras variáveis.

Como o número de meninos e meninas foi diferente, sendo o quantitativo do sexo masculino (18) inferior ao quantitativo de participantes do sexo feminino (34), a porcentagem dos gráficos 01 e 03, foi feita tendo o total de cada sexo como referência, enquanto nos gráficos 02 e 04 pelo total de participantes da pesquisa.

Pensando acerca de limitações impostas ao sexo feminino, perguntamos se já tinham deixado de fazer algo por conta do seu sexo (Questão 03). De acordo com o gráfico 01 – 6% do total de meninos afirmaram já ter deixado de fazer alguma coisa por conta do sexo. Entre as meninas, o índice foi de 56%. Na questão seguinte, solicitamos que respondessem de forma aberta, o que já tinham deixado de fazer, caso a resposta tivesse sido afirmativa, na questão 03. No caso do aluno, ele disse ter deixado de dançar, vestir ou falar alguma coisa. Entre as alunas, as limitações que mais se repetiram foram relacionadas com saídas para espaços públicos²⁷.



Fonte: Elaboração própria.

Observamos ainda, que apesar de nossa pergunta não estar direcionada de forma explícita à proibição, as respostas, indicam que deixaram de fazer porque outras pessoas as proibiram, sendo recorrentes expressões como: “só porque meu pai não deixou”, “fui obrigada a mudar”, “nunca deixaram”, “não permitiram”, “me disseram que menina não podia”, “nunca deixaram que eu o fizesse porque o meu lugar era sempre em casa, brincando com bonecas ou lavando a louça”. A esse respeito, Beauvoir aponta que: “os pais criam os meninos com mais liberdades, já as

²⁷ As alunas elencaram já terem deixado de fazer as seguintes ações: ir a lugares como festas, casa de amigas, participar de brincadeiras entendidas como de meninos, trabalhar, pegar coisas pesadas, sair de casa sozinha ou à noite, cortar o cabelo, conversar com meninos, usar roupas masculinas, estar com quem gosta, contar piada, ficar sem a parte de cima da roupa, namorar.

meninas devem ficar em casa, nas festas devem sempre ir acompanhadas” (2019 vol. II, p. 81).

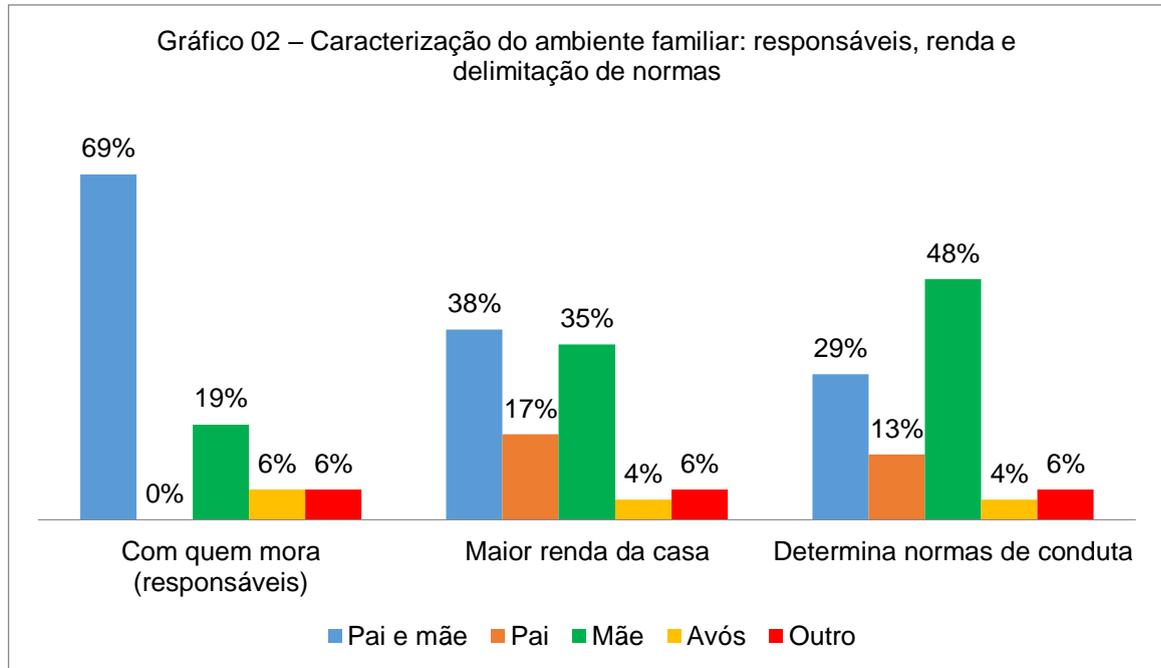
Dessa forma, a menina “tem muito mais dificuldade do que o rapaz em se realizar como indivíduo autônomo” (Ibidem, p. 120). Embora tenha as mesmas possibilidades de acesso a educação formal, os costumes delimitadores de espaço, comportamento e atuação, tornam mais difícil a ela evadir-se do destino traçado para a mulher na sociedade patriarcal.

“Respeitam o esforço que faz o adolescente para se tornar homem e desde logo lhe dão uma grande liberdade. Da moça exigem que fique em casa, fiscalizam-lhe as saídas: não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam-lhe a independência difícil. Se passeiam pelas ruas, olham-nas, abordam-nas.” (Ibidem, p.81, 82).

Procuramos também coletar dados que caracterizassem o ambiente familiar, perguntamos assim, com quem eles moravam (os responsáveis), de onde provinha a maior renda da família e quem determinava os horários de saída, as normas de conduta, para onde e com quem elas podiam sair. Pretendíamos com essas duas últimas questões, verificar um sinalizador de autoridade no lar.

O gráfico 02 – caracterização do ambiente familiar, observamos que 48% apontaram a mãe como a pessoa que determina horário e normas de condutas. No entanto, ao perguntarmos quem já ouviu a frase “Contarei tudo a seu pai quando ele voltar” (questão 11), 100% das alunas que moram com pai e mãe afirmaram já tê-la ouvido.

Pensamos que há uma relação entre esse resultado e o que afirmou Beauvoir “A autoridade do pai não é a que se faz sentir mais cotidianamente, é, entretanto a mais soberana” (2019 vol. I p. 32). Ou seja, parece-nos que a mulher está como uma espécie de administradora do lar, mas o dono é o marido, a quem ela recorre ou deve prestar contas, demonstrando que, “o marido governa, a mulher administra, os filhos obedecem” (Ibidem, p. 143).



Beauvoir (2019, vol. I), apresenta como o trabalho doméstico vai sendo atribuído historicamente como atividade da mulher. Assim como, muitas vezes, restringe e até impede a sua participação na vida pública, nas decisões coletivas.

De acordo com Safiotti (1987), essas relações do âmbito privado irão delineando também as relações de poder no espaço público, assim como a divisão sexual do trabalho entrelaçam-se às estruturas de poder.

Para Beauvoir (2019, vol. II), o trabalho doméstico é preponderantemente associado a trabalho de mulher. É a ela que caberá o cuidado da casa e dos filhos, mesmo desenvolvendo uma atividade remunerada, será ela, portanto, que acumulará o trabalho às tarefas domésticas (Idem, vol. I). Nesse sentido, pedimos, para que as alunas e os alunos assinalassem as atividades realizadas (questão 10)

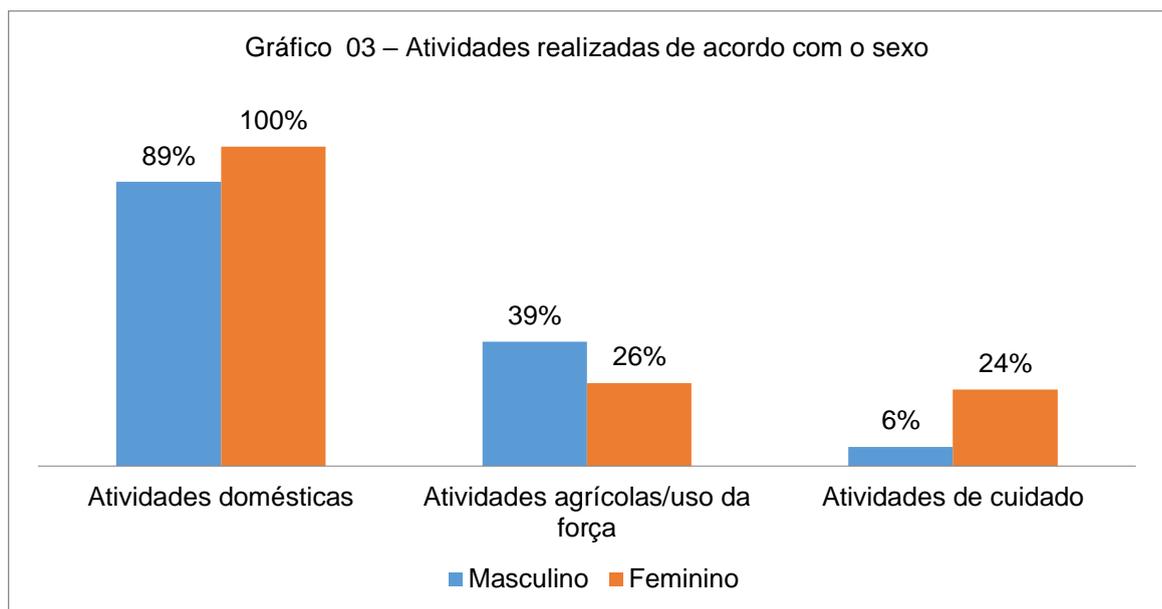
28.

Observamos nos dados apresentados no gráfico 03, que 100% das meninas afirmam executar tarefas domésticas. Além disso, 26% que desenvolvem atividades agrícolas e uso da força e 24% atividade de cuidado, é possível deduzir que muitas

²⁸ Para fins de organização das informações as respostas foram agrupadas da seguinte forma: atividades domésticas: lavar pratos; limpar a casa; lavar roupa; ajudar pai e/ou mãe nas atividades domésticas. Atividades agrícolas e do uso da força: carregar água para consumo da família; ajudar o pai e/ou mãe em atividades agrícolas (cortar palma, colocar água e comida para os animais. etc). Atividade de cuidado: cuidar de um irmão ou irmã menor. Cremos que poderia ser acrescentada também uma opção de resposta para execução de atividade de cuidado com parentes idosos ou de babá para auxílio da renda familiar.

alunas acumulam as atividades domésticas com outras atividades. Inferimos que entre as alunas e as mulheres que exercem atividade remunerada apresentadas por Beauvoir, há uma aproximação, uma vez que ambas precisam conciliar “ofício” e vida doméstica, assumindo ainda outras atribuições (2019, vol. I).

A repetição dos afazeres, tidos como natural de mulheres, sustenta a reprodução da ideia de que seria função natural da mulher o cuidado da casa e dos filhos, apoiando as diferenças sociais entre homens e mulheres, inclusive na naturalização de profissões “masculinas” e “femininas”.



Fonte: Elaboração própria.

Observamos, por exemplo, que ao apresentarmos numa das questões, os cursos de Pedagogia (P) e Zootecnia (Z), e pedirmos para que apontassem se eles e elas consideravam uma profissão a ser exercida por ambos os sexos, por homem ou por mulher. O resultado foi semelhante sobre a opinião de que são cursos, cujas funções podem ser exercidas por ambos os sexos: P=71% e Z=67%. No entanto o resultado se inverte com aquelas e aqueles que afirmam ser uma profissão a ser exercida de acordo com o sexo: 21% consideraram que P seja uma profissão que deva ser exercida por mulheres; e 8% consideram que P seja uma profissão que deva ser exercida por homens. Em relação ao curso Z, 12% consideram que seja uma profissão a ser exercida por mulheres e 21% consideram que Z seja uma profissão que deva ser exercida por homens.

Aliada a essa repetição de tarefas, às meninas também serão exigidos comportamentos ditos “femininos”. Um exemplo, são as frases de naturalização de conduta direcionadas a meninas e meninos. Os dados coletados na pesquisa apontam que 50% dos alunos já escutaram “homem não chora”, enquanto que 76% das alunas já tinham ouvido a frase: “sente como uma menina”. Em relação ao comportamento sexual, 50% das alunas afirmaram já ter ouvido: “se namorar demais, ninguém vai querer casar contigo”, enquanto que 28% dos alunos alegaram ter ouvido a mesma frase.

Tudo converge para a naturalização de uma feminilidade passiva, materna, dedicada. De acordo com Beauvoir, desde cedo, “ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto” (2019, vol II, p. 25), suas roupas, a limitação de suas ações e as aprendizagens a que é submetida lhe remetem à passividade e objetificação, ao lugar de outro:

E até uma mãe generosa que deseja sinceramente o bem da criança, pensará em geral que é mais prudente fazer dela uma “mulher de verdade”, porquanto assim é que a sociedade a acolherá mais facilmente... Propõem-lhe virtudes femininas, ensinam-lhe a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa ao mesmo tempo impõem-lhe regras de comportamento... Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma, incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo. (Ibidem, p. 26)

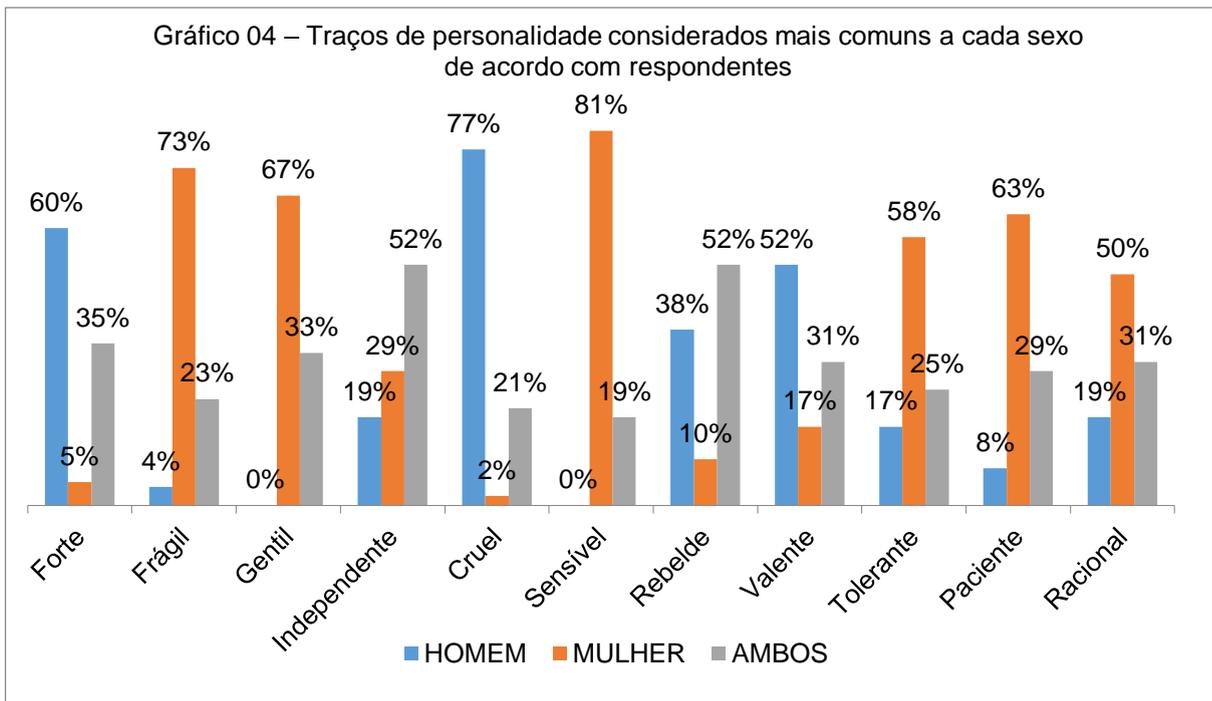
A menina, portanto, terá maior dificuldade para afirmar-se a si mesma enquanto Um. Se fosse encorajada a exercer sua liberdade “ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino” (BEAUVOIR, vol. II, p.25).

A partir desse processo de socialização, na delimitação de espaços e liberdade para agir, na atribuição majoritária de tarefas domésticas, nas exigências de comportamento sexual diferenciado do exigido ao sexo masculino, serão adquiridos os traços de personalidade tidos como naturalmente femininos (BEAUVOIR, 2019, vol. II, SAFFIOTI, 1987).

A esses traços de personalidade constituídos como natural, Beauvoir (2019, vol. II), os nomeou de eterno feminino, atributos que não passam de estereótipos do que é ser mulher. Também para Saffioti (1987), traços de personalidade associados à emoção e fragilidade, por exemplo, são tidos como naturais à mulher. No entanto

“estes traços de personalidade são adquiridos ao longo do processo de socialização” (Ibidem, p. 34).

Acerca desses traços de personalidade, listamos alguns apontados pela filósofa, que são estimulados de acordo com o sexo, condizentes com a conduta que a sociedade patriarcal espera de uma mulher. Pedimos para que marcassem os traços de personalidades, que consideravam mais comuns em homens ou mulheres. Tendo a opção de marcarem em ambos.



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que as características pautadas no uso da força e ação foram relacionadas, majoritariamente, ao sexo masculino: forte, rebelde, valente. Enquanto frágil, tolerante, paciente, traços voltados à passividade, foram marcados como predominantemente femininos. Sensível e gentil, não foram tomadas por nenhuma aluna ou aluno como sendo características da personalidade masculina, embora tenham assinalado que ambos os sexos podem ser gentis (33%) e sensíveis (19%). Por outro lado, 77% apontaram a característica cruel, como masculina, e 21% de ambos os sexos; apenas 2% apontou como sendo uma característica feminina.

Ficamos surpresas, diante dos dados, quanto às características independente e racional. Pensávamos que nesse caso o resultado seria inverso ao que foi apontado. Em relação a independente, acreditávamos que seria apontada como uma

característica majoritariamente masculina, devido às limitações impostas ao sexo feminino, apresentadas ao longo do formulário.

Retomemos alguns desses dados: 56% já teriam deixado de fazer alguma atividade por conta do sexo; 76% apontaram já ter ouvido a frase de naturalização de conduta: “sente-se como uma menina”; a regulamentação de sua vida afetiva sexual evidenciada nas falas, assim como na expressão: “se namorar demais, ninguém vai querer casar contigo”, ouvida por 50% das alunas. Observando o contexto apresentado, conjecturamos que isso demonstre um anseio de independência, poderíamos também dizer que seria uma “desobediência” ao padrão imposto, uma vez que, independente e rebelde, apresentaram a mesma porcentagem (52%), como sendo uma característica de ambos os sexos.

Quanto à característica racional, a razão, enquanto capacidade de pensar tem sido associada ao longo da história da humanidade ao sexo masculino. Muitos filósofos foram responsáveis por discursos sexistas, que naturalizaram a inferioridade das mulheres instaurando estereótipos em detrimento de seu pensamento, quando não consideradas incompletas, carentes de qualidades, delegavam-se ao sexo feminino as características mais relacionadas à emoção.

De acordo com Beauvoir (2019, vol. II) e Saffioti (1987, 2015), na medida em que naturalizam a inferioridade feminina, as diferenças de tratamento dado às mulheres e aos homens, tonificam a desigualdade, legitimando, em muitas situações a violência contra o sexo feminino. Segundo as autoras, essa compreensão se justifica, uma vez que a construção social do homem acontece num contexto que reforça a personalidade de um ser forte, protetor e dominador, a mulher é estimulada a demonstrações de fragilidade, tolerância e submissão.

a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

Aquelas que assumem características tidas como “masculinas”, podem ser tachadas de desejarem “ser homem”, consideradas invasoras de um mundo que não lhes pertence, ou desertoras do destino que a sociedade acredita que devam cumprir. A naturalização de tais características, também pode levar a justificação da

mulher como inferior (sexo frágil), legitimando a dominação e até mesmo as violências a ela impostas.

De acordo com Beauvoir, o homem procura assegurar através da violência a autoridade que já lhe fora conferida pela sociedade patriarcal, uma vez que “se acha tão convencido de seus direitos que a menor autonomia conservada pela mulher lhe parece uma rebeldia” (vol. II, p. 250).

Em relação à situação das mulheres, apresentamos na questão dezoito, alguns pontos observados por Beauvoir (2019, vol. II), através dos quais a sociedade patriarcal vai delineando as expectativas em relação à mulher, bem como gerando diferenças de compreensão de si em relação ao mundo. Também, apresentando consequências que colocam a mulher no lugar de Outro, como um indivíduo cuja existência se justifica pelo pertencimento ou construção de uma relação com o homem.

Para responder à questão, a pessoa deveria indicar seu grau de discordância ou de concordância com o conteúdo expresso, utilizando a seguinte escala de pontos: 5 - Concordo totalmente; 4 - Concordo parcialmente; 3 - Discordo totalmente; 2 - Discordo parcialmente; 1 - Não tenho opinião sobre esse assunto. Para otimização da análise da questão, apresentamos as afirmações em marcadores alfabéticos:

- a. O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento (p.185).
- b. Uma mulher pode abandonar mais facilmente os estudos, a profissão logo que encontra um marido (p. 121).
- c. A mulher deve se subordinar ao homem: pai, irmão ou marido (p. 185-442).
- d. Os pais criam os meninos com mais liberdade, as meninas devem ficar em casa, nas festas devem ir sempre acompanhadas (p. 11-122).
- e. De uma maneira mais ou menos velada, a moça consome-se na espera de um homem para casar (p. 75).
- f. Hoje em dia, é mais fácil à mulher escolher seu destino, porém ela tem mais dificuldade do que o rapaz em se realizar com o indivíduo autônomo (p. 120).

Separamos os dados das respostas de acordo com o sexo, pois pensamos em comparar os resultados, a fim de verificarmos se no lugar de fala²⁹ de quem sofre diretamente as opressões do patriarcado e sua compreensão de si no mundo, diferencia-se ou não da fala de quem não vive tão intensamente essa opressão.

De modo geral, os posicionamentos apresentaram resultados similares. A título de exemplo: a afirmação da letra a, na escala de pontuação 5 (concordo totalmente), obteve 17% das respostas dos alunos 21% e das alunas. Já a

²⁹ Conceito apresentado pela filósofa Djamila Ribeiro (2019).

pontuação 2 (discordo totalmente) ficou com 39% nas respostas dos alunos e 32% na das alunas. A afirmação com maior diferencial na escala de discordância (totalmente ou parcialmente), foi a de letra c. 89% dos alunos disseram discordar e 73% das alunas discordaram totalmente ou parcialmente. Na afirmação de letra d. o índice de concordância foi 39% dos alunos, e 27% das alunas.

Ainda a partir desses pontos apresentados, solicitamos que selecionassem duas das afirmativas, sobre as quais gostariam de discutir em aula, o marcador mais solicitado foi a letra d. (25). Além dessa questão, também foi solicitado que abordássemos sobre pessoas que abandonam os estudos por obrigações ou ameaças.

Ao final do formulário, deixamos um espaço aberto para perguntas e sugestões. Transcrevemos aqui algumas das contribuições apresentadas:

Esse tipo de discussão deveria ser proposto também pelas escolas para discutir com os pais, com o intuito de incentivar os responsáveis pelos estudantes a abrirem suas mentes para um novo futuro e um mundo onde as mulheres têm livre arbítrio para escolher se casar ou não, escolher seus estudos, seu modo de viver , modo de vestir , e principalmente um futuro onde as mulheres tenham direitos , salários e liberdade de expressão iguais aos dos homens (Aluna 1)

Porque a sociedade (homens) é assim? (Aluna 2)

Gostaria de falar mais sobre pessoas que param de estudar por obrigação ou até mesmo ameaça (Aluna 3).

Por que isso acontece? Sobre os meninos terem mais liberdade do que as meninas? (Aluno 1)

Por que isso acontece? Dos familiares darem mais liberdade aos meninos do que as meninas? (Aluno 2)

Gostaria de discutir mais sobre essa questão dos pais criarem os meninos com mais liberdade, enquanto as meninas ficam em casa e só podem sair acompanhadas. (Aluno 3)

Sobre essa afirmação de "O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento", tem pessoas que não entendem que a mulher tem liberdade pra fazer o que quiser, basta ela lutar por seus direitos, mais tem pessoas que não entende, acha que mulher foi feita pra casar, ficar em, pra fazer comida pra o marido, entre outras coisas, eu discordo totalmente, porque é egoísmo quem pensa isso. (Aluna 4)

Gostei muito da enquete, de abordar certo tipo de assunto (Aluna 5).

Um tema que precisa ser mais tratado (Aluno 4).

A análise do posicionamento das alunas ao longo do formulário aponta para um anseio de liberdade, embora a luz de suas respostas, o contexto em que vivem

ainda presente diferentes “amarras” culturais, que podem ser vistas como freios a realização das expectativas. Ao tempo em que apontam um cerceamento de suas ações, a restrição de sua ocupação em espaços e atividades preponderantemente domésticas, demonstrando a sua situação existencial, vislumbram uma independência ao apresentarem desejos de liberdade, tanto no exercício de profissões, quanto em não se contentarem com o destino que a sociedade patriarcal lhes traçou.

Sobre tal ponto, apresentamos (questão 14) a seguinte pergunta: Se você só pudesse escolher uma das opções abaixo para realizar na vida, qual seria? 53% das alunas escolheriam a faculdade, 38% um emprego e 9% ter um filho. As respostas dos alunos apresentaram o seguinte resultado: 56% escolheriam um emprego, 33% a faculdade e 11% casar. Embora nenhuma aluna tenha marcado a opção de casamento, quando perguntamos (questão 12) para quem seria mais importante a constituição de uma família, 21% das alunas e 6% dos alunos afirmaram ser mais importante para a mulher, 74% das alunas e 89% dos alunos consideraram importante para ambos. Sobre não ser importante para nenhum dos dois, deu uma porcentagem igual de 6% para alunas e alunos.

Pensamos que o percentual de alunas, que se posicionaram sobre a importância da faculdade, assemelhar-se à porcentagem de alunos que priorizariam o emprego, guardam relações inversas aos ditames patriarcais. Enquanto os meninos buscam a autoafirmação de mantenedores, as meninas buscam a libertação através da educação.

O que observamos nas respostas ao longo formulário, há um espaço desejante de discussões concatenadas as desigualdades, afinal temas como racismo e violência contra a mulher, embora não tivessem sido foco da pesquisa, apareceram. Também, é preponderante o anseio pela compreensão/ mudança da forma que meninos e meninas são tratadas.

Há ainda uma aversão, pelo machismo. Até mesmo nas falas de alunos, há um desejo que o tema seja mais discutido, inclusive ampliado para o espaço familiar.

Creemos que muitas outras análises podem ser realizadas a partir desses dados, assim como poderia se incluir outras categorias como, religião, escolaridade dos pais, renda familiar, cor da pele, antecedentes de violência.

Acreditamos que o uso de formulários de pesquisa como este, pode ser útil no conhecimento das necessidades básicas de grupos de trabalho. Os resultados

podem apontar para metodologias, subsídios, temáticas de interesse e referencial a ser apresentado. Foi a partir do resultado desse formulário, que direcionamos as aulas seguintes, planejadas a partir da demanda dos dados coletados, que apontaram a persistência de visões estereotipadas e sexistas contra as mulheres.

Visões estas, que geralmente se associam à dominação, discriminação, aos preconceitos e à violência, através de agressões físicas e psicológicas contra a mulher, bem como à manutenção de quadro de opressão do gênero feminino. No papel de senhor da casa, chefe da família. dá ordens com voz severa, bate em objetos, grita; cenas de violência que fazem parte do cotidiano de muitas mulheres, pois ele “se acha tão convencido de seus direitos que a menor autonomia conservada pela mulher, parece-lhe uma rebeldia” (BEAUVOIR. 2019, Vol II, p. 250). E para “educar” a rebelde, muitos homens fazem uso da agressão. Sobre esse tipo de violência hooks assinala que:

É uma das expressões mais flagrantes do emprego abusivo da força para a manutenção do controle e da dominação. É a síntese viva dos conceitos de regra hierarquia e autoridade coercitiva (2019, p.179).

Safiotti (1987) aponta como a violência que as mulheres sofrem está no dia a dia, incorporado no imaginário coletivo de homens, mas também de mulheres, naturalizada em ditos populares, como "em briga de marido e mulher não se mete a colher" ou “mulher gosta de apanhar”. Ela ressalta esse é um mal presente em todas as classes sociais, no entanto, aponta como a situação vulnerabilidade é maior, quando categorias econômicas, étnicas e raciais de marginalização se coadunam com a condição do feminino.

Situações e falas das alunas já citadas nesse texto demonstram que a violência, também está presente em seu cotidiano. Muitas vezes de forma velada, nas interdições, a presença da ideia em 77% das alunas e alunos que a crueldade é uma característica masculina, na sugestão para se discutir “sobre pessoas que param de estudar por obrigação ou até mesmo ameaça” (Aluna 3).

Desta forma, a organização das aulas aqui apresentadas, respondem a um contexto, de estudantes de escola pública, do interior de Alagoas, num tempo de pandemia, no modo de atividade virtual cujo espaço, sala de aula, acontece em espaços diversos inclusive no espaço doméstico da professora e das alunas. Estas, não raras vezes, justificaram a ausência na aula por estarem “cuidando da casa”,

compreensível, uma vez que os espaços doméstico e escolar se fundem; o tempo familiar também é o tempo escolar.

4.2 NEM SERVA, NEM OBJETO – A MULHER EM SIMONE DE BEAUVOIR

A aula foi realizada pelo google meet contou com a presença de 21 alunas e alunos.

O convite (imagem 2) para participação nessa atividade foi publicado, nos grupos de whatsapp, bem como no nosso instagram. Algumas das reações acerca dos feminismos, recebidas demonstraram o que já havíamos pensado a respeito de sua desqualificação. Numa dessas reações, um seguidor assim se expressou: “você está bonita, mas ficaria mais ainda sem essa história de feminismos”³⁰, noutra mensagem “Mas feminismos é sinônimo de mostrar o *, de ser vulgar, de fazer desordem em qualquer lugar, pois são mulheres e podem fazer o que quiser? Me explique aí, por favor!”³¹

Quanto à reação das alunas, recebemos vídeos com sugestões de outras músicas semelhantes a que apresentamos no convite³².

Iniciamos retomando a explicação de que o formulário Filosofia e feminismos faz parte da pesquisa desenvolvida no mestrado profissional em Filosofia, pois embora nós tenhamos colocado essas informações no cabeçalho, algumas alunas e alunos haviam indagado no espaço aberto do próprio formulário, o porquê de estarmos perguntando tantas coisas a seu respeito.

Informamos que a aula seria gravada, mas as perguntas e intervenções de todas e todos seriam mantidas em sigilo. Apresentando a música Desconstruindo Amélia (Pitty, 2009), indagamos se conheciam alguém com ações semelhantes às apresentadas no trecho: “O ensejo à fez tão prendada. Ela foi educada pra cuidar e servir. De costume, esquecia-se dela. Sempre a última a sair”.

Pelo chat, disseram que sim: a mãe, a avó, uma tia, elas mesmas (as alunas). Ou seja, na visão de quem estava assistindo a aula, era sempre uma mulher a “ser prendada, cuidar e servir”. Ainda acrescentaram: “a última a sentar-se à mesa”, “a

³⁰ Recebida via direct no instagram.

³¹ Recebida pelo whatsapp, após publicar o convite no status pessoal.

³² Bem mais que um refrão de Kell Smith e Menina solta de Giulia Be

deitar a noite”, “só descansava quando sabia que todo mundo a seus cuidados estava bem”, “esquecia até de cuidar dela mesma”. Retomando ao título da música, perguntamos quem seria essa Amélia e por que a cantora teria usado o termo “desconstruindo”. Nas respostas, usaram os termos “desmanchar”, “desfazer”, “derrubar uma construção” e que a Amélia deveria ser aquela mulher prendada do início da música.

Apresentamos o trecho da música *Ai, Que Saudades da Amélia* (LAGO, 1942) para contextualizar a quem se refere a cantora Pitty, ao escrever *Desconstruindo Amélia*. Por que o compositor dizia que Amélia era mulher de verdade? Trouxemos as questões: o que é uma mulher de verdade? Seria essa mulher de verdade igual em qualquer época e cultura?

Amélia seria a mulher que cuida de todo mundo, que cuida dos outros (filhos, marido, irmãos), que apoia o marido, que não reclama. Como seria a situação da mulher hoje, comparando a essa Amélia? Ocuparia os mesmos espaços, se comportaria do mesmo jeito?

Apresentamos então a filósofa Simone de Beauvoir, que trouxe o conceito de outro, ou de segundo sexo, para estudo da condição da mulher.

Um aluno apontou no chat, que a sociedade atual tinha perdido a perdido a essência dos tempos remotos. Pedimos para que falasse um pouco sobre a ideia de essência que estava colocando. Ele explicou que seria “a forma que Deus criou”. Acrescentamos que era uma ótima discussão, que era exatamente uma das principais preocupações da filósofa Simone de Beauvoir, que ao analisar a situação das mulheres, questiona: será que existe uma essência, um dado biológico que define o que é ser mulher e a forma como ela se comporta? Algo tão natural e próprio, que se pode observar em qualquer mulher, a despeito de período histórico, contexto cultural, econômico, educação, religião; sem qualquer mudança ou sem que se possa fazer nada para alterar dado comportamento?

Apresentamos a obra *O Segundo Sexo* (2019), explicando que nela, essas e outras questões são colocadas pela filósofa e que doravante nossa discussão, bem como a reflexão da música “*Desconstruindo Amélia*” seriam norteadas pela referida obra. Fizemos uma breve contextualização do período em que o livro foi publicado pela primeira vez, apontando algumas das críticas que recebeu e de como muitas de

suas ideias incomodaram. Hodiernamente, ainda incomodam as sociedades atuais por tratar de temas considerados como tabus³³.

Ressaltamos a importância da referida obra para o estudo dos feminismos, seja como crítica, seja como aprofundamento de suas ideias, apresentando o vídeo: *Fernanda Montenegro narra Simone De Beauvoir*³⁴.

Abordamos como Beauvoir faz o estudo da condição da mulher na sociedade, utilizando para isso a biologia, a psicanálise, a situação histórica das mulheres desde a pré-história, para entender como a mulher foi colocada como serva, subserviente, no papel de outro.

A Amélia idealizada como “mulher de verdade” atende a esse constructo, uma vez que era resignada, não fazia exigências, não tinha vaidades, mesmo passando fome apoiava o companheiro, assumindo para com ele a função de cuidadora.

Ao afirmar “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (2019, Vol. II. p. 11), Beauvoir considera como a sociedade patriarcal foi edificando narrativas da ideia de feminino, delineando valores, afirmando características, delimitando espaços de atuação, atitudes e vestimentas apropriadas e inapropriadas. Assim, contribuiu para a construção de estereótipos, de identidade para o que é ser mulher.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (Ibidem, p. 11).

Portanto, de acordo com a filósofa, essa identidade é uma definição histórico-cultural e não biológica. Não é porque um sujeito nasce num corpo de fêmea que se põe no mundo como mulher, mas pela compreensão que tem de si mesma, mediada pela sua percepção de mundo, pelas suas relações e circunstâncias que ela fará o aprendizado de sua condição feminina.

Educada sobre preceitos patriarcais, que a percebe como Outro, como inessencial, todas as circunstâncias negam-lhe a construção de uma identidade própria, de um vir-a-ser, sujeitando-a ora como serva, ora como objeto.

³³ Essa contextualização do período em que a obra foi publicada, bem como algumas críticas feitas pela sociedade, já foram apresentadas em diferentes pontos desta dissertação.

³⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/fernandamontenegrooficial/videos/339878303348797>>

Na música *Desconstruindo Amélia* podemos identificar essa construção nos seguintes trechos: “O ensejo à fez tão prendada/ Ela foi educada pra cuidar e servir/ De costume, esquecia-se dela/ Sempre a última a sair”. A imposição das tarefas domésticas e de cuidado como “coisa de mulher” faz parte desse rol de comportamentos ensinados.

A repressão social sobre os seus desejos, mas especificamente sobre a relação com seu corpo e seus afetos é imposta através das normas de condutas que se diferenciam entre a forma que menino e menina são educadas, principalmente no seio da família. Na pesquisa respondida, 56% das alunas assinalaram já terem deixado de fazer alguma coisa por conta do sexo, em contraposição, apenas 6% dos alunos afirmaram o mesmo. Além da repressão de comportamentos, há também um universo de silêncio sobre assuntos que dizem respeito ao seu corpo, como: menstruação, desejo, prazer, assim como insatisfação diante das normas impostas. Sente dissabor pelas regras que a colocam num lugar de resignação, no qual ela ou esquece-se de si mesma, se anula ou precisa “disfarçar” apresenta características de ser passivo: frágil (73%), gentil (67%), tolerante (58%), paciente (63%) e sensível (81%).

A afirmação de Beauvoir acerca de tornar-se mulher, desconstrói o discurso patriarcal que unifica e biologiza o jeito de ser mulher, oportunizando a libertação da mesma desses estereótipos. Assim como em “desconstruindo Amélia”, a personagem da música vai percebendo-se como sujeito no mundo, e a partir dessa percepção assume sua condição e também possibilidades: “E eis que de repente ela resolve então mudar/ Vira a mesa, assume o jogo/ Faz questão de se cuidar / Nem serva, nem objeto/ Já não quer ser o Outro/ Hoje ela é Um também”.

Apontamos que a autora da música faz uma referência clara à obra *O segundo sexo* ao afirmar que Amélia “já não quer ser o Outro” e “hoje ela é Um também”, pontos importantes dos feminismos. Com base nessas informações, perguntamos quais seriam as contribuições das lutas feministas para a desconstrução da “Amélia”, da ideia da mulher de verdade. Apontaram que era “fazer pensar sobre elas mesmas”, “entender que tem muitas iguais”, “que a mulher pode se bastar, não precisa de homem pra ser livre”, “que podem ser o que quiserem”.

Recapitulando a aula anterior, na qual perguntamos o que seria feminismos, voltamos a apresentar a imagem 1, perguntando se haviam pensado a respeito, o que pensavam sobre feminismos após a discussão? Seria aquela imagem uma

representação verdadeira dos feminismos? Uma mulher buscando ser superior ao homem? Alguns alunos se posicionaram pelo chat, dizendo imagem não representa as lutas feministas, mas afirmaram que muita gente entende feminismos como “a mulher querer ser mais que o homem”.

Acerca dessa desse antagonismo que confunde luta por igualdade, com uma busca por superioridade, hooks (2019) aponta como raiz dessa dicotomia, características das sociedades ocidentais, como a opressão e exclusão de grupos, pela hierarquização do conhecimento, da luta pelo poder, em que só se pode pensar na liberdade e no conhecimento de um pela anulação do outro.

Sobre as lutas feministas, apontamos que antes de Beauvoir muitas outras mulheres protestaram contra a dureza de seu destino, bem como também homens defenderam os direitos das mulheres, falaram da igualdade de condições que deveriam ser a elas ofertadas³⁵. Portanto, a despeito do senso comum, Beauvoir não foi a primeira feminista, esclarecendo ainda que os movimentos feministas não nasceram com ela. Mas que a construção dessa ideia faz parte do silenciamento e apagamento das mulheres na história da humanidade.

Apresentamos, a título de exemplo de outras mulheres que lutaram pela igualdade, Olympe de Gouges que participou ativamente na Revolução Francesa, e escreveu em 1789, a *Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, em simetria com a *Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão* (BEAUVOIR, 2019, Vol. I).

Perguntamos quem já tinha ouvido falar sobre a Revolução Francesa e as duas declarações citadas. As alunas e alunos demonstraram ter conhecimento acerca da revolução e da declaração dos direitos do homem, mas afirmaram nunca terem estudado sobre Gouges ou sobre a declaração por ela escrita³⁶.

Comentamos que em relação a essa lacuna no conhecimento a respeito de Gouges e de sua participação na Revolução Francesa, assim como de muitas outras mulheres, Beauvoir faz uma crítica a forma como o mundo pertente aos machos, no sentido de que a história como a conhecemos foi escrita por homens, e muitas

³⁵Dentre muitos nomes citados por Beauvoir: mulheres – Safo, Christine de Pisan, Mary Wallonescraft, Olympe de Gouges, Claire Bazard; homens – Poulain de la Barre, Diderot, Stuart Mill, Condorcet.

³⁶ Respostas no chat: Aluna 1: Nunca ouvi falar; Aluno 1: Eu não !!😊; Aluno 2: Tô lembrado não kkk; Aluna 3: Não me recordo desse nome; Aluno 3: Eu naao! Aluna 4: Já, num documentário que assisti em casa.

mulheres, a exemplo de Gouges que lutaram por direitos iguais foram silenciadas (2019, vol. II).

Perguntamos como elas e eles pensavam que seria uma feminista, um aluno respondeu “Uma mulher que luta pela igualdade. Em questão social, financeira...”. Retomando a música trabalhada durante a aula, apontamos que somente quando a mulher “vira a mesa e assume o jogo”, ou seja, da luta e da tomada de consciência sobre si mesma e sobre as regras, é que ela atinge a liberdade.

Muitas vezes acusada de revoltada, pois buscando igualdade, autonomia, respeito e reconhecimento de si como Um, ela transgride as normas patriarcais. Com isso, ela busca não somente alcançar a liberdade, mas, constituir-se como Um, como essencial, cuja existência justifica-se por si mesma, como Um e não como Outro, busca construir-se a partir de si e para si.

Observamos que a participação no chat foi bem maior comparando às aulas anteriores. Um aluno chegou a dizer com ironia “A movimentação no chat tá pouca hoje ;-;”. Algumas vezes, precisávamos dar uma pausa para ler, acompanhar os comentários, ajustar a fala nossa e chamar a atenção para que não perdessem o foco na discussão. As conversas no chat iam do assunto tratado às demonstrações de afeto e lembranças da escola; assim como expressavam a vontade de dar continuidade ao tema discutido.

4.3 CULTURA E NATUREZA – CONSTITUIÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE FEMININO/ MASCULINO.

Para realização dessa aula, contamos com a parceria do professor de sociologia, Leonardo Siqueira Antonio, docente do Instituto Federal, em Santana do Ipanema – AL, doutor em Antropologia Social, pela USP. Também, possui formação Clínica em Psicanálise (Fórum do Campo Lacaneano, FCL, Brasil).

Convidamos o professor, por acreditarmos na contribuição que a abordagem interdisciplinar pode ofertar, também por desejarmos desenvolver um diálogo do lugar de fala do homem, talvez isso ajudasse na percepção que o machismo também é um problema para os homens, como apresentam Hooks (2019a, 2019b, 2019c), Tiburi (2019) e Adichie (2015) e Ribeiro (2019).

Compreendendo que os feminismos representam também fazer “que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar” (RIBEIRO, Djamil, 2019, p. 85), intencionamos fazer com que aqueles que se situam num lugar de privilégio, também se pensem, se percebam como constructos culturais e possam vislumbrar as várias possibilidades de existência.

Antes da realização da aula, discutimos os dados coletados através do formulário Filosofia e feminismos e o que já tínhamos trabalhado na aula: nem serva, nem objeto – a mulher em Simone de Beauvoir. Concordamos que trabalharíamos com a temática: cultura e natureza – constituição de estereótipos de feminino/masculino.

Buscamos com essa temática, apresentar possibilidade de desconstrução de ideias de masculinidade/feminilidade baseadas, essencialmente, nos fatores biológicos, bem como dos papéis, culturalmente, estabelecidos como naturais.

Retomando da aula anterior, Beauvoir afirmando que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (2019, Vol. II. p. 11), está erguendo a discussão de que nossos comportamentos como mulher, assim como homem consistem numa aprendizagem. Embora ela ainda não tivesse acesso ao termo gênero, sua afirmação apresenta como a identidade é uma construção cultural, dando uma importante contribuição aos estudos de gênero, pela compreensão de que não são os fatores biológicos determinantes para a construção de masculinidades ou feminilidades (Saffioti, 2000).

Esse é um conceito que estará presente em muitas lutas feministas, pela concepção de que aprendemos a agir de uma forma ou de outra, não pelo sexo (biológico), mas pela cultura, na qual estamos inseridos.

Na expressão “bela, recatada e do lar”, se coloca a mulher como objeto de admiração: o corpo para agradar, para servir; assim como a aloca em um determinado espaço e comportamento. É um estereótipo de como deve ser o feminino, ou seja, uma definição de como todas mulheres deveriam ser e se comportarem. Mas haveria também o contrário disso? Estereótipos de masculinidade?³⁷

³⁷ Participação pelo chat: Aluna 1: homem tem que ir na academia praticar exercícios; Aluno 1: Precisa ser confiante😊😊; Aluno 2: Homem tem que ser forte, confiante; Aluno 1: Não pode ser magro, feito um talo de macaxeira; Aluna 2: A mulher tem que ser "pura", tem que se guardar para o homem; Aluna 3: A mulher tem que ser um objeto sexual mais atrativo para os homens do que as outras mulheres; Aluno 3: Ser trabalhador, minhas mãos tem calos de tanto trabalhar.

Quando se pergunta: o que é um homem? O que é uma mulher? Cada pessoa pensará numa definição que será mais ou menos próxima, pela mentalidade coletiva, ou seja, pela construção que fizemos culturalmente do que seria masculino e feminino, das noções adquiridas, aprendidas no seio da sociedade da qual fazemos parte. Qual seria, pois, a mentalidade coletiva, cultural do que seria o homem e a mulher em nossa sociedade? Como são compreendidas essas noções do corpo, dos relacionamentos e dos afetos? E seria essa ideia sempre igual em todos os tempos e lugares? ³⁸

Na sociedade ocidental, costumamos pensar essas questões, a partir da não distinção do que é cultural e do que é natural. Dessa forma, de uma maneira geral, essas definições apresentadas, são compreendidas como características naturais, não como uma ideia, uma construção cultural.

A sociedade coloca, assim, as concepções de masculinidade e feminilidade sob o domínio da natureza, como verdade absoluta. Como exemplo, vejamos os traços de personalidade apontados no questionário Filosofia e feminismos considerados mais comuns a cada sexo (gráfico 04): homem: forte, cruel, valente; mulher: frágil, sensível e gentil.

Podemos afirmar que todo homem é mais forte que toda mulher? Que "homem não chora" porque lhe falta a vontade de chorar? Ou que todas as mulheres são mais sensíveis que os homens? Pelo que foi apontado no questionário, como traço de personalidade mais comum: 81% apontou que ser sensível é uma característica da mulher, ninguém apontou como sendo uma característica do

³⁸ Aluna 3: Até hoje dizem que lugar de mulher é na cozinha, se o homem ficar com várias mulheres é pegador, já se a mulher ficar com vários homens ela não presta; Aluno 1: Mas pegação não é amor. Aluno 1 Essa questão da mulher se guardar para o homem: eu acredito que nós oferecemos valores e não as curvas do corpo! Deveríamos guardar esse valores para oferecer de forma recíproca para a pessoa com quem iremos se relacionar; Aluna 2: Você é casado? Quando você olha pra sua esposa ou qualquer outra mulher qual a primeira coisa que vem na sua mente? Que é um ser sexual ou intelectual? Aluna 4: A questão do "valor"(se guardar), na minha opinião, varia dependendo da religião. Se a sua religião fala isso, que você tem que "se guardar" para poder ser vista como uma mulher de valor, cabe a mulher escolher se quer isso ou não, se acha isso certo ou não. Ela é livre pra escolher o que quiser; Aluno 1: Exatamente. E também mulher em matrimônio se faz imagem da vida com seu esposo, e em virgindade imagem da igreja amada por Cristo; Aluna 4: você acha que esse "se guardar" cabe aos dois ou apenas a mulher? Aluno 1: Na minha doutrina cabe aos dois! Pois o sexo antes do matrimônio é chamado de Fornicação!! Aluna 2: É uma escolha recíproca, que ótimo. Aluno 3: Opaaa! Ótimo assunto! Gostei.

homem. Será mesmo que o homem não é sensível, ou será que ele não pode demonstrar essa sensibilidade, por se considerar um sinal de fraqueza?³⁹

A criança do sexo feminino é educada para cuidar, para se resignar (se guardar), ter um papel passivo (frágil); enquanto que a criança que nasce do sexo masculino, desde cedo é impelida a desenvolver uma liberdade para com o mundo, agir, ser forte, passar o papel de segurança. A autora Nigeriana Shimamanda Ngozi Adichie, fala que a educação que damos aos meninos abafa sua humanidade ao ensinarmos que “eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis, precisam esconder quem realmente são porque eles têm que ser homens duros” (2015, p.29). Ou como se diz aqui no nordeste do Brasil: tem que ser “cabra macho”.

A compreensão de que as identidades, as idealizações sobre ser mulher, ser homem se constroem social e culturalmente, enquanto inseridos em determinadas circunstâncias, nos ajuda a compreender que não há um modo de ser mulher, assim como não há um modo de ser homem, mas que existem modos singulares e plurais de ser. Que nossas ações “transitam”, se deslocam, entre comportamentos que não são nem naturalmente femininos, nem naturalmente masculinos, mas constructos culturais. Então, é comum se ouvir nessa sociedade pensamentos formados expressos em palavras, que naturalizam as condutas: “você se comporta como um homem ou você está agindo como uma mulher”.

Dizemos que são modos singulares pela compreensão e interpretação que cada um faz de sua e das outras existências, plurais porque é nessa relação e interlocução com a diversidade de modos de ser, que nos fazemos, que nos realizamos enquanto pessoas, que diferente de outros animais, cujos dados biológicos determinam sua existência, no caso humano:

[...] seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores (BEAUVOIR, 2019, Vol I. p. 64).

³⁹ Aluno 1: Homem chora sim. Eu por exemplo ;-; e não sou menos homem por isso; Aluno 2: até Jesus chorou; Aluna 1: Nunca deixaram eu brincar de outra coisa só de boneca, e se o menino brincasse de boneca? Aluna 2: Cuidando da casa, dos irmão menores, se homem também fizesse isso aprendia a cuidar; Aluna 3: Vai que ele aprenda a ser gentil 🙏

Dizer que a fisiologia não pode criar valores, significa que não é um dado biológico que determina códigos, como “homem não chora”, “dança não é coisa de homem”, “lugar de mulher é dentro de casa”, essas e outras expressões são conceitos culturais, são aprendidos.

Para Beauvoir, a natureza exerce um importante papel nas aprendizagens que fazemos sobre o que é ser uma mulher, pois os dados biológicos:

[...] desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. Em todas as nossas descrições ulteriores, teremos que nos referir a eles. Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. (BEAUVOIR, 2016a, p. 60).

O corpo, entendido aqui como os dados físicos e biológicos recebidos (a natureza), fará a apreensão do mundo a sua volta, através de mediações múltiplas e contínuas, pelas quais o sujeito vai construindo sua identidade.

O fato de a mulher menstruar, gestar e parir, por exemplo, são determinações naturais, ou seja, tem relação com o sexo biológico; no entanto a cobrança para que seja “recatada”, “do lar”, responsável pelos cuidados domésticos, é um fator cultural. De acordo com Beauvoir, em algumas culturas, perder a virgindade fora do casamento constitui para a mulher, um pesado handicap, se constitui um desastre; ela perde seu valor, seu prestígio social. Assim como em muitas culturas, o homem precisa afirmar sua virilidade, perdendo cedo a virgindade; também, não pode dizer não para uma mulher.

Podemos, pois, perceber que longe dos feminismos representarem uma “guerra” contra os homens, trata-se de uma luta que também pode beneficiá-los, pois se o patriarcado oprime a mulher, também impõe ao homem determinados papéis. Os feminismos, portanto, não excluem, pois:

sendo homens e mulheres seres complementares na produção e reprodução da vida, fatos básicos da convivência social, nenhum fenômeno há que afete a um, deixando de atingir o outro sexo. A não percepção deste fato tem conduzido a concepções fechadas de masculinidade e feminilidade (Safiotti, 2013 p. 34).

Talvez, seja esse um dos caminhos, para a convivência entre mulheres e homens, das mulheres e dos homens entre si: duvidar das “verdades” postas como

“naturais”; desbravar o mundo, com mais conhecimento de si e menos “certezas” sobre outros corpos, pois como sou singular nos meus gostos, afetos, o outro também o é, ou seja: o outro também é Um. Só posso desvendar o que é uma mulher, o que é um homem em cada caso em particular, tentando acessar sua singularidade e isso só pode ser feito a partir da cuidadosa e respeitosa curiosidade, de olhar nos olhos desse outro, que também é Um.⁴⁰

⁴⁰ Aluna 3: Ótima aula 😊👏👏👏👏👏👏; Aluno 1: Que pena queria mais, mas já foi de grande aprendizado; aluna 4: Tchau👋, aula proveitosíssima 😊👏

5. SEM ENCERRAR

O certo é que até aqui as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade e que já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte. (BEAUVOIR, 2019, Vol. II, p.540)

Quando iniciamos os primeiros ensaios do presente texto, um amigo observou que a palavra “encerrar” encontrava-se em tantas partes da escrita, que até parecia que à mulher não restava opção, a não ser resignar-se aos papéis e modelos que já tinham sido para elas constituídos pela sociedade patriarcal.

Foi então tentando compreender que opções podemos encontrar, enquanto mulheres num mundo dominado pelo patriarcado, para a liberdade de ser e existir sem encarceramentos em predefinições do que é ser mulher, do que é ser feminista.

Talvez uma das maiores contribuições da filósofa Simone de Beauvoir, tenha sido a de apresentar a mulher enquanto construção. Portanto não encerradas em definições decisivas e universais, naturalizadas por bases biológicas e religiosas que disseminam o “é assim, porque tem que ser”, como se nos modos de desejar, sentir, relacionar-se, maternar (ou não), todas fôssemos iguais.

Reconhecemos que existe um lugar próprio da fala de Simone e que, certamente muitas das suas postulações, estão consoantes ao seu entorno, ao seu contexto. Ela mesma diz que *O Segundo Sexo* foi concebido quase que fortuitamente querendo falar de si mesma, mas que a partir das pesquisas que foi realizando, começou a “olhar as mulheres com um olhar novo e fui indo de surpresa em surpresa. É estranho e estimulante descobrir de repente, aos quarenta anos, um aspecto do mundo que salta aos olhos, e que não era percebido” (2018b, p. 189).

Dessa forma, foi em parte reconhecendo que, determinadas circunstâncias de sua existência, poupou-lhe de muitas obrigações às quais as mulheres de sua época eram sujeitadas, que começou a perceber que havia uma condição feminina. E foi no esforço de definir as particularidades dessa condição, que escreveu *O segundo sexo*. Dessarte, embora não desenvolva sua pesquisa interseccionando outras formas de opressão como raça e classe, ela oferece premissas para pensar não qualquer mulher no abstrato, mas essa que foi massacrada em diferentes culturas. Além disso, reforça em diversos pontos de sua escrita que as possibilidades da mulher dependem da situação econômica e social.

Criticada também por feministas em seu tempo, dentre outros motivos, por denunciar a falta de solidariedade entre as mulheres: “burguesas, são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres pretas” (2019, vol I, p. 16).

No entanto, nos dias atuais situação similar é apontada por hooks (2019c), pois ao observarem as diferenças entre as experiências construídas por mulheres brancas, e mesmo dentro de um mesmo grupo étnico, em que uma crescia num contexto rural e outra num subúrbio burguês; muitas feministas são levadas a valorizar uma experiência em detrimento da outra.

Tanto Beauvoir (2019, Vol. II) quanto hooks (2019a, 2019c) apontam a desobediência e a luta coletiva como caminhos para a libertação da mulher. Também propõem a recuperação das próprias experiências, e das experiências de outras mulheres para compreensão das diferentes trajetórias na recusa dos limites impostos

Aos que não têm a possibilidade de construir o que quer que seja; cumpri-lhes recusar os limites de sua situação e procurar abrir para si os caminhos do futuro; a resignação não passa de uma demissão e de uma fuga; não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação. Essa libertação só pode ser coletiva (BEAUVOIR, 2019, vol. II, p. 439).

Hooks, ao celebrar um ensino que permita transgressões, faz um convite à renovação e rejuvenescimento de nossas práticas de ensino, para que todas e todos que tenham interesse de fazer do espaço educativo um lugar de aprendizagem “abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além da fronteira do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões – num movimento contra as fronteiras e para além delas” (2019a, p. 24).

Em termos de pesquisa acadêmica, pensando a conclusão do curso, chegamos ao fim, porém não entendemos como encerramento, como algo acabado. cremos que outras leituras podem suscitar polissemia do que aqui se pensou e do que aqui se fez, entrelaçando-se com experiências de outras mulheres – professoras, alunas, aprendizes da vida, revelando a incompletude do que aqui está posto e propondo outros caminhos de ensinar e aprender, de ser e de viver as existências singulares que os feminismos propõem como modos plurais.

Quanto às contribuições da pesquisa para o ensino de Filosofia, acreditamos que a metodologia de pesquisa-ação, através da qual “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo

mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005, p.446), atende ao que se pretende no ensino de Filosofia. Isso ocorre, tanto na pela própria noção de criticidade da Filosofia, quanto pela necessidade de pensar o ensino de Filosofia dentro de contextos específicos, acrescentando, na pesquisa outras variáveis, como fatores socioeconômicos, religião, raça; bem como outras demandas, suscitadas no contexto educativo.

Em relação ao tema, pensamos ser extremamente relevante, uma vez que um movimento feminista politizado, teoricamente engajado, pode tornar-se uma revolução contra toda “educação sexista, como por exemplo, a homofobia, o julgamento com base na aparência, o conflito entre as mulheres devido a práticas sexuais” (hooks, 2019c).

Pelas condições adversas de distanciamento social; bem como de tempo de realização entre pesquisa, ação e análise, não temos como mensurar resultados emancipatórios da intervenção. No entanto, podemos apresentar alguns retornos das aulas e alunos, que denotam uma significação positiva do trabalho realizado para quem dele participou. Numa pequena subversão, apresentaremos os textos como foram escritos, sem a normatização de espaçamento.

O que no início era amor, pouco a pouco se tornou pavor,
 Um alguém muito querido, do meu amor é desmerecido
 Por muito tempo sofri, mas hoje eu aprendi,
 Eu só preciso viver por mim, pois sou o meu próprio jardim
 Entendi que devo me cuidar, Aprendi a me valorizar,
 Hoje não vou mais implorar, o amor que eu mesma sei me dar (Aluna)

Aos meus pais um segredo decidi contar
 Fiquem calmo, no ponto irei chegar
 Reuni toda a família, e a eles fui falar
 Sou homossexual, vocês tem que me aceitar
 Meus pais logo falaram
 Tivemos um filho homem
 Um gay não vamos aceitar
 Preconceitos e xingamentos
 Ouvi dos meus pais e o povo falar
 Não foi uma escolha
 Pois se fosse, nunca iria me tornar
 Logo a depressão conseguiu me atacar
 Alguns sonhos destruídos
 Outros irei planejar
 E no meio da pandemia
 Uma atividade fui realizar
 Professora Marta no comando
 Tudo que perguntou resolvi falar
 Isso me fez refletir e a minha vida melhorar (Aluno)

Alguns professores ficam em nossa história pelo fato de nos ensinarem o que está escrito nos livros, o que apresenta em seu planejamento. Outros por nos ajudarem a construir a nossa história, por nos fazer PROTAGONISTA da nossa história. É assim, que percebemos você, Nossa querida Professora Marta Lemos! Obrigada por todos os ensinamentos na escola, para a escola e para a vida!⁴¹

O que falar de uma mulher?
 Mulher sabe o que quer
 Mulher tem firmeza
 E fala com clareza
 Mulher não é só beleza
 É a mais pura riqueza
 Ela é uma fortaleza
 Ela pode ser o que quiser
 Pense bem antes de fazê-la sofrer
 Pois isso vai doer
 Mas quando ela se reerguer
 Se prepare pra sentir o poder
 Poder para lutar
 E nunca deixar de sonhar
 Que todos os planos
 Ela vai realizar (Aluna)

De nossa tarefa como educadoras e educadores, que acreditamos ainda ser possível se pensar um mundo melhor, ainda há muito que se fazer. Parafraseando Beauvoir, a nossa tarefa é infinita, pois cada ação diz muito e muito pouco. “Ainda que se repita e se corrija durante dezenas de anos, não conseguirá nunca captar no papel, nem tão pouco em sua carne e seu coração, a realidade inumerável que a investe” (2018a. p. 494).

Acerca do tema, chamamos ainda a atenção que, no momento em que fazemos a revisão dessa escrita, uma ativista das lutas feministas no Brasil está sendo linchada nas redes sociais. Pela linguagem utilizada pelos seus agressores, percebemos que não há crítica embasada nas questões que defende, mas uma pichação dos feminismos e dela enquanto mulher⁴².

⁴¹ Homenagem feita pelo grêmio estudantil da escola, publicada no instagram da instituição, em decorrência do dia do professor.

⁴² Referimo-nos a professora Débora Diniz, antropóloga, pesquisadora, ensaísta e documentarista brasileira que desenvolve projetos de pesquisa sobre bioética, feminismos, direitos humanos e saúde. São apenas alguns dos termos utilizados para atacá-la: “feminista fedorenta, sovaco cabeludo, feia, estúpida, horrorosa, assassina, pedófila, seca, mal comida, mal amada, demoníaca, mentirosa, sapatão, desocupada” disponível em: https://www.instagram.com/p/CK-U_VVFbYreuEdUZbY_Cp0T0ieXi-opJGC6z00/ Acesso em 07 de fev. de 2021.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARONOVICH, Lola. Prefácio. In: LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos (Org.) **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Editora Massangana, 2016.

BARIFOUSE, Rafael. Após Enem, filósofa francesa ganha acusações de nazista e pedófila na Wikipedia. **BBC Brasil**. São Paulo, outubro 2015.

BASCUÑÁN, Màriam Martínez. **O feminismo que nasceu com Simone de Beauvoir**. El País, [S. l.], 6 jul. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/cultura/1562337766_757567.html> Acesso em: 18 de julho 2019.

BEAUVOIR, Simone. **A força da idade**. ed. 5. Tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **A força das coisas**. ed. 5. Tradução Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **Memórias de uma moça bem comportada**. ed. 7. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: a experiência vivida**. ed. 5. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. ed. 5. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BETIM, Felipe. As vozes da pequena grande batalha do Sesc Pompeia. **El País**. São Paulo, nov. de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html> acesso em 23 de julho de 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> acesso em 23 de junho de 2019.

CHAPERON, Sylvie. **Auê sobre O Segundo Sexo**. Cadernos Pagu. n. 12. Campinas: Publicações PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999, p. 37-53.

DINIZ, Leila. Leila Diniz. [Entrevista concedida a] Luiz Carlos Maciel, Sérgio Cabral e Tarso de Castro. O Pasquim. Rio de Janeiro, n. 22, p. 9-13, 20 nov. 1969. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pasta=ano%20196&pesq=Leila%20Diniz&pagfis=145>> Acesso em 15 de setembro de 2020.

DI PIERRO, Gabriel; ORTIZ, Marília. **Gênero fora da caixa**: guia prático para educadores e educadoras. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2011. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/diversidade/guia_genero_fora_da_caixa.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2019.

FARIA, Álvaro Alves de. Hilda Hilst: o grito de uma poeta universal. **Revista Caliban**. 30 de abril de 2020. Disponível em:<<https://revistacaliban.net/hilda-hilst-o-grito-de-uma-poeta-universal-afb07fb43c7f>> acesso em: 28 de agosto de 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FRANCO, Gláucia. Prefácio. IN: GOUGES, Olympe de. **Avante Mulheres**: declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos. Tradução: Leandro Cardoso Marques da Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

GARCIA, Dantielli Assumpção; PEINHOPF, Ana Deyse Rafaela. Mulheres e Filosofia: efeitos de um silenciamento. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, São Paulo: v. 23, n. 45, p. 164–189, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659387>> Acesso em: 17 jan. 2021.

GODINHO, Tatau. Mulheres brasileiras: reinventando a vida, a história, a cultura. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos (Org.) **Memória feminina**: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. p. 13-25.

GOLDENBERG, Mirian. Leila Diniz. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos (Org.) **Memória feminina**: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. p. 140-155.

GOUGES, Olympe de. **Avante Mulheres**: declaração dos direitos da mulher e da cidadã e outros textos. Tradução: Leandro Cardoso Marques da Silva. São Paulo: Edipro, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. ed. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. ed. 4. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. ed. 2. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP, 2014.

JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo**: diário de uma Favelada. ed. 10. São Paulo: Ática, 2014.

LERNER, Gerda. **A criação do Patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MASCARENHAS, Eduardo. Os interiores de Leila Diniz. **Almanaque O Pasquim**. Leila Diniz. p. 4 – 5. <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=124745&pasta=ano%20196&pesq=Leila%20Diniz&pagfis=22199>> acesso em 28 de setembro de 2020.

MATOS, Junot Cornélio. COSTA, Marcos Roberto Nunes. (org.) **Ensino de Filosofia**: questões fundamentais. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2014.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

OCKRENT, Christine. **O livro negro da condição das mulheres**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

PACHECO, Juliana (Org.) **Mulher e Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

PACHECO, Juliana; (Org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na Filosofia. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

PERES, Elena Pajaro. Carolina Maria de Jesus: insubordinação e ética numa literatura feminina de diáspora. In: ASSIS, Maria Elisabete Arruda de. SANTOS, Taís Valente dos (Org.) **Memória feminina**: mulheres na história, história de mulheres. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2016. p.88-97

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PITTY; MENDONÇA, Martin. Desconstruindo Amélia. São Paulo: União Brasileira de Editoras de Música – UBEM. Chiaroscuro. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009. (3 min 58 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ygcrcRgVxMI>>. Acesso em: 15 de julh. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólem, 2019.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. ed. 3. São Paulo: Aleph, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. ed. 3. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. ed. 2. São Paulo: Expressão popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

Santos, Cielle. Liberdade. In: HERRMANN, Chris (org). **Porque somos mulheres**. Antologia Digital I – Poesia Ser Mulherarte – Revista Feminina De Arte Contemporânea. São Paulo: 2020. Disponível em: <www.sermulherarte.com> acesso em: 15 de julho de 2020.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. Categorias epistemológicas em Simone de Beauvoir e Judith Butler. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 335-380. 1º sem. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7635>> acesso em: 12 de junho de 2019.

SANTOS, Magda Guadalupe dos. O Pensamento feminista-filosófico de Simone de Beauvoir. Revista Cult, São Paulo, ano 22, n. 10, jan. 2019, p. 14-17.

SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário Mulheres do Brasil – De 1500 até a atualidade**. ed. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SCHUMAHER, Schuma. **Gogó de Emas**: a participação das mulheres na história do Estado do Alagoas. Rio de Janeiro: REDEH, 2004.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e. BOMFIM, Edilma Acioli. **Dicionário mulheres de Alagoas**: ontem e hoje. Maceió: UFAL, 2007. p. 279-282.

SILVA, Vitória Régia da. No Brasil, 6 mulheres lésbicas são estupradas por dia. 22 de agosto de 2019. Disponível em <<http://www.generonumero.media/no-brasil-6-mulheres-lesbicas-sao-estupradas-por-dia/>> Acesso de 28 de julho de 2020.

SOUZA, Duda Porto de. CARARO, Aryane. **Extraordinárias**: Mulheres Que Mudaram o Brasil. Companhia Das Letras: São Paulo, 2017

STEVENS, Cristina. OLIVEIRA, Susane. ZANELLO, Valeska. SILVA, Edlene. PORTELA, Cristiane (org.). **Mulheres e violências**: interseccionalidades. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. ed. 10. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

TOLENTINO, Joana. Corpoder – Filosofias decoloniais: corpos, poderes e saberes. Problemata: R. Intern. Fil. v. 9. n. 3 p. 78-89, 2018.

TOLENTINO, Joana. Entre filósofas: gênero, decolonialidade e o lugar de fala das mulheres na Filosofia. Revista estudos de Filosofia e ensino, v. 1, n. 1, p. 92-110, 2019. Disponível em: <<https://revistas.cefet-rj.br/index.php/estudosdeFilosofiaeensino/article/view/369>> acesso em 20 de dez. de 2020.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

APÊNDICE A - FORMULÁRIO FILOSOFIA E FEMINISMOS

O objetivo deste formulário é perceber como os alunos e alunas do Ensino Médio compreendem comportamentos masculinos e femininos, e a delimitação (ou não) de espaços em decorrência do sexo. A pesquisa será utilizada na dissertação de Mestrado em Filosofia, feito na Universidade Federal de Pernambuco. A identidade dos alunos será mantida em sigilo, por isso, neste formulário não haverá espaço para colocar nome ou e-mail.

*Obrigatório

1. SÉRIE/ TURMA *

() 2º A

() 2º B

2. SEXO *

() Feminino

() Masculino

3. VOCÊ JÁ DEIXOU DE FAZER ALGO POR CONTA DO SEU SEXO? *

() Sim

() Não

4. O QUE JÁ DEIXOU DE FAZER POR CONTA DO SEU SEXO? (apenas para quem marcou sim na questão anterior)

5. QUAL A SUA IDADE*

() 15

() 16

() 17

() 18

() 19

() Entre 20 e 29 anos

() Mais de 30 anos

6. QUAIS REDES SOCIAIS VOCÊ USA? *

Marque todas que se aplicam.

- Facebook
- Instagram
- Whatsapp
- Nenhuma
- Outra:

7. COM QUEM VOCÊ MORA? (RESPONSÁVEIS) *

- Pai e mãe
- Pai
- Mãe
- Avós
- Outro: _____

8. QUEM É RESPONSÁVEL PELA MAIOR RENDA DA CASA? *

- Pai e mãe
- Pai
- Mãe
- Avós
- Outro:

9. NA SUA CASA, QUEM DETERMINA OS HORÁRIOS DE SAÍDA, NORMAS DE CONDUTA, PARA ONDE PODE E COMQUEM VOCÊ PODE SAIR, ETC...? *

- Pai e mãe
- Pai
- Mãe
- Avós
- Outro:

10. ASSINALE AS ATIVIDADES QUE VOCÊ EXECUTA EM CASA. (PODE SELECIONAR MAIS DE UMA) *

- Lava pratos Limpa a casa Lava roupa
- Cuida de um irmão ou irmã menor
- Carrega água para consumo da família
- Ajuda o pai nas atividades domésticas
- Ajuda a mãe nas atividades domésticas
- Ajuda o pai em atividades agrícolas (cortar palma, colocar água e comida para os animais. Etc)
- Ajuda a mãe em atividades agrícolas (cortar palma, colocar água e comida para os animais. Etc)
- Outras:

11. PENSE UM POUCO SOBRE A SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA, QUAIS DESSAS FRASES JÁ TE DISSERAM? (PODE SELECIONAR MAIS DE UMA)

- Pare de chorar, homem não chora
- Se sente como uma mocinha
- Se namorar demais nenhuma mulher vai querer casar contigo
- Se namorar demais nenhum homem vai querer casar contigo
- Contarei tudo a seu pai quando ele chegar

12. EM RELAÇÃO A CONSTITUIR UMA FAMÍLIA E FILHOS/FILHAS, VOCÊ CONSIDERA QUE:*

- É mais importante para as mulheres
- É mais importante para o homem
- É importante para homens e mulheres
- Não é importante para nenhum dos dois

13. VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE TENHA DESISTIDO DE ESTUDAR POR CONTA DO COMPANHEIRO/COMPANHEIRA?*

- Sim, mulher que o companheiro (a) proibiu
- Sim, homem que a companheira (o) proibiu
- Não conheço

14. SE VOCÊ SÓ PUDESSE ESCOLHER UMA OPÇÃO ABAIXO PARA REALIZAR NA VIDA, QUAL SERIA? *

- () Fazer faculdade
- () Arranjar um emprego
- () Ter filhos
- () Casar

15. QUANTO A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR E TER UMA CARREIRA VOCÊ ACHA QUE: *

- () É mais importante para a mulher
- () É mais importante para homens
- () É igualmente importante para os dois

16. RELACIONE OS CURSOS (PROFISSÕES) QUE VOCÊ CONSIDERA QUE DEVAM SER EXERCIDAS POR HOMEM OUPOR MULHER: *

	HOMEM	MULHER
Biologia		
Contabilidade		
Economia		
Pedagogia		
Zootecnia		

17. RELACIONE OS TRAÇOS DE PERSONALIDADE QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS COMUM EM HOMEM OU MULHER: *

	HOMEM	MULHER
Forte		
Frágil		
Gentil		
Independente		
Cruel		
Sensível		
Rebelde		
Valente		
Tolerante		
Paciente		
Racional		

18. ANALISE AS AFIRMATIVAS ABAIXO, MARCANDO DE ACORDO COM O QUE VOCÊ PENSA A RESPEITO (5 - Concordo totalmente 4 - Concordo parcialmente 3 - Discordo totalmente 2 - Discordo parcialmente 1 - Não tenho opinião sobre esse assunto) Marcar apenas uma por linha.

	5	4	3	2	1
a. O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento					
b. Uma mulher pode abandonar mais facilmente os estudos, a profissão logo que encontra um marido					
c. A mulher deve se subordinar ao homem (pai, irmão ou marido)					
d. Os pais criam os meninos com mais liberdade. As meninas devem ficar em casa, nas festas devem ir sempre acompanhadas.					
e. De uma maneira mais ou menos velada, a moça consome-se na espera de um homem para casar.					
f. Hoje em dia, é mais fácil a mulher escolher seu destino, porém ela tem mais dificuldade do que o rapaz em se realizar como indivíduo autônomo.					

19. SELECIONE E ESCREVA ABAIXO DUAS DAS AFIRMATIVAS ACIMA, SOBRE AS QUAIS VOCÊ GOSTARIA DE DISCUTIR: *

20. ESPAÇO ABERTO PARA CRÍTICAS, SUGESTÕES, PERGUNTAS:

ANEXO A - IMAGEM UTILIZADA NA AULA FILOSOFIA E FEMINISMOS:
PESQUISA SOBRE A COMPREENSÃO DE ALUNAS E ALUNOS ACERCA DE
COMPORTAMENTOS “MASCULINOS” E “FEMININOS”



(disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCmNKrFJcV4/>)

ANEXO B – CONVITE PARA A AULA: NEM SERVA, NEM OBJETO: A MULHER
EM SIMONE DE BEAUVOIR

*Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também*

(Desconstruindo Amélia - Pitty)

**FILOSOFIA E
FEMINISMOS**



<https://meet.google.com/fzx-fufa-nbn>
Sexta-feira, 14/08 às 9h